

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Fernanda Bondam Soppelsa

**Regionalidade e tradução em *Aventuras de Tom Sawyer*, de Monteiro Lobato**

Caxias do Sul  
2015

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

Fernanda Bondam Soppelsa

**Regionalidade e tradução em *Aventuras de Tom Sawyer*, de Monteiro Lobato**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Olívia Mantovani Dal Corno

Caxias do Sul  
2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
UCS - BICE - Processamento Técnico

S712r Soppelsa, Fernanda Bondam, 1989-  
Regionalidade e tradução em Aventuras de Tom Sawyer, de Monteiro  
Lobato / Fernanda Bondam Soppelsa. - 2015.  
96 f. : il ; 30 cm

Orientadora: Profa. Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, Programa  
de Pós-Graduação do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade,  
2015.

1. Tradução e interpretação. 2. The adventures of Tom Sawyer (Obra  
literária). 3. Twain, Mark, 1835-1910 – Crítica e interpretação. 4. Lobato,  
Monteiro, 1882-1948 - Tradutores. 5. Regionalidade na literatura. I.  
Título.

CDU 2. ed.: 81'255.4

Índice para o catálogo sistemático:

- |   |                      |
|---|----------------------|
| 1. Tradução e interpretação                         | 81'255.4             |
| 2. The adventures of Tom Sawyer (Obra literária)    | 821.111(73)-311.3    |
| 3. Twain, Mark, 1835-1910 – Crítica e interpretação | 821.111(73)-311.3.09 |
| 4. Lobato, Monteiro, 1882-1948 – Tradutores         | 81'255.4             |
| 5. Regionalismo na literatura                       | 82-027.541           |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
Ana Guimarães Pereira – CRB 10/1460

**Regionalidade e tradução em Aventuras de Tom Sawyer,  
de Monteiro Lobato**

Fernanda Bondam Soppelsa

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, Área de Concentração: Estudos de Identidade, Cultura e Regionalidade. Linha de Pesquisa: Língua, Cultura e Regionalidade.

Caxias do Sul, 17 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

  
Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno  
Universidade de Caxias do Sul

  
Dra. Heloisa Pedroso de Moraes Feltes  
Universidade de Caxias do Sul

  
Dr. João Claudio Arendt  
Universidade de Caxias do Sul

  
Dra. Juliana Steil  
Universidade Federal de Pelotas

*“[...] traduzir, editar uma tradução, não significa apenas ocupar-se com uma operação de natureza linguística, é também tomar uma decisão que põe em jogo um equilíbrio cultural e social.”*

*Yves Chevrel*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o apoio e por sempre acreditarem em mim.

Ao professor, coordenador do programa e amigo João Cláudio Arendt, pela constante ajuda e disponibilidade.

À professora e amiga Carmen, pelo apoio e pelo empréstimo de grande parte da bibliografia utilizada nesta dissertação. E por presentear-me com um exemplar da obra em Inglês, *The Adventures of Tom Sawyer*.

À professora Heloisa, pelo apoio, pelas palavras de incentivo, e pelo convite a mim feito para participar do projeto de pesquisa vinculado à Universidade de Lancaster (UK), intitulado “*Big data media analysis and the representation of urban violence in Brazil*”.

À minha orientadora, professora Giselle Olívia Mantovani Dal Corno.

Aos professores da banca, por tão prontamente terem aceitado o convite.

Ao Bruno Misturini, meu primo-irmão, *for always being by my side*.

À Larissa, secretária do Programa e amiga, pela amizade incondicional.

Ao meu amigo John Cauduro, pelo incentivo e por acreditar que eu fosse capaz.

À turma 12 do Mestrado, por terem feito parte deste momento.

À Fapergs, pelo subsídio financeiro que oportunizou a dedicação integral ao Mestrado.

A todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, participaram deste processo.

## RESUMO

Mark Twain, renomado autor realista e *local colorist*, é conhecido pelo seu estilo coloquial de escrever. A modalidade oral regional da língua inglesa é representada na fala dos personagens do romance *The Adventures of Tom Sawyer* (*Aventuras de Tom Sawyer*). Nesta dissertação, é feita uma análise comparativa entre alguns trechos da obra original de Mark Twain, publicada em 1876, e da tradução feita por Monteiro Lobato, em 1934. A partir dos conceitos de regionalidade apresentados por Arendt (2012) e Stüben (2013), o objetivo desta pesquisa é analisar as especificidades culturais da obra original e verificar de que forma o tradutor, Lobato, as transpõe para o texto da língua-meta, o português brasileiro. Além disso, a partir da análise dos trechos selecionados, são identificadas as técnicas tradutórias utilizadas por Monteiro Lobato, com base nas propostas de Vinay e Dalbernet (1971), Barbosa (1990) e Hurtado Albir (2001). Duas línguas nunca serão suficientemente iguais para serem consideradas representativas de uma mesma realidade cultural, sendo possível analisar se há perdas e ganhos na tradução, como corrobora Bassnett (2005). Nos moldes de Venuti (1995), verifica-se se a tradução é sobretudo domesticadora ou estrangeirizadora.

**Palavras-chave:** *The Adventures of Tom Sawyer*; Tradução; Domesticação; Regionalidade; Monteiro Lobato.

## ABSTRACT

Mark Twain was a prominent realistic author and local colorist, known by his colloquial style of writing. He represents the regional oral modality of the English language in the speech of the characters in the novel *The Adventures of Tom Sawyer* (*Aventuras de Tom Sawyer*). This master's thesis aims at comparatively analyzing parts of the original work by Mark Twain, published in 1876, and the translation made by Monteiro Lobato, from 1934. Using the concepts of regionality from Arendt (2012) and Stüben (2013), the objective of this research is to analyze the cultural characteristics of the original novel and verify how the translator, Lobato, transposes the text to the target language, Brazilian Portuguese. In addition, the translational techniques used by Monteiro Lobato are identified, based on the proposals by Vinay and Dalbarnet (1971), Barbosa (1990) and Hurtado Albir (2001). Two languages are never enough alike to be considered representative of the same cultural reality, so it is possible to analyze whether there are losses and gains in translation, as confirmed by Bassnett (2005). Following the ideas systematized by Venuti (1995), this work analyzes to what extent the selected translation is a domestication or keeps the cultural elements from the original novel.

**Key-words:** *The Adventures of Tom Sawyer*, Translation, Domestication, Regionality, Monteiro Lobato.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 .....	31
----------------	----

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.....	75
----------------	----

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 .....	53
QUADRO 2 .....	54
QUADRO 3 .....	54
QUADRO 4 .....	55
QUADRO 5 .....	55
QUADRO 6 .....	56
QUADRO 7 .....	57
QUADRO 8 .....	57
QUADRO 9 .....	57
QUADRO 10 .....	58
QUADRO 11 .....	59
QUADRO 12 .....	59
QUADRO 13 .....	60
QUADRO 14 .....	60
QUADRO 15 .....	61
QUADRO 16 .....	62
QUADRO 17 .....	62
QUADRO 18 .....	63
QUADRO 19 .....	63
QUADRO 20 .....	64
QUADRO 21 .....	64
QUADRO 22 .....	65
QUADRO 23 .....	66
QUADRO 24 .....	66
QUADRO 25 .....	67

QUADRO 26 .....	67
QUADRO 27 .....	68
QUADRO 28 .....	68
QUADRO 29 .....	69
QUADRO 30 .....	70
QUADRO 31 .....	70
QUADRO 32 .....	71
QUADRO 33 .....	71
QUADRO 34 .....	72
QUADRO 35 .....	72
QUADRO 36 .....	73
QUADRO 37 .....	73
QUADRO 38 .....	74
QUADRO 39 .....	74
QUADRO 40 .....	74
QUADRO 41 .....	77
QUADRO 42 .....	78
QUADRO 43 .....	78
QUADRO 44 .....	79
QUADRO 45 .....	80
QUADRO 46 .....	80

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 TRADUÇÃO E REGIONALIDADE COMO PROCESSOS CULTURAIS</b> .....	14
<b>2.1 A língua como representação cultural</b> .....	14
<b>2.2 A Regionalidade como categoria da tradução</b> .....	21
<b>2.3 Tradução</b> .....	24
2.3.1 <i>Apontamentos teóricos sobre tradução</i> .....	24
2.3.2 <i>A literatura traduzida como objeto de análise</i> .....	35
<b>3 CONTEXTUALIZAÇÃO DE MARK TWAIN E MONTEIRO LOBATO</b> .....	40
<b>3.1 <i>The adventures of Tom Sawyer</i>, de Mark Twain</b> .....	40
<b>3.2 <i>Aventuras de Tom Sawyer</i>, tradução de Monteiro Lobato</b> .....	47
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	53
<b>4.1 Análise dos trechos selecionados</b> .....	53
<b>4.2 Mark Twain: regional ou regionalista?</b> .....	76
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84
<b>APÊNDICE A</b> .....	89

# 1 INTRODUÇÃO

A tradução está entre nós há milênios. Há até mesmo aqueles que recorrem ao mito da Torre de Babel para tentar explicar a origem da tradução, o porquê de tantas línguas diferentes. A Torre de Babel, de acordo com o livro do Gênesis (11, 1-9), foi construída na Babilônia por descendentes de Noé, pois eles tinham a intenção de alcançar o céu através dela. De acordo com o mito, tal intenção provocou a ira de Deus, o qual resolveu castigá-los espalhando diferentes línguas por toda Terra.

Os estudos de tradução vêm se desenvolvendo cada vez mais, mas se engana aquele que pensa na tradução como algo distante da sua realidade, pois ela não se limita apenas a textos bíblicos, literários e poéticos. Ela faz parte do nosso dia-a-dia. A tradução está presente nos filmes que assistimos, nos noticiários, nos aeroportos, na internet e em outras formas de comunicação, e ela é fundamental nos mais variados campos de conhecimento e atividades da nossa sociedade. Assim, o tradutor é o responsável por esta importante e desafiadora tarefa de transpor um conteúdo de uma Língua-Fonte para uma Língua-Meta.

A presente pesquisa utilizará como objeto de estudo a obra *The adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain. Ele é um dos expoentes do regionalismo norte-americano, com uma vasta obra em prosa publicada em diversos países e em várias línguas. Considerado um autor *local colorist*, sua obra é comprometida com questões regionais, sendo os diálogos de seus personagens uma das formas mais evidentes de representação de uma identidade cultural, representativa da cor local. As inúmeras traduções, que foram feitas em língua portuguesa, desde a sua primeira publicação em 1876, serviram a diferentes públicos leitores. Assim, o tema dessa dissertação é a análise da tradução da referida obra do inglês de 1876, da região do Missouri (EUA), para o português brasileiro de 1934, da região de São Paulo (Brasil).

O objetivo desse trabalho será o de analisar a tradução dos dez primeiros capítulos da obra *Aventuras de Tom Sawyer*, feita por Monteiro Lobato (1934), com o intuito de verificar de que forma as regionalidades são transpostas para a Língua-Meta (o português brasileiro). Dessa forma, verificar-se-á se a realidade representada na tradução é compreensível para o leitor brasileiro, ou seja, se ocorre um processo de domesticação ou estrangeirização (VENUTI, 1995), ou ainda uma terceira, que é a proposta do conceito de “regionalização” como uma estratégia tradutória, por parte do tradutor, ou como categoria de análise de uma tradução, por parte do indivíduo que irá analisá-la. Por conseguinte, será possível constatar

em que medida Lobato conseguiu representar a cultura local brasileira. Para tanto, serão observados os recursos utilizados pelo tradutor, tais como: quais foram as estratégias de tradução empregadas, como ocorreu o processo de tradução das expressões idiomáticas (unidades fraseológicas) e se houve perdas e ganhos na tradução.

Para atingir os objetivos propostos, far-se-á, primeiramente, uma pesquisa qualitativa comparativa, amparada em teorias da tradução. Posteriormente, os resultados serão quantificados em gráfico. A abordagem qualitativa de estudo opõe-se àquele pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, que tem uma metodologia própria. Na pesquisa qualitativa, “o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p. 32). Esse tipo de pesquisa é considerado qualitativo, no sentido proposto por Ludke e André (1986, p. 18), porque “o estudo [...] se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Essa forma de pesquisar constitui-se com um olhar mais abrangente que possibilita repensar as práticas, atentando para detalhes, jeitos, gestos e falas, imprescindíveis na pesquisa a respeito de língua, cultura e tradução. Portanto, a pesquisa qualitativa preocupa-se, de acordo com Córdova e Silveira (2009), “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.”

No segundo capítulo, é apresentada a base teórica que subsidiará essa pesquisa. Inicialmente, é feita uma reflexão sobre os conceitos de cultura, bem como sua relação com a língua. Para tanto, são utilizados textos de Geertz (1989), Duranti (1997), Kramsch (2001), Cuche (2002), Pozenato (2003) e Oliven (2006).

Em seguida, são discutidos os conceitos de região, regionalidade e regionalização através dos textos de Pozenato (2003), Haesbaert (2010) e Arendt (2012). É realizada, também, uma importante distinção entre *literatura regional* e *literatura regionalista*, através de Stüben (2013). Essa distinção será de grande valia para a análise aqui proposta. Nessa mesma seção, é proposta uma nova abordagem para o termo “regionalização”, segundo a qual a regionalidade é vista como uma categoria de tradução ou foco de análise de uma tradução.

A terceira parte do segundo capítulo consiste na apresentação da base teórica de estudos de tradução, relacionando tradução, língua e cultura, através das ideias de Rónai (1981), Aubert (1994), Olmi (2001), Mendes (2002), Bassnett (2005) e Eco (2011). Além disso, são apresentados os conceitos de estrangeirização e domesticação, desenvolvidos por Venuti (1995), as estratégias de tradução, identificadas por Vinay e Darbelnet (1971) e Barbosa (1990) e pelas técnicas propostas por Hurtado Albir (2001), e são feitas uma

conceitualização e uma problematização da tradução de expressões idiomáticas, a partir das ideias de Xatara (1998) e Welker (2011). Em seguida, tem-se a apresentação de alguns estudos feitos no Brasil que envolvem a análise de traduções de obras literárias, demonstrando o ineditismo deste trabalho.

O terceiro capítulo tem por objetivo fazer uma contextualização histórica do autor da obra original, Mark Twain, bem como do tradutor, escritor e editor Monteiro Lobato. Além disso, será feita uma descrição da obra buscando apresentar suas principais características. A justificativa desse capítulo reside na busca de uma explicação para o uso de certas lexias e aspectos culturais manifestados na obra.

No quarto capítulo, será feita a apresentação e a análise dos dados, no qual será possível identificar quais as técnicas tradutórias mais utilizadas por Lobato, bem como se a tradução é domesticadora ou estrangeirizadora, e verificar-se-á se os objetivos foram atingidos. Essa pesquisa servirá como auxílio para aqueles que buscam aprofundar os estudos de tradução à luz da regionalidade.

## **2 TRADUÇÃO E REGIONALIDADE COMO PROCESSOS CULTURAIS**

Este capítulo visa a estudar as possíveis relações existentes entre as noções de língua, cultura e regionalidade e os estudos de tradução. Primeiramente, realiza-se uma reflexão sobre os diferentes conceitos de cultura, bem como sobre sua relação com a língua. Logo após, é feita uma breve discussão sobre a noção de regionalidade. Finalizando, discutem-se alguns aspectos dos estudos de tradução, tendo como foco os conceitos de estrangeirização e domesticação desenvolvidos por Venuti (1995), bem como problemas na tradução de expressões idiomáticas. Por último, pretende-se demonstrar como os estudos de tradução valem-se dessas noções de língua, cultura e regionalidade, as quais estão intrinsecamente ligadas.

### **2.1 A língua como representação cultural**

Ao se estudar cultura, é importante ter em mente que “o homem é essencialmente um ser de cultura” (CUCHE, 2002, p. 9). Para Cuche (2002), na cultura, pode-se encontrar a explicação da questão da diferença entre os povos, uma vez que a noção de raça como diferenciação de povos está totalmente desacreditada. Por essa razão, Cuche (2002) acredita que “a cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, a suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza” (CUCHE, 2002, p. 10). Por esse motivo, o autor afirma que a natureza é completamente interpretada pela cultura, e essa noção de cultura “se aplica unicamente ao que é humano. E ela oferece a possibilidade de conceber a unidade do homem na diversidade de seus modos de vida e de crença, enfatizando, de acordo com alguns pesquisadores, a unidade ou a diversidade” (CUCHE, 2002, p. 13).

A discussão sobre a noção de cultura é necessária ao se considerar que a linguagem é entendida como uma prática social e, portanto, cultural dentro da antropologia linguística. Nesse sentido, o estruturalista Lévi-Strauss relaciona linguagem e cultura por sua arquitetura semelhante:

o problema das relações entre linguagem e cultura é um dos mais complicados que existem. Pode-se primeiramente tratar a linguagem como um produto da cultura: uma língua em uso em uma sociedade reflete a cultura geral da população. Mas, em outro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; ela constitui um de seus elementos, [...]. Mas isso não é tudo: pode-se também tratar a linguagem como condição da cultura e por duas razões; é uma condição diacrônica, pois é sobretudo por meio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; educa-se, instrui-se a criança pela palavra; ela é criticada ou elogiada com palavras. Colocando-se em um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição da cultura, na medida em que a cultura possui uma arquitetura similar à linguagem (LÉVI-STRAUSS, 1968, p. 78-79).

Há várias definições de cultura: os europeus, no século XIX, por exemplo, utilizavam o conceito de que a “‘cultura’ é o que os ‘outros’ têm, o que os faz e os mantém diferentes, separados de nós<sup>1</sup>” (DURANTI, 1997, p. 23)<sup>2</sup>, para explicar os costumes das pessoas dos territórios que eles vieram a povoar e a conquistar. Hoje, a cultura é usada para explicar por que os grupos minoritários e marginalizados não imergem nas correntes principais da sociedade. Ambos os conceitos de cultura mencionados neste parágrafo apresentam problemas; no entanto, eles são pequenos em comparação ao perigo de evitar definir cultura, uma vez que ela pode ajudar a entender similaridades e diferenças nas maneiras como as pessoas ao redor do mundo se comportam.

Dentre as diversas teorias da cultura, Clifford Geertz estuda a cultura a partir de uma concepção interpretativa, ou seja, para ele a cultura não necessita ser estudada a partir de regras ou teorias comportamentais; a cultura está “lá fora”, pronta para ser interpretada.<sup>3</sup> Antes de elaborar a sua própria noção de cultura, Geertz (1989) apresenta onze conceitos de cultura listados por Clyde Kluckhohn:

(1) o modo de vida global de um povo; (2) o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo; (3) uma forma de pensar, sentir e acreditar; (4) uma abstração do comportamento; (5) uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente; (6) um celeiro de aprendizagem comum; (7) um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; (8) comportamento aprendido; (9) um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; (10) um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; (11) um precipitado da história (KLUCKHOHN apud GEERTZ, 1989, p. 14).

Entretanto, na opinião de Geertz, essas definições ocasionam uma espécie de difusão teórica, e ela gera autofrustração, porque há várias direções a percorrer com proveito, e é

<sup>1</sup> No original: “‘Culture’ is what ‘others’ have, what makes them and keeps them different, separate from us.”; Esta e as demais traduções de textos em inglês neste artigo são de minha responsabilidade.

<sup>2</sup> Duranti (1997) apresenta seis conceitos de cultura que serão apresentados ao longo do capítulo.

<sup>3</sup> É nesse sentido que, anos depois, Pozenato define cultura “como processo dinâmico, e, além disso, [...] um universo semiológico, um universo de sinais, que necessita de interpretação (2003, p. 104).”

necessário escolher. O conceito de cultura defendido pelo autor é essencialmente semiótico, e, ao acreditar, como Max Weber, que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1989, p.15), ele assume “a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 1989, p.15). Para isso, temos que entender a cultura como um sistema de significados. Geertz (1989) faz uso da abordagem semiótica para conceituar a cultura, pois seu propósito é “auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto mais amplo, conversar com eles” (GEERTZ, 1989, p. 35), permitindo à avaliação ser mais sistemática.

Geertz aborda a pesquisa etnográfica, feita pelos praticantes da antropologia social, para estudar a cultura. Praticar a etnografia é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 1989, p. 15), tornando, dessa forma, a cultura pública.

Considerando a cultura como sistemas entrelaçados de signos que podem ser interpretados, para Geertz a cultura não é um poder, ela é um contexto, algo dentro do qual esses sistemas podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, explicados com densidade a partir da prática etnográfica. Nesse caso, a cultura pode ser considerada um texto, logo, como tal, é possível que seja lida através de uma interpretação antropológica, não se pode a dissociar do que acontece, – “do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo vasto negócio do mundo” (GEERTZ, 1989, p. 28) – assim, se a divorciarmos das suas aplicações, ela se tornará vazia.

Outra visão comum da cultura é que ela é algo aprendido, transmitido, passado de uma geração à outra, através de ações humanas, e consequentemente, através da língua. Essa visão da cultura explica o porquê qualquer criança, independente da sua herança genética, vai crescer seguindo o padrão de cultura das pessoas que a criaram, assim como uma criança adotiva, passará a ser um membro da cultura dos seus pais adotivos, pois é através da língua que o indivíduo adquirire a cultura das pessoas com as quais ele vive. Para exemplificar tal fato, Oswalt (1986, p. 25) afirma que

na antropologia, a cultura é o padrão de características de comportamento aprendido e compartilhado entre um grupo de pessoas. Sua cultura é aprendida através de seus parentes e de outros membros de sua comunidade, assim como através de várias outras formas materiais, tais como livros e programas de televisão. Você não nasce

com a cultura, mas com a habilidade de adquiri-la através de alguns meios, como a observação, imitação, tentativa e erro<sup>4</sup> (OSWALT apud DURANTI, 1997, p. 24).

Essa noção de cultura é muitas vezes oposta à visão do comportamento humano como sendo um produto da natureza, ou seja, a cultura seria inata, o indivíduo já nasceria com uma cultura por meio da genética. A partir dessa oposição, o autor cita uma dicotomia que surge entre natureza e cultura que faz com que estudiosos perguntem-se o que faz os seres humanos especiais. A resposta para tal questionamento estaria ligada à língua, que é um exemplo de um cruzamento entre biologia, cultura, herança e aquisição. Natureza e cultura interagem de várias maneiras para gerar a singularidade das línguas humanas.

Franz Boas (1911), o fundador da antropologia americana, tomou a ideia de Immanuel Kant de que o nosso intelecto é a força maior para o entendimento do mundo. Boas (1911), que acreditava que a diferença fundamental entre os grupos humanos é de ordem cultural e não racial, define cultura como

uma soma das atividades e reações mentais e físicas que caracteriza o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social coletivamente ou individualmente, em relação ao seu meio natural, a outros grupos, aos membros do seu próprio grupo e a cada indivíduo em relação a ele mesmo. A cultura também inclui o produto dessas atividades e seu papel na vida desses grupos<sup>5</sup> (BOAS, 1911, p. 149).

A Franz Boas devemos a concepção antropológica do “relativismo cultural”. Para ele, “o relativismo cultural é antes de tudo um princípio metodológico” (CUCHE, 2002, p. 44), ou seja, ele recomendava a prudência, a paciência na hora da pesquisa, visto que ele acreditava que cada cultura era única e específica e que, então, não poderia ser comparada prematuramente a outras culturas na hora de ser interpretada. Para Boas, “cada cultura representava uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade. [...] Um costume particular só pode ser explicado se relacionado ao seu contexto cultural” (CUCHE, 2002, p. 45). De acordo com Cucho (2002), Boas, o fundador da etnografia, pensava que a tarefa do etnólogo era elucidar o vínculo que liga o indivíduo à sua cultura, pois,

---

<sup>4</sup> No original: “In anthropology a culture is the learned and shared behavior patterns characteristic of a group of people. Your culture is learned from relatives and other members of your community as well as from various material forms such as books and television programs. You are not born with culture but with the ability to acquire it by such means as observation, imitation, and trial and error.”

<sup>5</sup> No original: “Culture may be defined as the totality of the mental and physical reactions and activities that characterizes the behavior of the individuals composing a social group collectively and individually in relation to their natural environment, to other groups, to members of the group itself and of each individual to himself. It also includes the products of these activities and their role in the life of the groups” (Boas 1911, p. 149).

para ele, cada cultura é única, específica. [...] Para ele, cada cultura representava uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade. Daí sua preocupação de não somente descrever os fatos culturais, mas de compreendê-los juntando-os a um conjunto ao qual eles estavam ligados. Um costume só pode ser explicado se relacionado ao seu contexto cultural (p. 45).

Ao considerar essa noção de “relativismo cultural”, pode-se dizer que, sendo a linguagem o principal meio de conduzir a vida social, na comunicação, ela se liga à cultura de várias complexas maneiras. Através de aspectos verbais e não-verbais, a linguagem incorpora a realidade cultural.

De acordo com Kramsch (1998), em 1930, os linguistas americanos Edward Sapir e Benjamim Lee Whorf, que estudaram como as línguas variam, sugeriram que as pessoas aprendem a pensar de acordo com seu idioma nativo. Essa ideia de que a visão de mundo e a atividade mental dos falantes são influenciadas pela língua é conhecida como “relatividade linguística”, uma vez que as pessoas pensam de determinada maneira porque suas línguas lhes oferecem diferentes modos de expressar o mundo através delas.

A partir desses estudos, em 1940, Sapir e Whorf formularam duas hipóteses acerca do relativismo linguístico. A primeira delas, a hipótese forte, aponta para o fato de que “a língua determina a maneira que pensamos” (KRAMSCH, 1998, p. 13) e que “as categorias linguísticas ‘ditam’ as formas de ver e os modos de pensamento” (DELBECQUE, 2006, p. 179), ou seja, a língua determinaria o pensamento de quem a fala. A segunda, a hipótese fraca, “postula apenas que a língua tem como efeito tornar mais ‘fáceis’ os modos de pensamento que seguem as categorizações inscritas no sistema linguístico” (DELBECQUE, 2006, p. 179). Nessa visão mais branda, as categorias linguísticas e o uso podem influenciar o pensamento.

Com base nisso, não restam dúvidas de que a maneira através da qual pensamos o mundo é influenciada pela língua que falamos. Duas línguas nunca serão suficientemente iguais para serem consideradas representativas de uma mesma realidade cultural, pois, de acordo com Cuche, “cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este ‘espírito’ próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos” (2002, p. 45). Considerando a hipótese de Sapir-Whorf e suas respectivas versões, forte e fraca, hoje podemos dizer que predomina a versão fraca, considerando que a língua apenas influencia o modo de pensamento, mas não o determina. A versão forte, se levada ao extremo, pode até causar preconceito e racismo.

Nessa perspectiva, a língua faz parte da cultura, pois as línguas categorizam o mundo natural e cultural. As línguas são ricos sistemas de classificação que nos dão informações importantes ao estudarmos alguma crença ou prática particular de uma cultura.

Ao se considerar que a cultura é aprendida, ela também pode ser pensada em termos de conhecimento. Entretanto, isso não significa que membros de uma determinada cultura deverão somente saber identificar determinados objetos, certos fatos ou pessoas, mas, além disso, significa que eles têm o mesmo padrão de pensamento, maneiras de entender o mundo, fazendo inferências ou previsões. E nessa visão cognitiva da cultura, aprendê-la é como aprender uma língua, descrever uma cultura é como descrever uma língua: ambas são realidades mentais. Nessa visão, para que o indivíduo exerça uma participação competente dentro de uma comunidade, é necessário que ele tenha conhecimento proposicional e conhecimento processual. O proposicional diz respeito às crenças que podem ser representadas por proposições do tipo “gatos e cachorros são animais de estimação, fumar faz mal à saúde, bebês recém-nascidos não podem engatinhar”<sup>6</sup> (DURANTI, 1997, p. 28). Já o conhecimento processual é aquele que o indivíduo tem acerca do “processo” necessário para se atingir um objetivo específico, ou seja, saber reconhecer se uma determinada situação exige certa ação.

Nessa situação, a língua é entendida como um conjunto de proposições sobre o que o falante sabe ou acredita e é por isso que alguns antropólogos cognitivos acreditam que para fazer parte uma cultura, o indivíduo tem que, no mínimo, “compartilhar o conhecimento proposicional e as regras inferenciais necessárias para entender se certas proposições são verdadeiras (dadas certas premissas)” (DURANTI, 1997, p. 28).

De acordo com Duranti (1997), assim como Chomsky (1965, 1968) defendeu, é através de princípios inatos da aquisição da linguagem, que as crianças não têm input necessário para adquirir fundamentos da linguagem em um tempo de dois ou três anos. Antropólogos cognitivos contemporâneos afirmam que não há evidências suficientes na experiência das pessoas para alguns tipos de conceitos de cultura. Estudos posteriores feitos pelo antropólogo cognitivo Edwin Hutchins (1995 apud DURANTI, 1997, p. 31) mostram que “todo o conhecimento não está sempre na mente do indivíduo<sup>7</sup>”, ele está nas ferramentas, no ambiente, na junção da atividade de várias mentes e corpos que objetivam a mesma coisa. Essa perspectiva de conhecimento e aprendizagem leva a crer que o que uma pessoa precisa saber ou fazer para se tornar um membro competente de uma determinada sociedade não pode

---

<sup>6</sup> No original: “[...] *cats and dogs are pets, smoking is bad for your health, and new-born babies cannot crawl.*”

<sup>7</sup> No original: “[...] *knowledge is not always all in the individual mind.*”

ser facilmente representado por um conjunto de proposições. Assim, a ideia de que o conhecimento é distribuído afeta a noção do que é ser um membro de uma cultura. Para Sapir (1949, p. 515), “cada indivíduo é, então, em um sentido muito real, um representante de pelo menos uma sub-cultura que pode ser captada a partir da cultura generalizada do grupo do qual ele é membro.”<sup>8</sup>

A cultura também pode ser entendida como um sistema de mediação. Tudo que o ser humano utiliza para controlar o meio em que se encontra e produzir recursos necessita de um instrumento de trabalho, ferramentas, que são, por definição, objetos/símbolos mediadores para acesso ao real através de um sentido. A cultura, aqui, tem o papel de organizar o uso dessas ferramentas em atividades específicas; entretanto, a nossa relação com o mundo não precisa sempre ser mediada. Estruturas materiais e ideacionais são instrumentos através dos quais os indivíduos fazem uma mediação entre seu relacionamento com o mundo. Um produto cultural pode ser uma conversa, uma declaração de amor, uma peça teatral etc., e todos esses produtos/símbolos são maneiras de representar e lidar com o mundo, pois a cultura aqui tem uma pluralidade de sentidos. Os símbolos são interpretações de mundo e estas são interpretações para agir dentro do mundo. Em vista disso, pode-se dizer que o símbolo é o mediador entre o ser humano e o real.

Outra noção de cultura é a de que ela pode ser vista como um sistema de práticas, que surgiu graças a um movimento intelectual conhecido como pós-estruturalismo. Estudiosos europeus questionaram algumas hipóteses do paradigma estruturalista. Com isso, as generalizações e as abstrações baseadas nas oposições simbólicas usadas por Lévi-Strauss começaram a ser criticadas como sendo essencialistas ou metafísicas. O interesse que havia em aspectos estáveis de sistemas culturais foi substituído por um retorno à diacronia e à historicidade. A busca agora é pela fluidez das culturas, e essas ideias motivaram um interesse contemporâneo em multiculturalismo e em comunidades transnacionais.

Associada à ideia de cultura como um sistema de práticas, surge a ideia de cultura como um sistema de participação, baseada na hipótese de que qualquer ação no mundo, inclusive a comunicação verbal, tem uma qualidade inerentemente social, coletiva e participativa. De acordo com Duranti (1997), essa é uma visão útil de cultura, pois ela vê como a língua é usada no mundo real, considerando que falar uma língua significa poder participar de interações com um mundo que é sempre maior do que nós como falantes

---

<sup>8</sup> No original: “Every individual is, then, in a very real sense, a representative of at least one sub-culture which may be abstracted from the generalized culture of the group of which he is a member” (1949, p. 515).

individuais e ainda maior do que aquilo que podemos ver e tocar em qualquer situação. Somos membros de uma comunidade de práticas e ideias através do uso da nossa língua.

Com uma ideia semelhante, Oliven (2006, p. 201) afirma que até há pouco tempo “estava presente a ideia que uma cultura sempre podia ser delimitada e que ela era definida por suas fronteiras. Ou seja, tradicionalmente, definir uma cultura era um exercício de afirmar seus limites e o que caberia e o que não caberia nela”. Por essa razão, era necessário delimitar o território em que os portadores dessa cultura habitavam e estabelecer seus costumes, sua língua, seus símbolos etc. Entretanto, as pessoas se movem, viajam, (através de livros, filmes, Internet e outros meios) e carregam seus costumes, vestuário, ideias e línguas. Quando elas chegam a outro local, as pessoas se adaptam. Elas “conservam sua cultura, mas entram em contato com novos costumes e valores. [...] O viajante – ou o imigrante – acaba apreendendo a língua do novo país e aceitando parte de seus hábitos, ao mesmo tempo em que influencia as pessoas com quem se relaciona” (OLIVEN, 2006, p. 201).

A cultura não pode ser decretada e, de acordo com Cuche (2002, p. 15), ela, na maioria das vezes, é inconsciente e está relacionada a processos extremamente complexos, logo, “ela não pode ser manipulada como um instrumento vulgar”. Por essa razão, pode-se dizer que nenhum indivíduo tem um conhecimento completo de sua cultura. Cada indivíduo conhece apenas o que lhe é necessário.

## **2.2 A Regionalidade como categoria da tradução**

A partir das reflexões aqui feitas sobre língua e cultura, propõe-se, agora, apresentar algumas considerações acerca do conceito de regionalidade. Entretanto, não se pode conceituar regionalidade sem antes definir o que é uma região.

A região, para Pozenato (2003, p. 50), “é antes de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências”. Desse modo, uma região não é apenas geográfica, mas, sim, cultural, porque sendo o seu recorte feito por um ser cultural, ela também o será. De acordo com Arendt (2012, p. 89), “uma região cultural é composta por especificidades (assim, no plural) materiais e imateriais – regionalidades que armam um tecido complexo e flexível, o qual se mostra sempre outro a cada novo olhar.”

Entretanto, algumas regionalidades não se manifestam em todos os lugares de uma região, e há diferentes regionalidades dentro de uma mesma região cultural. Arendt (2012, p. 89) indica que “regionalidades díspares e conflitantes coabitam em um único espaço social, as quais levam a identificações divergentes.” As regionalidades podem ser definidas, assim, como “especificidades que integram e constituem uma paisagem cultural – e aqui entendemos a região não como espaço limitado do ponto de vista dos seus significados, mas, ao contrário, como paisagem ampla, como potência cujo valor final é de precisão difícil” (ARENDR, 2012, p. 90).

Com uma mesma linha de pensamento, encontra-se Haesbaert (2010). Para o autor, a regionalidade está ligada à propriedade ou qualidade de ser regional. De acordo com ele,

“ser”, aqui, não no sentido ontológico de um “fato” regional bem definido e auto-evidente. A regionalidade envolveria a criação concomitante da “realidade” e das representações regionais, sem que elas possam ser dissociadas ou que uma se coloque, *a priori*, sob o comando da outra – o imaginário e a construção simbólica moldando o vivido regional e a vivência e produção concretas da região, por sua vez, alimentando suas configurações simbólicas (HAESBAERT, 2010, p. 8).

Em vista disso, ao se falar de obras literárias, pode-se partir do pressuposto de que toda obra é regional, por ter nascido em uma região; e nela é possível encontrar diversas regionalidades que vão caracterizar a região que serve como pano de fundo para o autor. Nesse sentido, Stüben (2013, p. 40) afirma que “as regiões e suas características são representadas na literatura; por sua vez, essa representação que surge na cabeça do leitor, e vai além, colabora para formar e estilizar a imagem da respectiva região”. Uma obra literária pode apresentar regionalidades internas, ou seja, as especificidades de sua região são percebidas no decorrer do texto, de forma laudatória ou não, e também regionalidades externas, que estão relacionadas ao local onde a obra foi publicada, ao percurso que ela fez. Destaca-se que uma mesma obra pode apresentar ambos os tipos de regionalidades.

Stüben (2013) propõe alguns conceitos que necessitam ser esclarecidos para que as literaturas ou obras literárias individuais possam ser classificadas quanto às marcas de suas diversas regionalidades: *literatura em uma região*, *literatura de uma região* ou *literatura proveniente de uma região*, *literatura regionalmente localizada*, *literatura regional*, *literatura regionalista*, *literatura provinciana/literatura patriótica*. Alguns desses conceitos, que serão importantes para subsidiar a análise, serão apresentados a seguir.

O autor inicia explicando que:

a discussão empírica da *literatura em uma região* independe das questões de procedência dos autores, do local de surgimento dos textos, do sujeito e gênero, mas objetiva a presença da literatura como oferta de recepção. [...] Essa abordagem precisa ser complementada pela questão da *literatura (provinda) de uma região*, isto é, da literatura surgida em uma região [...], assim como a questão da literatura *sobre* uma região (STÜBEN, 2013, p. 47).

Apesar de se ter desmistificado a região como sendo apenas um espaço geograficamente delimitado, pode acontecer de o conteúdo de uma obra literária ser notadamente direcionado a uma região geográfica. Nesse caso, Stüben classificaria a obra como uma “*literatura localizada regionalmente*” (2013, p. 49). Aqui, chega-se a dois conceitos que podem muitas vezes ser confundidos: literatura regional e literatura regionalista. Muitos autores são chamados de regionalistas por tratarem de questões regionais em suas obras; entretanto, Stüben deixa clara a diferença entre esses dois tipos de literatura:

a ‘literatura regional’ é, por um lado, o conceito geral para a literatura de uma região relativamente fechada e, por outro, o termo técnico de gênero que descreve obras individuais com relação especial a peculiaridades regionais. [...] Obras que propagam a cultura da região, como programa e paradigma, que a diferenciam de outros locais ou que a defendem contra uma perspectiva voltada para um centro, podem ser definidas como *literatura regionalista* (STÜBEN, 2013, p. 50).

A distinção entre esses dois conceitos é de suma importância aqui, ao se analisar o papel que um tradutor tem ao se incumbir da tarefa de transpor uma obra literária de uma língua para outra. Nessa transposição, muitas das regionalidades pertencentes à obra original podem se perder no momento da tradução, podem ser apagadas ou até mesmo adaptadas às regionalidades da região de recepção. Diferentemente de Pozenato (2003, p. 155), que diz que a “regionalização é um programa de ação voltado para o estabelecimento ou o reforço de relações concretas e formais dentro de um espaço que vai sendo delimitado pela própria rede de relações operativas que vai sendo estabelecida”, propõe-se aqui um conceito de “regionalização” como uma categoria da tradução. O processo de regionalização na tradução pode apresentar-se de duas formas: como estratégia de tradução, ou como categoria de análise de uma tradução.

Na primeira forma, no momento da tradução, o tradutor pode optar por manter as características peculiares da obra original, da região estrangeira, ou “regionalizar” as regionalidades para que elas fiquem em concordância com as da cultura da região de recepção. Esta é uma decisão de extrema importância e de total responsabilidade do tradutor. Já na segunda forma, o processo seria por parte de quem vai analisar, isto é, o indivíduo olhará para aquela determinada tradução com o objetivo de ver a forma com a qual as

regionalidades foram traduzidas, e, por conseguinte, identificar se o tradutor utilizou a “regionalização” como uma estratégia de tradução. Dessa forma, uma tradução poderá ser caracterizada como “regionalizadora”, como procurar-se-á verificar na tradução de Monteiro Lobato.

## 2.3 Tradução

Nesta seção, serão apresentados os conceitos de expressões idiomáticas (unidades fraseológicas), por Xatara (1998), e domesticação e estrangeirização, desenvolvidos por Venuti (1995). Também serão abordadas algumas estratégias de tradução identificadas por Vinay e Darbelnet (1971) e Barbosa, (1990) e as técnicas tradutórias apresentadas por Hurtado Albir (2001), além de alguns problemas relacionados à tradução, tais como o problema da equivalência e a questão de perdas e ganhos. Em seguida, serão apresentadas pesquisas realizadas sobre a tradução de algumas obras literárias do inglês para o português brasileiro, entre as quais, traduções de Mark Twain feitas por Monteiro Lobato.

### 2.3.1 Apontamentos teóricos sobre tradução

Pesquisas já realizadas no âmbito da tradução indicam que, ao se analisar a literatura e a língua de um determinado grupo, estuda-se também a representação da sua cultura e a formação de suas identidades culturais. A tradução, de acordo com Venuti (1995), tem uma grande importância no processo de construção da representação de culturas estrangeiras. Não obstante, uma simples tradução literal<sup>9</sup> não basta para que essa representação ocorra: a cultura deve ser interpretada. O tradutor, ao ler a obra a ser traduzida, poderá não fazer a mesma leitura que um não-tradutor, no que diz respeito às riquezas culturais e semânticas, pois, de acordo com Olmi (2001, p. 31), “a tradução é, antes de mais nada, uma forma de ler com maior profundidade, para descobrir outras profundezas que uma simples leitura não permite

---

<sup>9</sup> A tradução literal é apenas uma das estratégias de tradução possíveis, como se verá adiante.

apreender, quando o leitor, tomado pelo prazer imediato do texto, está muitas vezes mais preocupado com ação e trama.”

É por essa razão que o tradutor não pode apenas pensar na tradução como uma transposição de uma língua para outra, apenas nos elementos linguísticos, pois os elementos culturais têm uma enorme importância na hora do traduzir. Como propõe Eco (2011, p. 180), “uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, duas enciclopédias.” E é nesse sentido que o autor afirma que o tradutor necessita ter uma competência enciclopédica, ou seja, ele deve deixar indícios que permitam ao leitor fazer inferências ou deduções a partir da leitura da obra traduzida.

Traduzir uma obra literária, seja ela em prosa ou poesia, sempre vai envolver língua e cultura, simplesmente porque as duas não podem ser separadas. A cultura está incorporada na língua, o que faz com que muitos aspectos da língua só possam ser entendidos e compreendidos se associados ao seu contexto cultural. Bassnett (2005, p. 105) compartilha essa mesma ideia quando explica que “seria pouco inteligente argumentar que a tarefa do tradutor é traduzir, mas não interpretar, como se estes fossem exercícios separados.”

Indubitavelmente, a língua faz parte de cada um de nós como indivíduos e é através dela que expomos a nossa forma de pensar e a nossa visão de mundo. De acordo com Kramsch (1998, p. 76), “a língua é o indicador mais sensível da relação entre um indivíduo e um dado grupo social”<sup>10</sup>, pois a linguagem sempre foi o meio primordial de expressão para uma sociedade e, então, o seu uso é condicionado e socializado através da cultura. Assim, a tarefa mais difícil de um tradutor é expressar uma cultura diferente daquela da língua alvo, pois cada língua representa uma realidade diferente. Traduzir é a tarefa mais difícil de que um escritor pode incumbir-se (QUIRK apud BASSNETT, 2005). Durante um processo tradutório, o tradutor irá se deparar com várias dificuldades, como por exemplo, o problema da equivalência, a questão de perdas e ganhos e as dificuldades que se encontram ao traduzir expressões idiomáticas e fraseológicas. É por essa razão que, em face a essas dificuldades, Vinay e Darbelnet (1971) foram os primeiros a identificar sete estratégias usadas pelos tradutores na tarefa de transpor textos de uma Língua-Fonte para uma Língua-Meta.<sup>11</sup> São elas: tradução literal, empréstimo, decalque, transposição, modulação, equivalência e adaptação. Vinay e Darbelnet (1971) aludem que muitas vezes se faz necessária a combinação

---

<sup>10</sup> No original: “language is *the* most sensitive indicator of the relationship between an individual and a given social group.”

<sup>11</sup> Os termos Língua de Partida, Língua de Origem e Língua-Fonte são usados por diferentes autores para exprimir o mesmo conceito, o que também acontece com Língua de Chegada, Língua-Alvo e Língua-Meta. Tais termos podem estar grafados com inicial maiúscula ou não.

de duas ou mais estratégias, já que uma estratégia sozinha pode não ser suficiente para que se realize uma tradução.

A “tradução literal” “é a transferência direta de um texto da LF para um texto gramatical e idiomáticamente apropriado na LM”<sup>12</sup> (VINAY; DARBELNET, 1971, p. 86). É mais provável que aconteça na tradução entre línguas que pertencem à mesma família, como, por exemplo, italiano e português. Através desse tipo de estratégia é possível perceber a tradução de palavra por palavra, pois há uma certa convergência de pensamento ou estrutura, seus sistemas são parecidos e, então, é possível realizar o processo de tradução literal.

Se, durante a tradução, houver um termo que não possa ser traduzido, simplesmente porque não há esta palavra ou expressão em nossa língua, far-se-á o uso do “empréstimo”. Esta é a estratégia mais simples de todos os métodos de tradução, pois o tradutor simplesmente deixará a palavra ou expressão no seu idioma original ou “pegará emprestado” um termo adequado de uma outra língua. Os autores citam como exemplo as palavras “tequila” e “tortillas”, as quais são nomes de comidas e bebidas mexicanas e espanholas, e servem como exemplo dessa estratégia, pois já estão incorporadas em diversos idiomas, inclusive na língua portuguesa.

Entretanto, tem-se que tomar cuidado para não confundir o empréstimo com uma estratégia parecida: o “decalque”. O decalque, na verdade, “é um tipo especial de empréstimo através do qual uma língua toma emprestada uma expressão de outra língua, mas, em seguida, traduz literalmente cada um de seus elementos”<sup>13</sup> (VINAY; DARBELNET, 1971, p. 85). O resultado disso pode ser tanto lexical como estrutural, tanto que, depois de um período de tempo, podem se tornar parte integrante da língua que os adotou. Assim como os empréstimos, eles podem sofrer uma mudança semântica, ocasionando aquilo que chamamos de “falsos amigos”, ou seja, palavras que parecem significar uma coisa quando, na verdade, são outra completamente diferente.

Outra estratégia observada por Vinay e Darbelnet (1971) é a “transposição”. Esse método envolve a substituição de uma classe de palavras por outra, e é necessário que o tradutor tenha um cuidado especial para que o significado da mensagem seja mantido. A transposição pode, inclusive, acontecer dentro de uma mesma língua. Um exemplo de transposição é o uso da voz passiva. No momento em que o tradutor traduz uma frase que originalmente está na voz ativa para a voz passiva, ou vice-versa, ele transpõe o sujeito e o

---

<sup>12</sup> No original: “is the direct transfer of a SL text into a grammatically and idiomatically appropriate TL text”.

<sup>13</sup> No original: “is a special kind of borrowing whereby a language borrows an expression form of another, but then translates literally each of its elements”.

objeto direto da frase, não necessariamente mudando o significado, mas modificando o grau de imparcialidade da mensagem em questão.

Além dessas estratégias, há também a “modulação” que, de acordo com Vinay e Darbelnet (1971, p. 89), “é uma variação da forma da mensagem, obtida por uma mudança de ponto de vista. Esta mudança pode ser justificada quando a tradução resulta em um enunciado gramaticalmente correto, porém considerado inadequado ou, até mesmo, estranho no seu contexto de uso<sup>14</sup>”. Ou seja, se nesse enunciado não houver a modulação, ele poderá ser rejeitado ou considerado impreciso.

A sexta estratégia mencionada pelos autores é a “equivalência”. É através dela que uma mesma situação pode ser expressa através de dois textos, usando formas estilísticas e estruturais completamente diferentes. Aqui, tem-se um caso de equivalência entre textos. Por conseguinte, as equivalências, na sua maioria, são fixas; as expressões idiomáticas e fraseológicas, provérbios, ditos populares, entre outros, são ótimos exemplos de casos de equivalência entre uma língua e outra, principalmente pelo fato de não poderem ser traduzidos através do decalque.

A sétima e última estratégia é a “adaptação”, utilizada quando se “atinge o limite da tradução, ou seja, nos casos em que o tipo de situação referida na Língua-Fonte é desconhecido pela cultura da Língua-Meta. Nesses casos, os tradutores devem criar uma situação equivalente na Cultura-Meta<sup>15</sup>” (VINAY; DARBELNET, 1971, p. 91). A adaptação, portanto, pode ser considerada um tipo especial de equivalência, uma equivalência situacional. A ausência de adaptação dentro de um texto traduzido pode ser facilmente detectada, pois ela afeta não só a estrutura sintática do texto, como também o desenvolvimento de ideias dentro de um parágrafo, fazendo com que o leitor note na hora uma certa estranheza em relação àquele determinado enunciado que não está de acordo com a sua cultura.

Contudo, Barbosa (1990, p. 63) afirma que essas estratégias descritas por Vinay e Darbelnet (1971) “não eram suficientes para dar conta de todos os modos de traduzir empregados nas traduções”. Assim, a autora apresenta uma proposta de caracterização dos procedimentos técnicos de tradução, acrescentando novas estratégias à proposta original: a

---

<sup>14</sup> No original: “Modulation is a variation of the form of the message, obtained by a change in the point of view. This change can be justified when, although a literal, or even transposed, translation results in a grammatically correct utterance, it is considered unsuitable.”

<sup>15</sup> No original: “we reach the extreme limit of translation: it is used in those cases where the type of situation being referred to by the SL message is unknown in the TL culture. In such cases translators have to create a new situation that can be considered as being equivalent. Adaptation can, therefore, be described as a special kind of equivalence.”

tradução palavra-por-palavra, a omissão *versus* a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias e a transferência (que engloba o estrangeirismo, a transliteração, a aclimatação e a transferência com explicação).

A autora recorre a Aubert (1987) e define a tradução “palavra-por-palavra” como “a tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LT<sup>16</sup> mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximativamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TLO<sup>17</sup>” (1990, p. 64). Destaca-se, porém, que essa estratégia tem seu uso restrito: aplica-se apenas a pequenos textos, pois “é rara uma convergência tão grande entre as línguas” (p. 65).

A “omissão” é um procedimento usado para “omitir elementos do TLO que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou excessivamente repetitivos” (BARBOSA, 1990, p. 68). Já na “explicitação” ocorre o inverso, como se percebe em traduções do português para o inglês no que tange a pronomes pessoais:

Minha mãe gosta de chocolate, mas  $\emptyset$  não gosta de pipoca.

My mother likes chocolate, but *she* doesn't like popcorn.

Ainda de acordo com Barbosa (1990, p. 69), a “compensação” “consiste em deslocar um recurso estilístico, ou seja, quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLT<sup>18</sup>, um recurso estilístico usado no TLO, o tradutor pode usar um outro, de *efeito equivalente*, em outro ponto do texto”. Muitas vezes, a ausência de recursos estilísticos em uma tradução faz com que críticos a considerem “pobre”.

Já a “reconstrução de períodos”, inicialmente proposta por Newmark (1981), “consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do original ao passá-los para a LT” (BARBOSA, 1990, p. 70). A autora exemplifica esse procedimento quando diz que, em traduções do inglês para o português, períodos mais curtos muitas vezes são distribuídos em orações mais complexas.

As “melhorias”, também anteriormente propostas por Newmark (1981), “consistem em não se repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos na TLO” (BARBOSA, 1990, p. 70). A “transferência” “consiste em introduzir material textual da LO no TLT” (p. 71). Por fim, a “explicação” ocorre quando houver a “necessidade de eliminar do

---

<sup>16</sup> LT: língua de tradução.

<sup>17</sup> TLO: texto na língua original.

<sup>18</sup> TLT: texto na língua de tradução.

TLT os *estrangeirismos*<sup>19</sup> para facilitar a compreensão, pode-se substituir o *estrangeirismo* pela sua *explicação*” (p. 75).

Assim como Vinay e Darbelnet (1971) e Barbosa (1990), outros teóricos fizeram propostas de classificação de estratégias tradutórias. Mais recentemente, os estudos de Hurtado Albir (2001) parecem ter oferecido uma solução aos problemas detectados anteriormente pelos autores já citados, ao propor uma nova classificação. De acordo com Waquil (2013, p. 63),

a proposta de Hurtado Albir procura ser dinâmica, flexível e coerente com a visão de tradução e de equivalência apresentadas pela autora e contempla 18 técnicas que são próprias, como enfatiza, da tradução de textos e não da comparação de línguas. É ampliada numericamente em relação às propostas anteriores, já que pretende abarcar mecanismos até então não descritos. As técnicas não são dispostas segundo critério especificado, como o fazem os outros autores, e a importância e funcionalidade no ato tradutório é atribuída igualmente a todas.

As técnicas propostas por Hurtado Albir (2001) estão aqui apresentadas e explicadas em ordem alfabética. A primeira técnica é chamada de “adaptação” e acontece quando ocorre a substituição de uma especificidade ou elemento cultural da língua de origem por outro diferente correspondente na cultura da língua-meta. Já a “ampliação linguística” se dá quando há adição de elementos linguísticos.

A “amplificação” é a inserção de elementos no texto traduzido, os quais não estavam no texto original, tais como, notas do tradutor e paráfrases explicativas. Assim como Vinay e Darbelnet (1971) e Barbosa (1990), Hurtado Albir (2001) também apresenta o “decalque” como sendo uma tradução literal de um termo ou lexia estrangeira. A quinta técnica apresentada pela autora é a “compensação”, que ocorre quando um elemento não pode ser mantido na sua posição original no texto traduzido e é colocado em outro lugar do texto. Ao contrário da “amplificação”, a “compressão linguística” é notada quando os elementos linguísticos são sintetizados.

A sétima técnica é a “criação discursiva”: a introdução de um equivalente que, fora do contexto, seria imprevisível. A oitava técnica chama-se “descrição”, e pode ser muito observada em textos traduzidos do Inglês para o Português, quando um termo ou expressão não possui um termo literal ou equivalente e, portanto, deve ser substituído pela sua descrição. No momento em que se nota a ausência de informação que constava no texto original, tem-se

---

<sup>19</sup> “O *estrangeirismo* consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o TLT vocábulos ou expressões da LO que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado no TLO que seja desconhecido para os falantes da LT” (BARBOSA, 1990, p. 71).

um caso de “elisão”. A décima técnica, muito observada na análise de diversas traduções, é notada quando o tradutor faz uso de um “equivalente consagrado”, ou seja, de um termo que seja reconhecido como equivalente ao original, por meio de dicionarização ou por estar consagrado no uso da língua-meta. Quando há o uso de um termo mais geral na língua-meta, temos um caso de “generalização”.

A “modulação” também é apresentada por Hurtado Albir (2001) quando ocorre o uso de um elemento linguístico que resulta em uma mudança de ponto de vista. Se um termo do texto original for traduzido por um mais preciso na língua-meta, tem-se um caso de “particularização”. Já, se ocorrer à incorporação no texto traduzido de uma palavra ou expressão da língua original, com ou sem mudança na grafia, há um “empréstimo”. A décima quinta técnica será notada se o tradutor optar por traduzir elementos linguísticos por elementos paralinguísticos, como gestos, entoação.

Há “substituição” quando o inverso disso ocorrer. Caso aconteça a tradução palavra por palavra, tem-se uma “tradução literal”; se houver mudança da categoria gramatical do termo traduzido, verificar-se-á um caso de “transposição”. A última técnica proposta pela autora é a “variação”, que acontece quando é necessário que haja troca de elementos que afetam aspectos da variação das línguas, como o estilo do texto, dialetos sociais, tom etc.

As estratégias e técnicas de tradução abordadas por Vinay e Darbelnet (1971), Barbosa (1990) e Hurtado Albir (2001) encontram-se sistematizadas na figura 1, elaborada por Kilian (2007):

FIGURA 1

<b>Vinay e Darbelnet (1958/1977)</b>	<b>Barbosa (1990)</b>	<b>Hurtado-Albir (2001)</b>
<b>tradução direta:</b>	<b>convergência:</b>	adaptação
empréstimo	trad. palavra-por-palavra	ampliação lingüística
decalque	tradução literal	amplificação
tradução literal		compensação
	<b>divergência do sistema lingüístico:</b>	criação discursiva
<b>tradução oblíqua:</b>	<b>lingüístico:</b>	decalque
transposição	transposição	descrição
modulação	modulação	elisão
equivalência	equivalência	empréstimo
adaptação		equivalente consagrado
	<b>divergência do estilo:</b>	generalização
	omissão/explicitação	modulação
	compensação	particularização
	reconstrução	redução lingüística
	melhorias	substituição
		tradução literal
	<b>divergência da realidade extra-ling.:</b>	transposição
	transferência	variação
	transferência c/ explicação	
	decalque	
	explicação	
	adaptação	

Fonte: Adaptado de Kilian (2007, p. 110).

Através dessas diferentes estratégias e técnicas de tradução, ao se traduzir um texto literário ou não-literário, deve-se partir do pressuposto de que duas línguas jamais serão iguais. É nesse sentido que Bassnett (2005, p. 52) afirmar que “torna-se possível abordar a questão de *perda e ganho* no processo tradutório”. A autora sugere que ainda há muita discussão acerca desse tema, principalmente sobre a questão de analisar o que se perde e o que se ganha na tradução de um texto de Língua-Fonte (doravante LF) para Língua-Meta (doravante LM). Ao mesmo tempo em que o tradutor perde, muito pode ser ganho, uma vez que ele, como resultado direto do processo de tradução, “pode enriquecer e esclarecer o texto em LM [...]. Além disso, o que geralmente é visto como ‘perdido’ do contexto em LF pode

ser substituído no contexto de LM [...]” (Bassnett, 2005, p. 52). Isso acontece muitas vezes durante o ato tradutório, especificamente quando o tradutor se depara com termos e conceitos em LF que não existem em LM. Nesse sentido, é de suma importância que o tradutor assuma uma posição de autor, uma postura ética em relação à tradução em si e para com o público receptor da obra, fazendo-se necessário que ele entenda a língua e a cultura do país estrangeiro, e conheça e escreva perfeitamente na língua de chegada; ele deveria ter competências linguísticas e culturais tanto do país de origem da obra como do país de chegada, nem que para isso o tradutor-autor tenha que acrescentar informações ao texto ou retirá-las, mas sempre mantendo o seu “núcleo comum”.

Para o ensaísta e tradutor Paulo Rónai,

conduzir uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico significa querer adaptá-la ao máximo aos costumes do novo meio, retirar-lhe as características exóticas, fazer esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa. Conduzir o leitor para o país da obra que lê significa, ao contrário, manter cuidadosamente o que esse tem de estranho, de genuíno, e acentuar a cada instante a sua origem alienígena (RÓNAI, 1981, p. 20).

Nesse sentido, outra dificuldade encontrada pelos tradutores é a questão da equivalência, que se dá, principalmente, na tradução de expressões idiomáticas (unidades fraseológicas) e metáforas. E, aqui, surgem vários problemas por parte dos tradutores, caso eles não tenham as competências linguísticas e culturais mencionadas anteriormente, porque as expressões idiomáticas, também conhecidas como “*fraseologismo idiomático, idiomatismo, fraseolexema, frasema*” (WELKER, 2011, p. 149), são um tesouro da nossa língua e carregam com elas traços históricos, sociais e culturais da sua comunidade linguística. Welker (2011) diz que em uma expressão idiomática “o significado não corresponde à soma dos significado das partes” (p. 150). Xatara (1998, p. 149) corrobora essa ideia quando, anos antes, definiu expressão idiomática como “uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. Vale ressaltar que só o fato de uma lexia complexa ser indecomponível não garante que ela seja classificada como uma expressão idiomática; o fator que se torna responsável pelo seu processo de lexicalização como tal

é a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, é a sua consagração pela tradição cultural que o cristaliza em um idioma, tornando-o *estável* em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade (XATARA, 1998, p. 151).

Entretanto, alguns idiomatismos podem apresentar, também, um sentido literal, ou seja, o indivíduo pode não conhecer tal expressão, porém ele a irá entender traduzindo-a palavra por palavra. Além destes, temos também as chamadas expressões semi-idiomáticas, que são aquelas em que, de acordo com Welker (2011, p. 150), uma das palavras mantém o seu sentido literal. Vale ressaltar que as expressões idiomáticas e semi-idiomáticas podem ser conjugadas em diferentes tempos verbais, ou seja, são temporais. Do ponto de vista formal, se uma expressão é atemporal, ela será classificada como provérbio. Este pode ser definido como “uma frase fixa autônoma (um enunciado completo em si mesmo), que sofreu um processo de anonimização, que tem um valor genérico, é atemporal (não é permitido ancoragem no tempo), em geral bímembre e com rima interna” (CHACOTO, 2012, p. 160).

É por essa razão que não há traduções iguais, uma vez que cada tradutor tem uma experiência pessoal única e intraduzível. Bassnett (2005, p. 49) afirma que é fato comprovado nos estudos de tradução que, se doze tradutores abordarem o mesmo tema, teremos uma dúzia de textos diferentes, contudo, todos apresentarão um “núcleo invariável” que, de acordo com Popovič (apud Bassnett, 2005, p. 49), “é representado por elementos semânticos básicos e constantes no texto [...]”.

É possível que existam milhares de textos diferentes com o mesmo núcleo comum. Para que a tradução seja considerada bem-sucedida, para alguns autores, ela deve ser lida como se fosse o texto original, e para tal é necessário que haja a invisibilidade do tradutor. Venuti (1995) caracteriza a invisibilidade do tradutor como o uso de estratégias fluentes de tradução voltadas para apagar as especificidades culturais e linguísticas de um texto, com o propósito de aproximá-las à estética dominante e aos valores políticos e ideológicos da língua alvo, promovendo a ilusão da transparência, em que o texto traduzido reproduz com precisão o significado do texto original. Muitos autores veem a tradução como uma tentativa de produzir um texto tão transparente, que ele não pareça traduzido. Nesse sentido, percebe-se que o tradutor exerce um papel duplo, ora emissor (autor), ora receptor. Para que a invisibilidade ocorra, ele deve saber que ele não está apenas traduzindo um texto, mas ele é o autor daquele texto na Língua-Meta, como se pode observar no esquema:

Autor → Texto → Receptor = Tradutor → Texto → Receptor

Em qualquer ato tradutório, configura-se uma “interação intersubjetiva” entre os participantes. Conforme Aubert (1994, p. 25-26), essas redes de interações intersubjetivas se desdobram em dois momentos, em dois atos comunicativos diferentes, sendo que o primeiro Emissor apenas participa indiretamente dessa relação através do seu produto final, que é o seu

texto original. Do mesmo modo, na maioria dos casos, não há possibilidade de acesso ao último receptor da tradução. Assim,

[...] embora o Receptor – Emissor – Tradutor detenha a possibilidade de afinar sua aproximação com o destinatário intermediário (cliente), o emissor do original e o destinatário último da tradução tenderão a permanecer como hipóteses, como constructos mentais, sem maiores possibilidades de controle exceto, eventualmente, *a posteriori* (AUBERT, 1994, p. 26).

A tradução forma sujeitos domésticos possibilitando um processo de “espelhamento” ou auto reconhecimento: “o texto estrangeiro se torna inteligível quando o leitor reconhece a si mesmo na tradução, identificando os valores domésticos que motivaram nele a seleção daquele texto estrangeiro em particular, e que estão inscritos nele através de uma estratégia discursiva particular” (VENUTI, 1995, p. 190). Ainda de acordo com Venuti (1995), as traduções podem ser estrangeirizadoras, isto é, aquelas que levam à cultura do autor, ou domesticadoras, que se adaptam à realidade cultural do país de recepção. Venuti (1995, p. 20) afirma que a domesticação é a “redução do texto estrangeiro em detrimento de valores culturais da língua-meta”, enquanto a estrangeirização é como “uma pressão [etnocêntrica] sobre tais valores a fim de registrar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro”.

De acordo com o autor, “a domesticação é um procedimento inerente à maior parte dos textos traduzidos”. Já a estrangeirização acontece quando valores culturais do texto-fonte são incorporados ao texto-meta. Conforme salienta Mendes (2002, p. 21), se é almejado “que o texto-fonte alcance a cultura-meta, elementos pertinentes a esse público-alvo serão inscritos, reescritos, repensados e recriados para que aconteça a tradução”.

Em uma tradução, deve-se levar em conta o universo do autor original e para quais grupos sociais representativos domésticos ela será dirigida, como corrobora Eco (2011, p. 197), “[...] os casos de domesticação são indispensáveis justamente porque deve-se tornar o texto consoante com o gênio da língua de destino.” Por essa razão, pode-se dizer que é inevitável que haja uma tradução sem uma domesticação, e é através dessa que certos valores de determinados grupos sociais são promovidos em detrimento de outros.

### 2.3.2 A literatura traduzida como objeto de análise

Um primeiro levantamento indica que não há ainda estudos sobre tradução comparativa sobre a obra *The Adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain, em universidades brasileiras. No âmbito do programa do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, a dissertação de Claudine Possoli Beltram focaliza essa temática, tendo, porém, como objeto de análise a obra *As vinhas da Ira*, de John Steinbeck. O objetivo de Beltram (2012) foi o de analisar aspectos da linguagem oral dos personagens, os *Okies*, da obra original em inglês, em contraste com duas traduções em Língua Portuguesa ambas feitas por Herbert Caro e Ernesto Vinhaes (1982 e 2008). Para isso foi feita uma análise qualitativa e quantitativa, buscando as criações lexicais (neologismos) do autor e as estratégias tradutórias utilizadas para a representação da linguagem oral da época e o local representado no enredo, assim como a identificação e classificação dos procedimentos tradutórios. Como resultado disso, a autora constatou que em ambas as traduções houve um processo de domesticação, ou seja, os tradutores aproximaram a fala dos *Okies* da fala do caipira brasileiro, e quase não houve ocorrência de neologismos, mas “foram encontradas interessantes variações socioletais” (BELTRAM, 2012, p. 77).

Em sua maioria, os trabalhos que fazem um estudo comparativo entre traduções objetivam apontar as dificuldades encontradas durante os procedimentos tradutórios, principalmente em se tratando de dialetos literários ou socioletos literários<sup>20</sup>. Tem-se como exemplo o estudo de Hanna (2006) que visa a traduzir os diálogos do personagem Bruma Jones, do romance *A confederacy of dunces*, de John Kennedy Toole, com o objetivo de problematizar as traduções dos dialetos literários, pois a fala dos personagens remete ao inglês não padrão, *Black English Vernacular* (BEV). A autora justifica sua pesquisa com o fato de essa obra não ser muito conhecida por leitores brasileiros, senão por uma tradução restrita aos leitores do Círculo do Livro, feita por Cristina Boselli, na qual a fala de Jones não apresenta nenhum marcador dialetal, apenas registra um nível coloquial. Hanna (2006) demonstra a relevância de se manter na tradução uma diferenciação entre os níveis de fala de cada personagem, em especial do negro Jones, ao examinar como o autor empregou a

---

<sup>20</sup> “O conceito de socioleto literário é aqui construído como a representação textual de formas ‘não-padrão’ de fala que manifestas as forças sócio-culturais que moldaram a competência linguística do falante bem como os vários grupos sócio-culturais aos quais o falante pertence ou pertencem” (HANNA, 2006, p. 23).

heterogeneidade linguística a favor da caracterização dos personagens e da posição social que cada um ocupa na sociedade ficcional do livro.

Durante a análise, Hanna (2006) destaca momentos da literatura brasileira em que personagens negros receberam um tratamento diferenciado nos diálogos, a fim de verificar como tem sido a representação ficcional da fala dos negros na nossa literatura. Como conclusão, a autora apresenta a tradução comentada dos diálogos mais relevantes de Burma Jones.

Além do estudo de Hanna (2006), vários trabalhos buscam fazer propostas de tradução para dialetos literários ou socioletos literários. Um exemplo disso é o estudo de Carvalho (2006) que faz uma proposta de tradução para as falas das personagens que usam o dialeto de Yorkshire na obra *Wuthering Heights* (*O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë). Já existem nove traduções dessa obra, entretanto, nenhuma se preocupa com a questão dialetal. Todas as traduções já feitas apresentam a fala desses personagens dentro na norma culta da língua portuguesa. O trabalho de Carvalho (2006) tem como objetivo mostrar ao leitor brasileiro que algumas personagens do romance não usam o inglês padrão ao falar. Além disso, a autora analisa os efeitos provocados pelo uso do dialeto em diferentes momentos da narrativa.

Como resultado dessa proposta, ela constata que as teorias da tradução não oferecem soluções satisfatórias para a tradução do dialeto de Yorkshire para a língua portuguesa. Para isso, utiliza a ideia apresentada por Anthony Pym “*What varieties are doing in cultural products?*”, e a visão de Lane-Mercier sobre a responsabilidade do tradutor. A sua proposta de tradução beneficia-se profundamente dos estudos dialetológicos e linguísticos, pois “a tradução de cada variante dialetal necessita de soluções *individuais*, e elas são fornecidas não por teorias de tradução, mas sim, por estudos linguísticos” (CARVALHO, 2006, p. 138).

A autora demonstra em seu trabalho que a presença de variantes dialetais em um texto literário não apresenta empecilhos para sua tradução. “A ideia de intraduzibilidade de um texto no qual se encontram dialetos se deve muitas vezes mais à falta de conhecimento linguístico do tradutor que a uma real impossibilidade de se realizar um trabalho que alie conhecimentos teóricos e sociolinguísticos” (CARVALHO, 2006, p. 138). Em sua proposta de tradução, a autora contorna os problemas relativos à tradução de socioleto literário apontados por Lane-Mercier em seu artigo *Translating the Untranslatable*.

Um dos trabalhos que tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre traduções é o estudo de Hanes (2011). Através da análise das legendas de três filmes dos irmãos Coen (*E aí meu irmão, cadê você?*; *Matadores de velhinha*; *Onde os fracos não têm*

vez), a autora visa a compreender como o dialeto inglês sulista norte-americano tem sido traduzido para o português brasileiro. Em tais obras, o Sul dos Estados Unidos é retratado como fonte de dados para o levantamento de ocorrências do dialeto em apreço. O método utilizado pela autora faz um levantamento das ocorrências dialetais em a duas traduções, sendo uma delas a apresentada nas legendas oficiais das cópias disponibilizadas em vídeo, e a segunda desenvolvida por Hanes (2011). Tais traduções foram analisadas e comparadas utilizando teorias referentes à tradução fílmica, “tendo como base teórica principal os Estudos Descritivos da Tradução, em especial o conceito de normas tradutórias, desenvolvido por Gideon Toury” (HANES, 2011, p. 11). A partir dessa análise, foram observadas as normas que norteiam a tradução do inglês sulista norte-americano atualmente no Brasil, o que pode ser importante para a análise aqui pretendida.

Hanes (2011) constata que nas traduções não são buscadas alternativas divergentes da norma culta para expressar o dialeto, e isso se dá, em linhas gerais, pelo fato de que, diante da baixa remuneração e dos curtos prazos para a realização da tarefa, “o tradutor seguirá o caminho mais fácil e adaptará os dialetos ao padrão” (MILTON apud HANES, 2011, p. 102). A autora conclui que os desdobramentos que surgiram durante o desenvolvimento desse estudo revelam a complexidade e o potencial de investigação da tradução do inglês sulista norte-americano como objeto de pesquisa.

Considerando os conceitos de estrangeirização e domesticação, Lopes (2006) faz uma proposta de tradução estrangeirizadora para a coletânea *Tree and leaf*, de J. R. R. Tolkien, mostrando que é viável recriar em português as conexões singulares entre língua, história e mito que marcam o trabalho de Tolkien, adotando a perspectiva filológica que norteou o trabalho do autor britânico, bem como as ideias sobre as possibilidades de tradução adotadas por Antoine Berman e Walter Benjamin. Para corroborar esta ideia, o autor apresenta uma tradução de sua autoria de quatro textos que compõem a coletânea, de maneira a demonstrar como essa possibilidade pode tomar forma na tradução em si.

Britto (2012) afirma, em seu artigo *Tradução e ilusão*, que os tradutores literários de hoje produzem versões bem mais fiéis ao texto original do que no passado, apesar da existência de fortes correntes no campo dos estudos da tradução que enfatizam a autonomia do texto traduzido em relação ao original.

Ramos (2008) analisa a obra *The Adventures of Huckleberry Finn*, do autor Mark Twain, visando a refletir acerca das implicações do uso dos dialetos literários no original e na tradução, assim como da supressão deles em três traduções. Além disso, a autora apresenta uma possível tradução com dialetos para cinco capítulos. A obra analisada pela autora

apresenta uma narrativa denunciadora do racismo de sua época e, para tanto, Mark Twain dá a suas personagens, e inclusive ao narrador, uma voz até então não comum na narrativa norte-americana: os dialetos literários representantes da condição social, étnica e linguística das personagens. Todas elas, de alguma forma, usam um dialeto que mostra uma relação estreita entre a linguagem não padrão e fuga da civilização. A autora constata que “o emprego da língua culta, assim como o de uma linguagem apenas coloquial, desarmoniza a obra e torna as personagens artificiais, pois elas se acham transvestidas de elementos estranhos a si” (RAMOS, 2008, p. 218).

Há também uma monografia intitulada *Monteiro Lobato, o tradutor*. Mendes (2002) faz um panorama geral da tradução no Brasil, contextualizando e ressaltando a importância de Lobato como um dos primeiros tradutores no país. Além disso, a autora apresenta as diferentes facetas de Monteiro Lobato: escritor, político, editor e tradutor. Em seguida, é feita uma análise da obra *A Farewell to Arms* (1929), escrita por Ernest Hemingway, que recebeu, em português, o título *Adeus às Armas*, e que foi traduzida por Lobato. Mendes (2002) sugere uma tradução de alguns trechos da obra original, os quais são posteriormente comparados com a tradução feita por Lobato.

A partir da análise, a autora conclui que a tradução lobatiana “se aproximou dos ideais antropofágicos que emergiram na Semana da Arte Moderna de 1922” (MENDES, 2002, p. 55). Além disso, Mendes (2002) conclui que Lobato era responsável, no seu tempo, pela formação de sujeitos domésticos, e isso poderia ser notado tanto nas suas obras, como nas suas traduções. Pode-se acrescentar aqui que essa postura de Lobato vai ao encontro dos ideais da campanha de nacionalização da Era Vargas<sup>21</sup> no Brasil.

No que diz respeito aos trabalhos realizados acerca de Monteiro Lobato e Mark Twain, encontra-se a dissertação de Cordeiro (2004), *Mark Twain na “vitrine” de Lobato*. Assim como Mendes (2002), aqui, a autora também ressalta o papel de Lobato como tradutor e se propõe investigar esta atividade analisando a tradução de *Huck Finn* feita por ele. Para tanto, a análise de seu trabalho segue a Teoria da Invisibilidade formulada por Venuti (1995), a qual estabelece as diferenças entre tradução domesticadora e estrangeirizadora. Os trechos escolhidos pela autora são aqueles que representam, na escrita, a oralidade do dialeto do negro

<sup>21</sup> A Era Vargas é o período da história do Brasil em que o país estava sob a liderança de Getúlio Vargas (1930-1945). Esta nova fase ficou conhecida como Estado Novo. “Podemos sintetizar o Estado Novo sob o aspecto socioeconômico, dizendo que representou uma aliança de burocracia civil e militar e da burguesia industrial, cujo objetivo comum imediato era o de promover a industrialização do país sem grandes abalos sociais. A burocracia civil defendia o programa de industrialização por considerar que era o caminho para a verdadeira independência do país; os militares porque acreditavam que a instalação de uma indústria de base fortaleceria a economia – um componente importante de segurança nacional; os industriais porque acabaram se convencendo de que o incentivo à industrialização dependia de uma ativa intervenção do Estado” (FAUSTO, 2004, p. 367).

do Missouri na fala do personagem Jim, e, também, as inserções de expressões coloquiais feitas pelo tradutor quando essas não apareciam na língua/cultura de partida. Cordeiro (2004) chega à mesma conclusão que Mendes (2002): Lobato domestica as suas traduções, se levado em conta o conceito de domesticação desenvolvido por Venuti; entretanto, ele faz isso de uma forma através da qual o conteúdo permanece o mesmo, ou seja, mesmo realizando um trabalho fluente, ele não se distancia do texto original.

Alguns anos depois, Bronislowski e Cordeiro (2010) publicaram um artigo intitulado *Dois olhares sobre Tom Sawyer: análise de traduções brasileiras*, o qual teve um objetivo semelhante ao do trabalho realizado por Cordeiro (2004), amparado na Teoria da Invisibilidade de Venuti (1995). Com base nessa teoria, as autoras analisaram as estratégias utilizadas por dois tradutores, Monteiro Lobato e Duda Machado, para traduzir as falas do personagem Injun Joe, da obra *The adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain. As autoras concluem que:

Ambas as traduções são fiéis, e obedecem em sua maioria a sequência de parágrafos do texto original, facilitando a realização da comparação. Nenhuma das versões brasileiras apresenta expressões canhestas, que causam estranhamento ao leitor, nem mostra a diferença cultural existente entre o contexto brasileiro e o contexto da obra original (BRONISLAWSKI; CORDEIRO, 2010, p. 112).

Entretanto, as autoras observaram que tanto Lobato como Machado utilizaram a tradução domesticadora em relação às falas do personagem Injun Joe. O tom de coloquialismo presente na obra original permanece. Nas traduções brasileiras, essas marcas desaparecem, deixando Injun Joe sem as suas principais características. Bronislowski e Cordeiro (2010) concluem que, olhando para a obra em sua totalidade, é possível perceber que a cultura do texto fonte não foi completamente apagada do texto.

Por último, vale destacar uma pesquisa mais recente realizada por White (2011), *A influência do filme de Walt Disney nas traduções e adaptações brasileiras de Peter Pan entre 1953 e 2011*, a qual objetivou estudar e analisar as edições impressas de *Peter Pan* publicadas no Brasil, em português brasileiro, de 1930 até o momento, considerando a adaptação de Monteiro Lobato, devido à sua importância referencial e histórica.

### 3 CONTEXTUALIZAÇÃO DE MARK TWAIN E MONTEIRO LOBATO

Este capítulo será dividido em duas partes. Primeiramente, será feita a contextualização histórica da obra original, dentro do seu período literário, com apresentação de dados biobibliográficos do autor, Mark Twain. Em seguida, serão apresentados dados biobibliográficos relevantes de Monteiro Lobato, procurando-se contextualizar historicamente a tradução por ele feita.

#### 3.1 *The adventures of Tom Sawyer*, de Mark Twain

Mark Twain, o pseudônimo mais conhecido de Samuel Langhorne Clemens (1835-1910), até hoje faz com que os americanos sintam por ele uma especial afeição. Isso possivelmente se deve ao fato de que ele contava histórias de aventuras juvenis que eram tão parecidas com as de qualquer menino ou às de que os adultos gostariam de ter tido, sendo elas parte íntima de sua experiência pessoal. Cidadãos estadunidenses aprovam, com um sorriso no rosto, o retrato que Mark Twain faz do homem como um “museu de doenças, um abrigo de impurezas”, que “nasce sujo e morre nauseabundo, criado sem nenhuma finalidade aparente senão a de hospedar e nutrir micróbios” (LEARY, 1964, p. 9). Por mais ousadas e até mesmo amargas que suas palavras poderiam soar, não deixam de ser engraçadas. Twain malogrou a evolução quando surgiu o homem, pois, de acordo com ele, o homem “é o único que possui mau coração; somente ele é capaz de perversidade, vingança, embriaguez; quando não é cruel, é estúpido como uma zebra” (LEARY, 1964, p. 10). Certa vez, de acordo com Leary (1964), ao fazer referência à Bíblia, Mark Twain comentou que era uma pena que Noé e seus companheiros não tivessem perdido a arca. Além disso, faz seus leitores ficarem admirados com sua exibição obstinada da venalidade humana, ao mesmo tempo em que se sentem tocados pela sua compaixão, pela sua opinião liberta e humildade. Não é à toa “que Ernest Hemingway considerasse que toda literatura americana tenha começado com Mark Twain” (LEARY, 1964, p. 10).

Dentre as obras do escritor destacam-se: *The Celebrated Jumping Frog of Calaveras County* - 1867 (A Rã Saltadora), *Innocents Abroad* - 1869 (Inocentes no Estrangeiro), *The*

*Gilded Age: A Tale of Today* - 1873 (A Idade Dourada), *The Adventures of Tom Sawyer* - 1876 (As Aventuras de Tom Sawyer), *Adventures of Huckleberry Finn* - 1884 (Aventuras de Huckleberry Finn), *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* - 1889 (Um Yankee na Corte do Rei Arthur), *Pudd'n'head Wilson* - 1894 (A Tragédia de Pudd'nhead Wilson), *The Man That Corrupted Hadleyburg* - 1900 (O Homem que Corrompeu Hadleyburg) e *The Mysterious Stranger* - 1916 (O Desconhecido Misterioso), entre outras mais. Entretanto, pode-se dizer que *The adventures of Tom Sawyer* e *Adventures of Huckleberry Finn* foram consideradas obras-primas pela crítica e através delas Twain tornou-se conhecido.

Samuel L. Clemens nasceu em Florida, no estado do Missouri, nos Estados Unidos. Quatro anos depois, mudou-se com sua família para a cidade de Hannibal, às margens do rio Mississipi, o qual serviu de pano de fundo para as aventuras dos meninos na obra *The adventures of Tom Sawyer*. São Petersburgo (cidade fictícia onde se passa a história) seria, por analogia, Hannibal. Muitas dessas aventuras realmente aconteceram, como o próprio autor relata:

A maior parte das aventuras registradas neste livro realmente ocorreu; uma ou duas foram experiências de minha autoria, o resto foi dos meninos que eram colegas meus. Huck Finn foi um indivíduo; Tom Sawyer também, mas não um indivíduo só - ele é uma combinação das características de três meninos que eu conhecia, e, portanto, pertence à ordem de arquitetura composta.<sup>22</sup>

É provável que essa aproximação com a realidade tenha colaborado para que Tom Sawyer seja conhecido, ainda nos dias de hoje, pela maioria dos americanos, mesmo sem eles terem lido a obra. Leary (1964, p. 45) corrobora esse fato quando afirma que “provavelmente jamais apareceu nos Estados Unidos outro livro de popularidade tão constante.” Poder representar fatos reais, bem como fazer denúncias contra a sociedade, são características típicas do período literário em que a obra se insere, o realismo. Entretanto, para Twain, essa corrente não era simplesmente uma técnica literária. De acordo com Vanspanckeren (1994, p. 49),

o estilo de Twain, baseado no vigoroso, realista e coloquial discurso americano, deu aos escritores americanos uma nova valorização de sua voz nacional. Twain foi o primeiro autor importante a vir do interior do país, e ele capturou gírias peculiares e humorísticas e iconoclásticas. Para Twain e outros escritores americanos do final do

---

<sup>22</sup> No original: Most of the adventures recorded in this book really occurred; one or two were experiences of my own, the rest those of boys who were schoolmates of mine. Huck Finn is drawn from life; Tom Sawyer also, but not from individual – he is a combination of the characteristics of three boys whom I knew, and therefore belongs to the composite order of architecture. (Cf. Prefácio, TWAIN, M. *The Adventures of Tom Sawyer*. New York: Harper & Brothers, 1920.)

século XIX, o realismo não era apenas uma técnica literária: era uma maneira de falar a verdade e explodir convenções desgastadas<sup>23</sup>.

A obra *The Adventures of Tom Sawyer* provoca no leitor reflexões ideológicas, muitas vezes satirizando instituições. Como dito anteriormente, Mark Twain era considerado um autor *local colorist*, termo utilizado para se referir aos autores regionalistas naquela época. Vanspanckeren (1994, p. 50) corrobora essa afirmação quando assinala que “duas grandes correntes literárias Americanas no século XIX se fundiram em Mark Twain: o humor popular da fronteira e a cor local, ou ‘regionalismo’”. Essas abordagens literárias começaram em meados de 1830 – e tiveram raízes em tradições orais locais.<sup>24</sup>” Muito da fala dos personagens da obra é representativo da realidade cultural em que eles se encontravam, já que a oralidade é expressa através da escrita. Essa corrente chamada “cor local” (*local colorism*) produziu seus melhores trabalhos durante a Guerra Civil<sup>25</sup>, e o que diferenciava os escritores pertencentes a essa corrente dos demais autores realistas era a auto-consciência e o exclusivo interesse que eles tinham em representar um determinado local, com uma técnica escrupulosamente factual, realista<sup>26</sup> (VANSPANCKEREN, 1994, p. 51).

Ao explorar sua biografia, descobre-se que Clemens ficou órfão de pai aos doze anos. Foi então que ele se tornou aprendiz de tipógrafo e jornalista, realizando um dos seus maiores sonhos: pilotar barcos a vapor. Dessas navegações é que surgiu o seu pseudônimo; Mark Twain era uma expressão utilizada por marinheiros para indicar que não havia perigo à frente (LEARY, 1964, p. 26).

*The adventures of Tom Sawyer* é publicada em um período imediatamente posterior à Guerra Civil (1861). A história tem como personagem principal Tom Sawyer, que é um menino que tem a reputação de causar problemas e confusões por onde passa. Em muitas situações ele pode ser considerado um personagem anti-herói, pois se mostra rebelde e inconformado com a sociedade em que vive. A figura do herói, de acordo com Aguiar e Silva (1974), pode variar conforme a cultura e códigos da época considerados corretos na sociedade

---

<sup>23</sup> No original: Twain’s style, based on vigorous, realistic, colloquial American speech, gave American writers a new appreciation of their national voice. Twain was the first major author to come from the interior of the country, and he captured distinctive, humorous slang and iconoclasm. For Twain and other American writers of the late 19th century, realism was not merely a literary technique: It was a way of speaking truth and exploding worn-out conventions.

<sup>24</sup> No original: Two major literary currents in 19<sup>th</sup> – century America merged in Mark Twain: popular frontier humor and local color, or “regionalism”. These related literary approaches began in the 1830s – and had ever earlier roots in local oral traditions.

<sup>25</sup> A Guerra Civil Americana foi o conflito que ocorreu nos Estados Unidos de 1861 a 1865, colocando em lados opostos o norte e o sul do país.

<sup>26</sup> No original: Like frontier humor, local color writing has old roots but produced its best works during the Civil War. [...] What sets the colorists apart is their self-conscious and exclusive interest in rendering a given location, and their scrupulously factual, realistic technique.

em questão. O protagonista, irrequieto e, muitas vezes, teimoso, prefere fazer o que quer e apenas obedecer às regras quando lhe convém, o que o caracteriza como anti-herói em alguns momentos (normalmente quando ele está em perigo ou se sentindo ameaçado, mostrando seu lado negativo). Ele mora com sua tia Polly, seu meio-irmão Sid e sua prima Mary na pequena cidade (fictícia) de São Petersburgo, às margens do Rio Mississippi, onde predomina a fé cristã e todas as pessoas se conhecem.

Diferentemente de seu meio-irmão Sid, Tom é castigado por sua tia quase diariamente. O garoto não gosta de estudar, e com certa frequência falta não vai à escola. Às vezes, foge de casa à noite para se encontrar com seu amigo Huck Finn, causando muita confusão, das quais se safaria, se não fosse por Sid, que sempre o denunciava para sua tia Polly.

Logo no começo da narrativa, Tia Polly castiga Tom por não ir à escola, obrigando-o a pintar a cerca de sua casa. Preguiçoso e esperto, Tom Sawyer persuade seus amigos para que façam o trabalho por ele, afirmando que o trabalho é muito prazeroso. Na escola, seu comportamento é o mesmo. Através de suas peripécias, ele tenta conquistar Becky Thatcher, filha do juiz, por quem é apaixonado. Em pouco tempo, Tom tem seu sentimento correspondido. Contudo, isso não dura muito: sem querer, ele conta que era comprometido com Amy Lawrence, o que acaba com o relacionamento entre eles.

Nos domingos, seu compromisso era com a escola dominical, onde ele tinha que mostrar seus conhecimentos bíblicos, decorando versículos e os recitando em frente de toda a congregação. Tom odiava fazer os “serviços religiosos”, mas os fazia para não contrariar e brigar com sua Tia Polly.

Certa vez, ao discutirem sobre rituais para curar verrugas, Tom e Huck decidem ir até o cemitério, com um gato preto, à meia-noite, a fim de realizar um deles. Assustados, eles acham que o lugar possui muitos fantasmas. Ao ouvirem vozes, os meninos escondem-se com medo. Entretanto, as vozes não eram de fantasmas, mas, sim, de três ladrões de túmulos, Muff Potter, um alcoólatra da cidade, Dr. Robinson e Injum Joe, um índio malvado. Há uma briga entre os homens, e Injum Joe assassina Dr. Robinson, pretendendo incriminar Muff Potter, que estava desmaiado, pelo crime. Os garotos fogem, fazendo um pacto de silêncio sobre o que aconteceu naquela noite.

No dia seguinte, Tom encrenca-se. Sid conta para Tia Polly que ele fugiu na noite passada, o que faz com que ela brigue com o sobrinho. Ao chegar à escola, Tom é esnobado por Becky. Tom fica chateado e bravo, reunindo-se com seus amigos Huck e Joe Harper. Revoltados, os três decidem fugir para a Ilha Jackson, localizada no meio do Rio Mississippi. Sem notícias dos garotos, os moradores da cidade acreditam que eles estejam mortos, e dão

início a uma busca por seus corpos. No meio da noite, Tom sai da ilha para deixar um bilhete à sua tia, a fim de informá-la que está vivo. Quando chega em casa, esconde-se e ouve a Sra. Harper e Tia Polly planejando os funerais. Assim, os três meninos decidem esperar até os funerais acontecerem para revelar que estavam vivos.

Depois disso, na escola, eles são invejados pelos colegas. Contudo, Becky continua a esnober Tom. Ele somente consegue reconquistá-la ao assumir, no lugar da menina, a culpa por ter rasgado o livro do professor. Apesar de ter sido castigado, o menino fica feliz por ter o amor de sua amada de volta.

Mesmo antes do julgamento, Muff Potter é acusado pelo assassinato pelos moradores da cidade. Tom e Huck sentem-se mal por saber a verdade e não revelá-la, mas ficam ainda piores quando Muff os agradece por terem sido tão gentis com ele. Tom é chamado para testemunhar e conta tudo sobre o crime, apontando Injun Joe como o verdadeiro assassino. O índio foge e é declarado como desaparecido. Os meninos temem que ele queira vingança.

Certo dia, Tom e Huck decidem ir à busca de um velho tesouro enterrado em uma casa abandonada. Lá, eles enxergam Injun Joe e um comparsa discutindo sobre vingança. O plano dos homens é esconder uma sacola com dinheiro na casa e voltar mais tarde para pegá-la. Ao procurar por um esconderijo, eles encontram o tesouro. Com isso, mudam seus planos e optam por escondê-lo “debaixo da cruz, no Número Dois”. Tom e Huck decidem seguir Injun Joe e o outro bandido para conseguirem pegar o tesouro.

Enquanto isso, Becky faz um piquenique para seus amigos. Algumas crianças decidem explorar a caverna MacDougal, que possui várias passagens subterrâneas. Tom e Becky encontram-se na caverna, e, sem que ninguém perceba, perdem-se por lá.

Huck, que aguardava por Tom do lado de fora da caverna, vê os dois bandidos saírem e se dirigirem à casa da Viúva Douglas, com a intenção de roubá-la. Huck gostava muito da Sra. Douglas, e, por isso, decide alertar o Sr. Jones sobre as intenções de Injun Joe. O Sr. Jones e seus filhos correm para a casa da viúva, impedindo que o crime acontecesse. Essa história logo se espalhou pela cidade, juntamente com o desaparecimento de Tom e Becky. Os moradores rezam e procuram por eles.

O casal continua perdido na caverna, sem comida e com uma única vela acesa, prestes a se apagar. De repente, Tom vê um homem, que, para seu espanto, é Injun Joe, não contando para Becky, com medo de assustá-la mais ainda. Depois de muito tempo, eles encontram uma passagem e escapam são e salvos da caverna.

A cidade festeja, e o Juiz Thatcher ordena que a caverna seja fechada e lacrada. Ao saber disso, Tom conta que o índio está escondido lá. Ao romperem o lacre, eles encontram o

homem perto da entrada da caverna, morto de fome e sede. Logo, o tesouro é dado como perdido. Tom e Huck sabem onde o tesouro está, e partem em busca dele.

No caminho de volta, encontram com a Viúva Douglas, que agradece a Huck por ter salvado sua vida, adotando o menino. Declarando que Huck agora está rico e independente, Tom mostra o tesouro recém encontrado por eles, que totalizava cerca de doze mil dólares.

A história termina com Huck e Tom felizes, discutindo seus planos futuros de se tornarem ladrões de primeira classe.

Analisando a obra como um todo, pode-se dizer que o tempo da narrativa é cronológico e a linguagem utilizada é coloquial, cativante e, muitas vezes, humorística; as quais são características do estilo como Twain escreve. Não apenas o incidente no cemitério, mas vários outros acontecem à meia-noite, o que pode ter sido utilizado para criar um certo suspense aos olhos do leitor.

Além disso, como corrobora Leary (1964, p. 45-46), considerando que a obra seja formada por trinta e cinco capítulos, a história pode ser dividida em três partes quase exatamente iguais. A primeira parte é formada por dez capítulos, a segunda também e a terceira, que é a parte culminante, é estruturada em treze. “Um capítulo intercalado separa a primeira parte da segunda e a segunda da terceira” (p. 46). A característica principal que difere os capítulos intercalados dos demais é a passagem do tempo. Em cada uma das três partes,

os acontecimentos são detalhados cuidadosamente, o tempo move-se com lentidão, incidente a incidente, dia a dia. Nos capítulos intercalados o tempo acelera-se, e passam semanas dentro de poucas páginas. Cada uma das partes é diferente das outras em tom, na espécie de aventuras em que Tom se envolve, e na relação dessas aventuras para a uniformidade do todo (LEARY, 1964, p. 46).

Nos dez primeiros capítulos, são apresentados os meninos envolvidos em brincadeiras típicas daquela região e época, como roubar geleia e açúcar, faltar aula para ir nadar num dia quente, trocar “preciosidades” (bolinhas de gude, insetos, cartões...). A primeira parte termina com os meninos indo ao cemitério à noite, onde, acidentalmente, testemunham um assassinato. Nesse recorte, o tempo foi cronologicamente preciso, de sexta-feira à tarde até a noite de segunda-feira, entretanto, no primeiro capítulo intercalado, Muff Potter é preso pelo crime que ele não cometeu, e se passam duas semanas.

A segunda parte, que inicia no capítulo doze e termina no vinte e um, pode ser dividida em dois episódios principais: a aventura na Ilha Jackson e os últimos dias na escola. Então, a velocidade do tempo é novamente reduzida, os meninos voltam a brincar, porém com

uma diferença em suas brincadeiras; agora elas parecem se dirigir contra os adultos, como se eles estivessem revoltados com aquilo que o mundo representa para os meninos que crescem – da inocência para o mal. No segundo capítulo intercalado, os dias de verão são acelerados pela culpa que os meninos sentem em saber da inocência de Muff.

Nos últimos treze capítulos, os meninos parecem agir como adultos. Tom presta testemunho no tribunal; ele e Huck ficam à espreita de Injun Joe com seriedade, e procuram o tesouro, que é real e não fruto da imaginação de uma mente juvenil.

A partir da leitura da autobiografia de Twain (1961), encontram-se evidências de que o autor realmente reproduziu na obra, se não com total precisão, mas com muita fidelidade, acontecimentos que marcaram sua vida, principalmente sua infância. Como dito anteriormente, Huck e o próprio Tom Sawyer tiveram suas personalidades baseadas em meninos reais, assim como outras personagens e até mesmo lugares. Huckleberry Finn, por exemplo, foi desenhado a partir de um amigo do autor, como ele comenta:

[...] desenhei Tom Blankenship exatamente como ele era. Era ignorante, sujo, mal alimentado; mas tinha bom coração, como o tinha qualquer rapaz. As suas liberdades eram totalmente irrestritas. Ele era a única pessoa realmente independente – rapaz ou homem feito – da comunidade; em consciência, era tranquila e continuamente feliz, e invejado por todo o resto de nós. Gostávamos dele; apreciávamos a sua companhia. E como sua companhia era-nos proibida pelos nossos pais, a proibição triplicava e quadriplicava o seu valor, e por isso, procurávamos ter muito mais a sua companhia do que a de qualquer outro rapaz (TWIN, 1961, p. 112).

A partir do momento em que Clemens mudou-se com sua família para Hannibal, ele passou a se hospedar na fazenda do seu tio John A. Quarles, que ficava no campo a quatro milhas de Flórida, dois ou três meses por ano. Twain afirma que, conscientemente, nunca se utilizou de John, nem de sua esposa, num livro. Entretanto, sua fazenda lhe veio muito a propósito na literatura, uma ou duas vezes. Em *Aventuras de Huck e Tom Sawyer, Detetive*, Twain a transportou para o Arkansas. Nota-se que Twain não dava muita importância à moralidade de tal coisa, pois como ele mesmo afirma, “mudaria até um estado de lugar se as exigências da literatura assim o pedissem” (TWIN, 1961, p. 34).

A mãe de Twain lhe “prestou serviços várias vezes” (TWIN, 1961, p. 38) em seus livros, como a Tia Polly, de Tom Sawyer. Ainda nessa obra, Twain empregou Sandy, que era um “negrinho escravo”, que a família de Twain alugou de alguém, em Hannibal. Entretanto, o autor diz não lembrar o nome que lhe foi dado na obra, mas ele lembra que tentou fazê-lo participar da caiação da cerca, no início da narrativa, o que não deu certo (ele se recusou a ajudar Tom). Além de sua mãe, seu irmão, que era dois anos mais novo, Henry, também teve

sua representação na obra. De acordo com Twain (1961, p. 70), Henry tinha como dever contar o que o irmão fazia para sua mãe, “e ele era muito fiel no desempenho desse dever. É ele o Sid de *Tom Sawyer*. Mas Sid não era Henry. Henry era um menino muito melhor e mais camarada do que Sid jamais o foi.”

Outra semelhança entre a realidade e a obra é notada através do personagem Injun Joe e a caverna. Esta ficava a três milhas abaixo de Hannibal e era repleta de morcegos. O “Índio Joe”, que era um mestiço que morava naquela cidade, uma vez perdeu-se dentro da caverna e, de acordo com Twain, “teria morrido de fome caso os morcegos acabassem” (TWIN, 1961, p. 40). Em *The adventures of Tom Sawyer*, Twain o deixa morrer por completo dentro da caverna, “mas isso foi no interesse da arte; nunca aconteceu” (p. 40).

Além das semelhanças citadas, não se pode deixar de fazer uma analogia entre a cidadezinha fictícia de São Petersburgo e a descrição que Twain faz de Hannibal em sua autobiografia:

Na cidadezinha de Hannibal, Missouri, quando eu era menino, todo mundo era pobre mas não sabia disso; e todo mundo sentia-se confortável e sabia disso. E havia uma graduação na sociedade: gente de boa família, gente de família desclassificada, gente sem família. Todo mundo conhecia todo mundo e era afável com todo mundo e ninguém se dava ares visíveis de importância; entretanto, as linhas de classes eram muito claramente traçadas e a vida social familiar de cada classe restringia-se àquela classe. [...] a população da cidade era oriunda dos estados escravistas e ainda tinha consigo, em seu novo lar, a instituição da escravidão (TWIN, 1961, p. 63-64).

As características de Hannibal muito se assemelham com São Petersburgo, principalmente no que diz respeito às pessoas viverem em uma cidade interiorana e pequena, e por ambas serem uma sociedade escravista.

### **3.2 Aventuras de Tom Sawyer, tradução de Monteiro Lobato**

*“Como tenho um certo jeito para impingir gato por lebre, isto é, habilidade por talento, ando com idéia<sup>27</sup> de iniciar a coisa”*  
(LOBATO, 1946, p. 104)

---

<sup>27</sup>A ortografia de citações será conforme o texto original, independente de reformas ortográficas feitas posteriormente.

Ao se falar em Monteiro Lobato, é possível que a maioria dos brasileiros pense em *Sítio do Pica-Pau Amarelo*<sup>28</sup>, que, de fato, é uma das principais criações desse renomado autor e, considerado por muitos críticos, fundador da literatura infanto-juvenil brasileira. Porém, poucos sabem da extrema importância de Lobato na formação do sistema editorial brasileiro, bem como sua preocupação com os problemas sociais, políticos e econômicos do Brasil. Escritor, editor e político são as facetas mais conhecidas de Lobato, mas ele se destacou também pelo seu papel de tradutor, que será aqui explorado.

José Renato Monteiro Lobato, fazendeiro, nascido em 18 de abril de 1882, em Taubaté, na cidade de São Paulo, mudou seu nome para José Bento Monteiro Lobato devido às iniciais gravadas na bengala de seu pai (JBML), para poder usá-la posteriormente. Insatisfeito com sua vida na fazenda, matriculou-se na Faculdade de Direito em São Paulo em 1900, segundo ele, apenas para satisfazer a vontade de seus pais, porque, aparentemente, a sua verdadeira vocação era para a pintura. Basta dizer que ele desenhou antes de falar. E foi essa irreduzível inclinação que o encaminhou para a literatura (LOBATO, 1946, p. 4). Sem demora, Lobato começou a escrever artigos, crônicas e contos, os quais eram publicados em jornais literários, como o *Minarete*. Sem dúvida, ele era um sujeito preocupado com o processo de leitura no Brasil, por ter o hábito de ler e por ser polêmico e crítico em relação às questões sociais do país. Por esse motivo, em 1920, devido a um grande crescimento nos negócios, Lobato fundou a editora *Monteiro Lobato e Cia*, que no ano seguinte já contava com mais de trezentos vendedores, que faziam com que as obras chegassem a locais mais isolados dentro do país. Logo, sua empresa endividou-se e, através da ajuda de acionistas importantes de São Paulo, transformou-se em *Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato*, a qual faliu em 1925 por ter ficado paralisada por dois meses em consequência da Revolução dos Tenentes<sup>29</sup>. Contudo, Monteiro Lobato não desistiu e criou outra empresa, a *Companhia Editora Nacional*. Nesse mesmo período, foi nomeado como encarregado comercial em Nova Iorque e, então, permaneceu nos Estados Unidos por aproximadamente cinco anos. Quando retornou, em 1931, dedicou-se intensamente a uma campanha pela exploração de petróleo e ferro, sendo preso por noventa dias em virtude das suas ideias nacionalistas. Ao sair da prisão,

---

<sup>28</sup> Série composta por vinte e três livros, que foram escritos entre 1920 e 1947 por Monteiro Lobato.

<sup>29</sup> Também conhecida por *Tenentismo*, foi uma revolta político-militar em que os jovens oficiais de média ou baixa patente do Exército Brasileiro fizeram rebeliões por estarem descontentes com a situação política do Brasil. Os jovens propunham mudanças nas formas de poder do país, principalmente no que tange à educação pública e instituição do voto secreto (FAUSTO, 2004, p. 307).

Lobato e Caio Prado fundaram a *Editora Brasiliense*, que perdura até os dias de hoje (AZEVEDO, 1997)<sup>30</sup>.

Toda essa trajetória se faz necessária para que se possa ter uma visão do verdadeiro descontentamento que Lobato tinha perante os governantes do Brasil, que não queriam ceder à industrialização do nosso país e da sua persistência em lutar pelas causas nacionais. Todo escritor escreve para um público, e ele depende de uma boa receptividade desse público para que seu objetivo final seja alcançado, assim,

todo escritor depende do público. E quando afirma desprezá-lo, bastando-lhe o colóquio com os sonhos e a satisfação dada pelo próprio ato criador, está, na verdade, rejeitando determinado tipo de leitor insatisfatório, reservando-se para o leitor ideal em que a obra encontrará verdadeira ressonância. Tanto assim que a ausência ou presença da reação do público, a sua intensidade e qualidade podem decidir a orientação de uma obra e o destino de um artista (CANDIDO, 2006, p. 86).

Visto que Lobato não conseguia fazer com que os adultos pensassem diferente e fizessem uma verdadeira revolução perante os problemas políticos, sociais e econômicos que os cercavam, resolveu dedicar-se a escrever para crianças e jovens, pois ele tinha esperança de que suas obras poderiam lhes dar uma visão melhor de mundo e, conseqüentemente, eles estariam melhor preparados e condicionados a pensar e agir diferente (VIEIRA, 1999, p. 50). Coelho (2000, p. 18) corrobora essa ideia quando afirma que a literatura infantil é a abertura para a formação de uma nova mentalidade. Através disso é que se pode ver como Lobato já pensava muito à frente do seu tempo e, por conseguinte, fazia com que suas ideias chocassem aqueles com quem convivia. Escrever para o público infanto-juvenil obteve sucesso, tanto que Lobato pode ser hoje considerado o precursor da literatura infanto-juvenil no Brasil. Zilberman (2005, p. 34-35) confirma:

os livros que Monteiro Lobato escreveu com o pensamento nas crianças obtiveram grande sucesso. [...] Graças à atividade de escritor em tempo integral, a literatura infantil apareceu no horizonte das editoras como um negócio rentável, razão por que elas se sentiram à vontade para publicar outros autores nacionais. Não fosse assim, elas abrigariam apenas autores estrangeiros em tradução ou facilitariam as adaptações de obras consagradas, como aconteceu no início do século XX. Como vender livros para a infância dava lucro, as editoras procuravam investir em outros nomes, fato que conferiu consistência e durabilidade à literatura destinada às crianças do Brasil.

---

<sup>30</sup> Todas as informações desse parágrafo foram retiradas de: AZEVEDO, Carmen Lucia de. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos, Vladimir Sacchetta. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

Lobato, então, não só contribuiu para a difusão da literatura infanto-juvenil no Brasil, como colaborou para o crescimento do mercado do livro no país e encorajou outros autores a investirem na produção desse tipo de literatura. Ao analisar-se as correspondências que Lobato encaminhava, principalmente a seu amigo Godofredo Rangel, – as quais foram posteriormente compiladas em um volume intitulado *A barca de Gleyre* – tem-se interessantes noções sobre seu entendimento de leitura, principalmente no que diz respeito ao público infantil. Suas intenções eram explicadas em trechos de várias cartas, entretanto, conforme Vieira (1999, p. 45), “é só em 1916 que o projeto parece adquirir contornos mais firmes”, como pode-se constatar no seguinte trecho de *A barca de Gleyre*:

Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de *Esopo* e *La Fontaine*, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural. A moralidade nos fica no subconsciente para ir se revelando mais tarde, à medida que progredimos em compreensão. Ora, um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se for feito com arte e talento dará coisa preciosa. As fábulas em português que conheço, em geral traduções de *La Fontaine*, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta [...]. É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos... (LOBATO, 1946, p. 104).

Nesse trecho, nota-se que sua ânsia de criar uma literatura infantil pode ter surgido da preocupação que ele tinha em relação à criação e à educação de seus próprios filhos. Muitos autores, hoje, consideram-no um divisor de águas, responsabilizando-o por separar o Brasil de ontem e o Brasil de hoje (COELHO, 2010, p. 247). Coelho (2010) ainda comenta que a constante busca pelo nacional era manifestada no seu modo de escrever, sua linguagem era “brasileira” e correspondia à realidade que lhe servia de tema. Inclusive, Lobato criticava aqueles que acreditavam que a literatura tinha como prioridade a valorização da forma, do “falar difícil” – ideia defendida pelos parnasianistas. É nesse sentido que o escritor usa a expressão “desliteraturizar”, ou seja, escrever conforme se fala, pois assim a obra poderá ser mais facilmente compreensível para seus pequenos leitores (VIEIRA, 1999, p. 47).

Tarefa difícil seria a de criar uma “consciência nacional” em um povo colonizado por raízes indo-europeias, as quais nos serviam como herança cultural e nos faziam ser economicamente dependentes de grandes potências econômicas. Mas Lobato sempre se empenhou fervorosamente para que pudéssemos descobrir e conquistar a nossa própria brasilidade, talvez por consequência de ter sido educado pelas diretrizes do positivismo

progressista, vigente no período em que o movimento naturalista/realista se solidificava no Brasil (COELHO, 2010, p. 251). Pode-se dizer que foi devido a essa sua tendência construtivista e racional que Lobato não se engajou na proposta dos Modernistas em 1920. Ousado, na Semana da Arte Moderna, em 1922, escreveu um polêmico artigo contra Anita Malfatti, intitulado *Paranóia ou Mistificação – a propósito da Exposição Malfatti*, no qual critica veementemente a arte moderna, depreciando seu valor. Mas, não teria ele sido “moderno” por ter tido a audácia de romper com os padrões vigentes da sua época, impondo a *sua* ideologia? Talvez ele apenas tenha se precipitado ao reprovar o Modernismo.

Assim, pode-se dizer que a obra de Lobato, de uma forma geral, tem uma estrutura própria, e “escapa a qualquer identificação. Ela percorre a seguinte trajetória: a realidade como premissa, a fantasia como meio, a verdade como fim, para atingir o bem supremo, que é a liberdade” (CARVALHO, 1985, p. 139).

Assim como Mark Twain, nos Estados Unidos, Monteiro Lobato também era, no Brasil, querido por milhões de leitores. E ele teve a felicidade de saber disso, através de testemunhos que lhe mandavam cartas até o fim de sua vida. Coelho (2010) corrobora essa ideia, afirmando que ele

teve testemunhos até o fim da vida, pelas demonstrações pessoais e pelas muitas cartas recebidas, com as mais afetuosas confissões de encantamento com o mundo que ele soube criar. Pode-se dizer, pois, que a aceitação de seus livros foi ampla e irrestrita, até o momento em que sua visão crítica do mundo foi-se tornando mais objetiva, e, ao mesmo tempo, mais lúcida e feroz em relação à realidade de sua época (COELHO, 2010, p. 254).

Ao analisar toda a produção de Lobato, que conta com 23 livros, constata-se que grande parte dela é formada por livros traduzidos, em que ele meramente realiza transposição de código linguístico, sem contribuição recreativa. *Aventuras de Tom Sawyer* (1934) foi uma das primeiras traduções realizadas por ele. De acordo com Coelho (2010, p. 253), “traduzir, para Lobato, era uma atividade fascinante.” A autora ainda coloca que ele traduzia um número tão grande de obras, que muitos chegavam a suspeitar que contava com a ajuda de colaboradores anônimos em suas traduções; isso o irritava, pois sua honestidade estava sendo colocada em dúvida. Entretanto, ele nunca se deu ao trabalho de contestar. Escreveu certa vez em uma carta que traduzir “é uma viagem por um estilo. [...] Que delícia remodelar uma obra de arte em outra língua!”<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> *A Barca de Gleyre – II*, p. 327

Poucos sabem da importância que Lobato teve como tradutor. Foi através dele que inúmeras obras importantes puderam ser acessíveis ao leitor brasileiro. Mas por que traduzir Mark Twain? Talvez não haja uma razão específica, talvez Lobato o escolheu por ser considerado um dos precursores da literatura norte-americana, ou por ter se identificado com suas ideias nacionalistas e progressistas. Ou ainda por, assim como Twain, ser ativo na luta contra a opressão de escravos afrodescendentes (considerando que, na época em que Lobato traduziu Twain – 1934 – a sociedade brasileira ainda revelava marcas de muitos anos de escravidão). São apenas hipóteses. Entretanto, não se pode deixar de notar que haja uma certa semelhança entre o sítio criado por Lobato e o ambiente rural e sulista descrito e utilizado como pano de fundo em Tom Sawyer e Huckleberry Finn, por Mark Twain. Quiçá Twain serviu de inspiração a Lobato.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, será feita a análise dos dados estudados, fundamentada pelos conceitos de estrangeirização e domesticação propostos por Venuti (1995), pelos estudos de Xatará (2002) acerca das expressões idiomáticas, pelos estudos de tradução feitos por Eco (2011), Bassnett (2005), Aubert (1994), Vinay e Dalbernet (1971), Barbosa (1990) e Hurtado Albir (2001), pela definição de cultura feita por Cucho (2002), e pelas reflexões sobre regionalidade abordadas por Stüben (2013), Arendt (2012) e Haesbeert (2010), entre outros.

### 4.1 Análise dos trechos selecionados

Como já abordado no capítulo 3, o romance *The adventures of Tom Sawyer* representa com realismo a sociedade provinciana dos Estados Unidos, manifestando muito da cultura local da região através das falas das personagens e de seus hábitos. No total, a obra conta com 35 capítulos, sendo que, nesta análise, os trechos selecionados foram retirados dos dez primeiros, os quais constituem a “primeira parte” da narrativa, em que o foco é nos meninos e nas suas brincadeiras e travessuras. Nessa parte, foi encontrado o maior número de casos de regionalidades, bem como de domesticações, o que justifica a escolha desse recorte. Os trechos serão analisados individualmente, na ordem em que aparecem na obra. Em cada trecho será identificada a técnica tradutória utilizada pelo tradutor, Monteiro Lobato, segundo a proposta da autora mais recente, Hurtado Albir (2001). Posteriormente, em cada trecho será verificado se ocorreu um processo de domesticação ou estrangeirização, de acordo com Venuti (1995).

QUADRO 1

<i>The adventures of Tom Sawyer</i> – Mark Twain	<i>Aventuras de Tom Sawyer</i> – tradução de Monteiro Lobato
“[...] Forty times I’ve said if you didn’t let that jam alone I’d skin you. Hand me that switch.” (p. 12)	“[...] Já disse vinte vezes: se não me deixa em paz a geléia, eu arranco êsse couro. Dê cá a vara...” (p. 10)

Fonte: elaboração da autora.

Nesse primeiro quadro, considerando as estratégias tradutórias propostas por Vinay e Dalbernet (1971) e Barbosa (1990), verifica-se que Lobato fez uma **equivalência** ao traduzir

“Forty times I’ve said” por “Já disse vinte vezes”. Isso corresponderia à técnica tradutória que Hurtado Albir (2001) diz que o tradutor faz uso de um **equivalente consagrado**<sup>32</sup>. A expressão usada pelo tradutor se aproxima do uso do português brasileiro, em situações em que alguém está reforçando um aviso previamente dito. Tanto Twain como Lobato quantificam o número de vezes para indicar esse reforço, “vinte vezes” em português e “quarenta vezes” em inglês. Lobato optou por essa quantificação, mas no uso do português brasileiro também se verifica muito a expressão “mil vezes”. Mesmo assim, tem-se um caso de domesticação na tradução.

QUADRO 2

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Can’t learn an old dog new tricks, as the saying is.” (p. 12)	“Cão velho não aprende truque novo, como dizem, [...]” (p. 10)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 2, tem-se um caso em que um provérbio, “Can’t learn an old dog new tricks”, é traduzido por um equivalente na língua-meta, “Cão velho não aprende truque novo”. Novamente, aqui, o tradutor faz uso de um **equivalente consagrado**, pois um elemento cultural da língua-fonte foi substituído por outro com a mesma função na cultura da língua de chegada. Vale ressaltar que os provérbios têm um enorme poder de carregar uma cultura e os conhecimentos dela. É por essa razão que provérbios, de uma forma geral, fazem parte do uso consagrado de uma língua. Nem todos são traduzidos de forma semelhante, mas se equivalem em conteúdo. Observa-se, aqui, um caso de domesticação acerca da tradução do provérbio.

QUADRO 3

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“He’s full of the Old Scratch, but laws-a-me!” (p.12)	“Ele tem o demo no corpo, mas que fazer?” (p. 10)

Fonte: elaboração da autora.

A expressão “Old Scratch”, de acordo com o dicionário digital Merriam-Webster<sup>33</sup>, era utilizada antigamente para referir-se ao demônio. Segundo o dicionário etimológico digital<sup>34</sup>, “Old Scratch” começou a ser utilizada para se referir ao Diabo em meados de 1740, a partir da lexia “skratte”, pertencente a uma língua conhecida como “Old Norse” - Nórdico

<sup>32</sup> Doravante, as técnicas tradutórias identificadas referem-se à proposta de Hurtado Albir (2001). Caso feito o uso de alguma estratégia mencionada por um dos outros autores, será referenciado.

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

antigo -, falada por pessoas que moravam na Escandinávia e arredores, na Era Viking. Significava “duende, feiticeiro”. Essa mesma lexia foi posteriormente utilizada no Inglês para encobrir o termo “hermafrodita”.

Lobato opta por utilizar a lexia “demo”, registrada pelo dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2005), como “espírito maligno do cristianismo; demônio, diabo”. É interessante observar que esse dicionário apresenta a datação de 1210 para essa lexia. Lobato, em sua tradução, respeitou a escolha de Twain por uma expressão antiga. Assim, não apenas existe um equivalente lexical, como também de registro. Tem-se, novamente, o uso de um **equivalente consagrado** na tradução.

QUADRO 4

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“He got back home barely in season to help Jim, the small colored boy, saw next-day’s wood and split the kindlings before supper – [...]” (p. 13)	“Voltou tarde, quase sem tempo de ajudar Jim, o negrinho, a serrar lenha para o dia seguinte e rachar alguma para aquela noite” (p. 11)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 4, observa-se um caso de **equivalente consagrado** ao analisar a tradução de como Twain se refere ao escravo Jim, “the small colored boy”. Lobato faz uso de um termo mais preciso e significativo na língua-meta (principalmente devido ao contexto histórico – década de 30), “o negrinho”. Essa lexia pode ser observada em outras obras da literatura brasileira que mencionam o período da escravidão, como Machado de Assis, ou até mesmo obras modernistas, como Macunaíma. A referência aos escravos jovens ou crianças era normalmente feita dessa maneira. Então, tem-se aqui um caso de domesticação. Além disso, observa-se que a expressão “in season” também foi traduzida por uma expressão equivalente na língua-meta. De acordo com o dicionário digital Merriam-Webster, “in season” significa “na época, na temporada”, como se diz de uma fruta da época, metaforicamente pode ser usada para referir-se à hora certa de algo acontecer. Entretanto, a expressão pode ser utilizada com o significado de “no momento certo, oportunamente”. Lobato a traduziu levando em consideração o seu significado temporal, “quase sem tempo”.

QUADRO 5

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“- Tom, it was middling warm in school, warn’t it? - Yes’m.” (p. 13)	“- Tom – perguntou ela -, não fez muito calor hoje na escola? - S...im, titia.” (p. 11)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 5, tem-se um caso de **variação** de tom no que diz respeito à tradução do pronome de tratamento usado por Tom Sawyer ao se dirigir à sua tia Polly. No texto original, o uso do “m” é uma forma reduzida de “ma’m”, que é uma abreviação de *madam*. Tal uso corresponde à oralidade que Twain buscava representar nos diálogos da obra, e indica a hierarquia que existia entre ele e sua tia (cf. DAL CORNO e SOPPELSA, 2014). Ela era mais velha e responsável por ele, e, portanto, o menino deveria mostrar respeito ao falar com ela. Entretanto, ao analisar a obra de uma forma geral, nota-se que Tom Sawyer tinha um certo desprezo pelas regras e adorava desrespeitá-las. Então, o que o levava a tratar sua tia com tanta educação? Eis que se torna evidente, em quase todos os trechos em que o menino se refere a sua tia dessa forma, um sentimento de culpa. Quando Tia Polly o questionava sobre algo que ele pudesse ter feito errado, a formalidade aumentava.

Contudo, como corroboram Dal Corno e Soppelsa (2014), em vários casos em que Twain usa o pronome “m”, Lobato traduz pela lexia “tia”. Verifica-se esse emprego em dois tipos de situação: a) quando Tom, em posição desfavorável, com medo ou receio, dirige-se à tia em súplica; ou b) quando Tom procura expressar seu carinho à tia. Segundo Brown e Ford (1961), esse emprego poderia ser justificado pelo fato de que a pessoa de *status* inferior (nesse caso, Tom) teria mais motivo para propor intimidade e, assim, usaria uma forma de tratamento que indica maior proximidade. A variante “tia” é empregada no lugar de “m”, a qual, mais do que afetividade, no texto original marca a relação hierárquica de superioridade da tia.

QUADRO 6

<i>The adventures of Tom Sawyer</i> – Mark Twain	<i>Aventuras de Tom Sawyer</i> – tradução de Monteiro Lobato
“A bit of scare shot through Tom – a touch of uncomfortable suspicion.” (p. 13)	“O menino sentiu a pulga atrás da orelha e olhou bem para a tia; [...]” (p. 11)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 6, observa-se outro caso de **equivalente consagrado**. O trecho da obra original foi inteiramente traduzido por uma expressão idiomática na língua-meta, a qual precisamente reproduz a semanticidade da frase em Inglês. Pode-se dizer, também, que aqui há um caso de ganho na tradução (BASSNETT, 2005), pois a expressão idiomática usada na LM facilita a compreensão do leitor brasileiro, o que caracteriza esse trecho como domesticador.

QUADRO 7

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Siddy, I’ll lick you for that” (p. 14)	“- Esta não fica assim! Você me paga.” (p. 12)

Fonte: elaboração da autora.

QUADRO 8

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“I can lick you” (p. 15)	“- Posso dar em você.” (p. 13)

Fonte: elaboração da autora.

Nos quadros 7 e 8, tem-se um caso em que uma mesma expressão da obra original, “lick you”, foi traduzida de duas formas diferentes. De acordo com o dicionário digital Merriam-Webster, uma das acepções do verbo “to lick” é a forma coloquial do verbo “to beat”, ou seja, “bater” (a primeira acepção do verbo em questão é “lamber”). Em ambas as traduções verifica-se um **equivalente consagrado**, pois estão dicionarizadas e, possivelmente, consagradas ao uso na época em que a obra foi traduzida (1934). “Dar + em” encontra-se dicionarizada com o significado de “bater em alguém”. Já a expressão “você me paga” pode ter o mesmo significado de “bater” ou não, seu significado pode ser metafórico nesse caso. O interlocutor vai pagar de alguma forma, mas não se sabe como. Ainda no quadro 7, o tradutor faz uso de uma **ampliação linguística**, acrescentando a frase “Esta não fica assim!”, o efeito disso é aumentar o tom da ameaça. Em ambos os quadros, ocorre o processo de domesticação na tradução.

QUADRO 9

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“‘Tisn’t any of your business, maybe.” “Well I’low I’ll make it my business.” “Well why don’t you?” “If you say much I will.” “Much-much-much. There now.” (p. 15-16)	“- Não é da sua conta! - Pois se eu quiser fica sendo. - Experimente! - Continue assim, que vai ver. - Oh, oh, oh!...” (p. 14)

Fonte: elaboração da autora.

O diálogo apresentado no quadro 9 mostra um caso de perda na tradução (BASSNETT, 2005). Para que a semanticidade fosse mantida, o tradutor poderia ter optado por uma tradução literal:

“- Se você disser  *muito* eu vou.

– Muito-muito-muito. E agora??”.

No entanto, Lobato optou por uma **substituição**, através da qual procurou reproduzir elementos da fala, o som “oh, oh, oh...”, usando elementos paralinguísticos no lugar de

elementos linguísticos. Contudo, o tom de ameaça do original “if you say much I will” por “continue assim, que vai ver” é mantido. Observa-se uma domesticação na tradução no momento em que o tradutor usa o **equivalente consagrado** “não é da sua conta”, como correspondência à “Tisn’t any of your business, maybe”. Vale ressaltar que, no texto em inglês, há erros gramaticais e linguísticos, próprios da linguagem informal; Lobato, no português, segue a norma padrão.

QUADRO 10

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Smarty! You think you’re <i>some</i> , now, <i>don’t</i> you? Oh what a hat!” “You can lump that hat if you don’t like it. I dare you to knock it off – and anybody that’ll take a dare will suck eggs.” (p. 16)	“- Prosa! Pensa que é algum? Olhe êsse chapéu! - Pois tire-o da minha cabeça, se não gosta; você ou quem fizer isso, há de ver.” (p. 14)

Fonte: elaboração da autora.

O dicionário Merriam-Webster digital define “Smarty!” como uma expressão utilizada para chamar alguém de “esperto”, ironicamente, inclusive. É uma gíria comum usada no Sul dos Estados Unidos e a datação é de 1854. Em sua tradução, Lobato fez novamente o uso de um **equivalente consagrado**. “Prosa!”, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2005) é usada, no seu sentido figurado, para referir-se a um “sujeito pedante, contador de vantagens, cheio de si, enfatuado.” Entretanto, vale ressaltar que tal expressão não é mais utilizada na fala coloquial nos dias de hoje, muito menos por crianças; percebe-se a influência do contexto histórico na tradução. Tem-se, portanto, um caso de domesticação acerca da época em que a tradução foi feita.

Lobato parece fazer uma **tradução literal** da frase “You think you’re *some*” por “Pensa que é algum?”, porém a tradução parece não fazer muito sentido nos dias de hoje.

Outro caso que chama a atenção é o uso do **equivalente consagrado** “há de ver”, em comparação à “suck eggs”. A primeira acepção do dicionário Merriam-Webster digital para tal expressão é “chegar sem nada para conseguir alcançar alguma coisa”; já na segunda definição ela é um “comando para ‘se perder’ ou ‘cair fora’”, a qual é usualmente usada na forma “go suck eggs”. Ou seja, no contexto em que ela está sendo utilizada no texto original, o falante está dizendo que o interlocutor pode até tentar tirar o chapéu da cabeça dele, mas será em vão, pois ele não irá conseguir. O sentido expresso na tradução é um tanto diferente, e o uso do verbo “haver” a torna mais formal. Através de “há de ver”, Lobato expressa um tom de ameaça, uma forma de xingamento ou impreciação, que não tem a mesma força da expressão “suck eggs” do original. Uma alternativa de tradução menos formal e consagrada

no uso seria “(você) vai ver”, mas, mesmo assim, o sentido equivaleria ao da frase em inglês. A expressão utilizada pelo tradutor é domesticadora.

QUADRO 11

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“You’re a fighting liar and dasn’t take it up.” “Aw – take a walk!” “Say – if you give me much more of sass I’ll take and bounce a rock off’n your head.” (p. 16)	“- Mentiroso é você! - Mentiroso, sim, e dos que não escoram. - Dê um passo para ver. - Se continua, pego uma pedra e racho essa cabeça.” (p. 14)

Fonte: elaboração da autora.

A primeira técnica identificada no quadro 11 diz respeito à ausência de elementos linguísticos na tradução, uma fala a menos. Não se pode dizer que essa **compressão linguística** seja um caso de perda, pois não acarreta prejuízo semântico no diálogo. Entretanto, tem-se um caso de perda na tradução se levado em conta o conteúdo semântico da expressão “take a walk”. Lobato a traduz de forma totalmente oposta. A gíria em inglês equivaleria ao uso da expressão “vai se catar; cai fora”, do português brasileiro. O tradutor a representa em num tom de ameaça, “dê um passo para ver”. Ou seja, se o interlocutor “cair fora”, algo de ruim vai acontecer com ele; o que não seria o sentido expresso pela fala original. O trecho presente nesse quadro é um exemplo de como Twain representava a oralidade através dos diálogos entre as personagens. Lobato não faz o mesmo na tradução; pelo contrário, às vezes a torna mais formal.

QUADRO 12

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“So they stood, each with a foot placed at an angle as a brace, and both shoving with might and main, and glowering at each other with hate. But neither could get an advantage. After struggling till both were hot and flushed, each relaxed his strain with watchful caution, and Tom said: [...]” (p. 16)	“Estavam os dois plantados frente a frente e a se comerem de ódio. Mas nenhum cedía. Depois de algum tempo daquele duelo, ambos afrouxaram a tensão, mas sempre em guarda.” (p. 15)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 12, tem-se outro uso de um **equivalente consagrado** no que diz respeito à tradução de uma expressão idiomática do inglês, “with might and main”, por “comerem de ódio”. Merriam-Webster digital define “might and main” como “grande força física; grande força”, o que metaforicamente refere-se à intensidade do olhar dos meninos um para com o outro. Lobato utilizou um termo muito utilizado na fala do português brasileiro, o qual

expressa raiva e ódio quando não é possível tomar uma providência física, “se comer de ódio”. Nesse caso, há uma domesticação na tradução.

QUADRO 13

<i>The adventures of Tom Sawyer</i> – Mark Twain	<i>Aventuras de Tom Sawyer</i> – tradução de Monteiro Lobato
“Well, you <i>said</i> you’d do it – why don’t you do it? By jingo! For two cents I <i>will</i> do it.” (p. 17)	“O menino pisou no risco. - Pronto! Quero ver o que acontece. - Por dois centavos eu mostro – revidou Tom.” (p. 15)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 13, tem-se um caso de **ampliação linguística**, mas que não pode ser considerado um ganho na tradução, pois o tradutor apenas acrescentou uma narração para facilitar a compreensão do leitor acerca do que estava acontecendo e enfatizar que o menino realmente “pisou no risco”, como havia sido desafiado. Nesse trecho, chama a atenção o uso da expressão em inglês “By jingo”, a qual, de acordo com o dicionário etimológico digital, tem datação em 1870, como eufemismo de “by Jesus”, “por Jesus”, e é usada como uma interjeição para enfatizar a veracidade ou importância do que foi dito. De “jingo” origina-se a palavra “jingoism”, que era um termo utilizado para referir patriotismo exacerbado ou tendência belicosa. Twain pode ter utilizado “By jingo” no diálogo para dar ênfase, para mostrar que o menino realmente iria tomar uma atitude em relação à ameaça do interlocutor. Lobato não faz uso de nenhum termo equivalente do português brasileiro para tal expressão, sequer usa uma interjeição; no entanto, o sentido global se mantém.

QUADRO 14

<i>The adventures of Tom Sawyer</i> – Mark Twain	<i>Aventuras de Tom Sawyer</i> – tradução de Monteiro Lobato
“Holler ‘nuff! said he. The boy only struggled to free himself. He was crying – mainly from rage.” (p. 17)	“- Entrega o pito – dizia Tom; e o menino forcejava por livrar-se de suas unhas. Estava chorando de ódio.” (p. 15)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 14, verifica-se um caso de domesticação na tradução, quando Lobato traduz a expressão “Holler ‘nuff”, por um **equivalente consagrado**, “Entrega o pito”. O verbo “holler”, de acordo com o dicionário digital Merriam-Webster, significa “gritar” ou “falar em voz alta”; “‘nuff” pode ser entendida como uma contração, ou como representação da oralidade de “enough”, a qual significa “suficiente”. A locução “Holler ‘nuff”, então, poderia ser entendida como “grite que é o suficiente”. O tradutor preferiu, no entanto, fazer uso de um termo que estava consagrado no uso do português da época em que a tradução foi realizada

(1934). Hoje, a expressão “entrega o pito”, não é muito conhecida; no máximo, alguém poderia entregar um cigarro ou charuto, se levado em consideração o significado informal da palavra “pito” isoladamente.

QUADRO 15

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
<p>“The new boy went off brushing the dust from his clothes, sobbing, snuffling, and occasionally looking back and shaking his head and threatening what he would do to Tom the ‘next time he caught him out’. To which Tom responded with jeers, and started off in his high feather, and as soon as his back was turned the new boy snatched up a stone, threw it and hit him between the shoulders and then turned tail and ran like an antelope. Tom chased the traitor home, and thus found out where he lived. He then held a position at the gate for some time, daring the enemy to come outside, but the enemy only made faces at him through the window and declined. At last the enemy’s mother appeared, and called Tom a bad, vicious, vulgar child, and ordered him away. So he went away; but he said he ‘lowed’ to ‘lay’ for that boy.” (p. 17-18)</p>	<p>“O vencido lá se foi, a espanejar-se entre soluços, amiúde voltando-se para o ameaçar de surra na primeira ocasião em que o apanhasse de jeito. Tom respondia com mofas, e ia andando com ar de triunfo; mas ao chegar a certa distância o outro lançou-lhe uma pedra, que o alcançou pelas costas e fugiu no galope. Tom o perseguiu até vê-lo entrar em casa – e ficou sabendo onde residia. Tomou posição ali por perto e desafiou o inimigo a sair em campo raso. O inimigo, porém, contentou-se com mostrar-lhe a língua e fazer-lhe caretas por trás dos vidros da janela. Por fim apareceu a mãe do menino, que xingou Tom de moleque e mandou-o safar-se dali. Tom obedeceu – mas antes gritou que o menino havia de pagar.” (p. 15-16)</p>

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 15, percebe-se, novamente, um caso de domesticação na tradução através do uso de dois **equivalentes consagrados** na tradução de duas frases. A primeira é “com mofas”, como tradução de “with jeers”. De acordo com o dicionário Merriam-Webster digital, “with jeers” é “fazer algo com deboche”; no caso, Tom respondia com deboche, sendo essa uma das possíveis alternativas de tradução para tal expressão. Lobato preferiu utilizar uma locução que tem a mesma semanticidade, que era comum na fala das pessoas que viviam naquela época em São Paulo, Brasil, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2005). O dicionário traz “zombaria; escárnio; gozação” como significado para “mofa”. Apesar de esse uso estar dicionarizado, ele não poderia ser considerado consagrado no uso do português atual.

Na segunda frase, tem-se novamente o uso de um **equivalente consagrado** na tradução de “ran like an antelope” por “fugiu no galope”. Na tradução literal, ficaria “correu como um antílope”, porém, seria algo que dificilmente um falante da língua portuguesa diria, pelo fato de este não ser um animal comum no Brasil. A lexia “galope” remete ao uso de cavalos como meio de transporte na década de 1930, e faz com que o leitor imagine que o menino que atirou a pedra em Tom fugiu rapidamente.

Além disso, pode-se dizer que Lobato proporcionou um ganho à tradução, no momento em que traduz “the enemy only made faces at him” por “o inimigo, porém, contentou-se com mostrar-lhe a língua e fazer-lhe caretas”, outro caso de domesticação através de **ampliação linguística**. Mostrar a língua, na cultura da língua de chegada, era (e ainda é) considerado algo ofensivo.

QUADRO 16

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“The locust trees were in bloom and the fragrance of the blossoms filled the air. Cardiff Hill, beyond the village and above it, was green with vegetation, and it lay just far enough away to seem a Delectable Land, dreamy, reposeful, and inviting.” (p. 19)	“O perfume das acácias boiava no ar. O morro de Cardiff, a cavaleiro da aldeia, todo verde, ficava a certa distância – o necessário para fazê-lo parecer uma terra do sonho, repousante e convidativa.” (p. 18)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 16, verifica-se uma **adaptação** de “locust trees” por “acácias”, onde um elemento cultural da LO foi substituído por outro elemento cultural na LM. Do gênero das Gleditsias, a variedade Honeylocust (*Gleditsia tricantos* L.)<sup>35</sup>, por exemplo, é comum na região centro-leste dos Estados Unidos, portanto, também no local que serve como cenário para o romance. Já a acácia é uma árvore da família das leguminosas, sendo uma das mais conhecidas no Brasil, a acácia-mimosa (*Acacia podalyriifolia*)<sup>36</sup>.

Levando-se em conta que a vegetação pode ser considerada uma regionalidade, ela é um elemento cultural, uma especificidade daquela região. Tem-se, portanto, outro caso de domesticação na tradução.

QUADRO 17

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Say, Jim, I’ll fetch the water if you’ll whitewash some.” Jim shook his head and said: “Can’t, Ma’rs Tom. Ole misses, she tole me I got to go an’ git dis water an’ not stop foolin’ roun’ wid anybody. She say she spec’ Mars Tom gwine to ax me to whitewash, an’ so she tole me go ‘long an’ ‘tend to my own business – she ‘lowed <i>she’d</i> ‘tend to de whitewashin’.” (p. 19-20)	“- Escute, Jim: vou carregar água enquanto você caía um pouco. Jim sacudiu a cabeça. - Não posso, Sinhôzinho. Sinhá me mandou carregar água e não quer que banze pelo caminho. Também me disse que com certeza Sinhôzinho me ia pedir para dar uma ajuda; mas que eu cuidasse do meu serviço que êle cuidava da caiação.” (p. 19)

Fonte: elaboração da autora.

<sup>35</sup> Informação disponível em:

<[http://www.na.fs.fed.us/spfo/pubs/silvics\\_manual/volume\\_2/gleditsia/triacthos.htm](http://www.na.fs.fed.us/spfo/pubs/silvics_manual/volume_2/gleditsia/triacthos.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2015.

<sup>36</sup> Informação disponível em: <[http://www.na.fs.fed.us/spfo/pubs/silvics\\_manual/volume\\_2/gleditsia/triacthos.htm](http://www.na.fs.fed.us/spfo/pubs/silvics_manual/volume_2/gleditsia/triacthos.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2015.

Nesse trecho percebe-se o uso da **variação** na tradução. A forma “missis” é uma variante de “mistress”, usada para referir-se a uma mulher com poder e ascendência sobre empregados e serviçais. Já “ole” é uma corruptela de “old” (=velha), numa tentativa de reprodução da oralidade. O emprego das duas formas combinadas marca duplamente a hierarquia superior de tia Polly, indicando o reconhecimento do respeito devido à senhora tanto pela idade quanto pela posse do escravo.

Mesmo sendo Tia Polly a dona do escravo, Jim refere-se ao sobrinho dela com marca de respeito pela hierarquia ao usar a forma “Ma’rs Tom”, em que “Ma’rs” procura reproduzir na escrita a pronúncia regional de “Máster” (= amo, senhor), nesse caso indicando a posição inferior do escravo em relação a Tom (cf. DAL CORNO; SOPPELSA, 2014).

Essa mesma submissão aparece na forma através da qual Jim se refere a Tom. A tradução apresenta, para equivaler a “Ma’rs Tom” do original, a forma “Sinhôzinho”; modo de um escravo se referir ao filho do senhor (cf. FERREIRA, 2010; HOUAISS e VILLAR, 2005). Considerando que as formas de tratamento utilizadas pelo tradutor correspondem ao contexto histórico em que se inserem, tem-se uma domesticação na tradução.

QUADRO 18

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Oh, never you mind what she said, Jim. That’s the way she always talks. Gimme the bucket – I won’t be gone only a minute. <i>She</i> won’t ever know.” (p. 20)	“- Não faça caso do que titia diz, Jim. Repete sempre a mesma coisa. Dê cá o balde. Demoro só um minuto...ela nem percebe.” (p. 19)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 18, observa-se outro caso de domesticação a partir do uso de um **equivalente consagrado** na tradução de “never you mind” por “não faça caso”. Uma das alternativas de tradução para a expressão em questão seria “não se importe”. Lobato utilizou um termo que não compromete a semanticidade, talvez de uso mais generalizado no português brasileiro da década de 1930. De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2005), “não fazer caso” significa “não considerar, não ligar”, não se importar.

QUADRO 19

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Jim began to waver. ‘White alley, Jim! And it’s a bully taw.’ ‘My! Dat’s a mighty gay marvel, I <i>tell</i> you! But Ma’rs Tom I’s powerful ‘fraid ole missis-’” (p. 20)	“O negro começou a vacilar. ‘- Uma bolinha branca, Jim. Das de mármore.’ ‘- Por Deus! Isso é uma maravilha...Mas olhe, Sinhôzinho, que estou com medo da velha...’” (p. 19)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 19, observa-se um caso em que uma regionalidade presente na obra original foi traduzida pela mesma especificidade cultural da língua-meta. Desse modo, não se pode dizer se essa frase corresponde a uma estrangeirização ou a uma domesticação. Em ambas as regiões, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil, brincar com bolinhas de gude fazia parte das brincadeiras das crianças. Por isso, a oferta que Tom estava fazendo a Jim era extremamente tentadora: trocar um afazer por uma bolinha de gude, a branca - “white alley, Jim! And it’s a bully taw”. “Bully taw”, de acordo com o glossário da obra original, era uma bolinha excelente, com a qual era possível “atirar” nas outras. Pode-se dizer que Lobato fez, aqui, uma **particularização**, ao especificar o material de que era feita essa bolinha - “Uma bolinha branca, Jim. Das de mármore”.

Ainda nesse quadro, tem-se, novamente, um caso de uso de **variação** em relação à tradução da forma de tratamento “Ma’rs Tom” por “Sinhôzinho”, e de “ole missis” por “velha”, nesse caso, como já foi explicado no quadro 17, o que pode ser classificado como uma domesticação.

QUADRO 20

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“No – no – I reckon it wouldn’t hardly do, Ben. You see, Aunt Polly’s awful particular about this fence – right here on the street, you know – but if it was the back fence I wouldn’t mind and <i>she</i> wouldn’t.” (p. 22)	“- Não...não pode...não fica direito, Ben. Tia Polly é muito exigente com esta cêrca... bem aqui na rua, você sabe. Se fôsse a dos fundos, eu deixava...ela não faria caso.” (p. 22)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 20, observa-se, inicialmente, um caso de **elisão**, pois a expressão “You see” (um marcador discursivo com função fática) foi omitida na tradução. Tal expressão pode ter se originado da pergunta “Do you see?” (Você vê?), com o sentido de “entendeu?; tá vendo?; veja bem”.

Nota-se um caso de domesticação da última frase do trecho em que, novamente, tem-se a tradução da expressão “wouldn’t mind” por “não faria caso”, conforme já explicitado no quadro 18.

QUADRO 21

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Oh, shucks, I’ll be just as careful. Now lemme try. Say – I’ll give you the core of my apple.” (p. 23)	“- Oh, não tenha medo de nada! Tomarei todo o cuidado. E te dou o miolo da minha maçã.” (p. 22)

Fonte: elaboração da autora.

A expressão “Oh, shucks”, de acordo com o dicionário Merriam-Webster digital, é uma expressão utilizada “para expressar frustração, e/ou usado como uma reação à uma contrariedade”. Nessa fala o personagem Ben Rogers acaba de ouvir uma longa explicação de Tom sobre por que ninguém além de ele próprio ter permissão para cair a cerca. Tem-se um caso de **elisão**, já que Lobato limita-se apenas a “Oh”. Além dessa técnica, verifica-se um caso de **ampliação linguística** quando “não tenha medo de nada” é acrescentado na tradução, implicando que Ben está assumindo uma responsabilidade por qualquer problema que venha a ocorrer.

QUADRO 22

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] He had beside the things before mentioned, twelve marbles, part of a jews-harp, a piece of blue bottle-grass to look through, a spool cannon, a key that wouldn't unlock anything, a fragment of chalk, a glass stopper of a decanter, a tin soldier, a couple of tadpoles, six fire-crackers, a kitten with only one eye, a brass door-knob, a dog-collar – but no dog – the handle of a knife, four pieces of orange-peel, and a dilapidated old window-sash.” (p. 23)	“[...] Além do já mencionado, entrara na posse de doze tentos, um pedaço de berimbau, um pedaço de vidro de côr pra ver através, uma chave sem fechadura, um tóco de giz, um soldadinho de chumbo, um par de sapinhos, seis traques da China, um gatinho de um olho só, um trinco de porta, uma coleira de cachorro sem cachorro, um cabo de faca, cinco rodela de casca de laranja, uma enferrujada mola de janela corredeira.” (p. 22-23)

Fonte: elaboração da autora.

A maior parte da tradução do quadro 22 é **literal**, entretanto, é interessante observar dois casos que fazem essa tradução ser domesticadora. O primeiro corresponde a uma **adaptação**. “Jews-harp”, de acordo com o dicionário Merriam-Webster digital, é um instrumento musical pequeno, simples, que consiste em uma estrutura metálica em forma de lira, contendo uma “língua” de metal que, quando colocada entre os dentes e em vibração, produz um som suave. Lobato optou por traduzir “Jews-harp” pelo “berimbau”, instrumento típico brasileiro. De acordo com o dicionário Houaiss eletrônico (2005), o berimbau é originário da cultura Bantu, que é formada por povos que foram trazidos da África para o Brasil na época do descobrimento (1500). O berimbau é um instrumento muito usado por praticantes da capoeira e candomblé.

O segundo caso ocorre na tradução de “six fire crackers” por “seis traques da China<sup>37</sup>”, um **equivalente consagrado**. Na tradução literal ficaria “seis fogos de artifício”, todavia, Lobato optou por utilizar a lexia “traque”, que de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2005) é usada para se referir a um “artefato pirotécnico que contém pólvora enrolada em um tubo de cartão e que, ao ser aceso, provoca a explosão da pólvora, produzindo um

<sup>37</sup> Destaca-se que Lobato também faz uso dessa expressão no conto “Noite de São João”, presente na obra *Cidades mortas*, de sua autoria.

ruído breve e seco, como um estalo.”. A mesma lexia é registrada no dicionário Michaelis (1998) como um regionalismo de São Paulo e Minas Gerais, Brasil. Talvez pelo fato de esses objetos não serem produzidos no Brasil até aquela época, Lobato preferiu enfatizar de que vinham da China.

QUADRO 23

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Well, I never! There’s no getting round it, you <i>can</i> work when you’re a mind to, Tom.’ And then she diluted the compliment by adding, ‘But it’s powerful seldom you’re a mind to, I’m bound to say. Well, go ‘long and play; but mind you get back sometime in a week, or I’ll tan you.” (p. 25)	“– Que coisa! Como êste menino trabalha bem e depressa, quando quer! Pena que raramente queira. Pois está bem, vá brincar. Mas volte, hein! Não me leve a semana inteira fora, que eu te arranco êsse couro.” (p. 24)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 23, Lobato fez uso de um **equivalente consagrado** para traduzir a expressão “I’ll tan you” por “te arranco êsse couro”. É interessante observar que, de acordo com o dicionário Merriam-Webster digital, o verbo “to tan” possui duas acepções. A primeira corresponde a converter pele animal em couro, através de um processo químico que faz com que as proteínas se estabilizem e faça a pele cair; a segunda significa “bronzear”. Além dessas, o dicionário oferece uma definição informal para o verbo: “bater”. De acordo com o contexto em que essa expressão é dita, pareceria mais simples traduzi-la por “vou te bater”. Porém, o tradutor domestica a tradução para que o tom de ameaça seja mais intenso no português brasileiro, através do uso de “te arranco êsse couro”. Tal locução, apesar de não ser traduzida de forma literal, chama a atenção por corresponder a uma das acepções do verbo em inglês: “tirar o couro”.

QUADRO 24

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“As he was passing by the house where Jeff Thatcher lived, he saw a new girl in the garden – a lovely little blue-eyed creature with yellow hair plaited into two long tails, white summer frock and embroidered pantalettes. [...]” (p. 26)	“Ao passar pela residência de Jeff Thatcher viu no jardim uma menina desconhecida – linda, de olhos azuis, duas tranças louras, vestido branco e <i>pantalettes</i> bordadas. [...]” (p. 25-26)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 24, observa-se um caso de estrangeirização. Isso se deve ao fato de Lobato manter a descrição da menina tal como ela é no texto original, ou seja, a regionalidade expressa através do vestuário foi transposta para a língua-meta. Um caso de **empréstimo** pode ser observado através do uso da lexia “*pantalettes*” na tradução. De acordo com o dicionário

Merriam-Webster digital, “pantalettes” é um tipo de calção utilizado pelas meninas e mulheres no século XIX, embaixo de suas saias e vestidos. Não se sabe por qual motivo Lobato preferiu manter a palavra tal como estava no texto em inglês, porém, nesse caso, a compreensão do texto pode ser afetada.

QUADRO 25

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“He worshiped this new angel with furtive eye, till he saw that she had discovered him; then he pretended he did not know she was present, and began to ‘show off’ in all sorts of absurd boyish ways, in order to win her admiration. [...]” (p. 27)	“Tom esteve ali, escondido, espiando o nôvo anjo, mas foi pilhado, e então fingiu que não a estava vendo e pôs-se a fazer tôda sorte de demonstrações. [...]” (p. 26)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 25, primeiramente nota-se que vários elementos linguísticos foram omitidos, houve **elisão** na frase “and began to ‘show off’ in all sorts of absurd boyish ways, in order to win her admiration”, que não acarretou na perda total na tradução, embora alguns aspectos realçados por Twain, como a infantilidade e o absurdo das ações de Tom, tenham sido desconsiderados na tradução. Nessa narração, Lobato fez uso da **transposição** ao traduzir o verbo “show off” (um *phrasal verb*) pelo locução verbal “fazer [...] demonstrações”, dentro da expressão “fazer tôda sorte de demonstrações”. Tal ato também configura um **equivalente consagrado**, pois o tradutor utilizou uma locução presente no uso da língua portuguesa da época. Hoje, “fazer tôda sorte de demonstrações” talvez nem fosse compreendido fora de um contexto. Tem-se, desse modo, outro caso de domesticação na tradução.

QUADRO 26

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“All through supper his spirits were so high that his aunt wondered ‘what had got into the child’. He took a good scolding about clodding Sid, and did not seem to mind it in the least. He tried to steal sugar under his aunt’s very nose, and got his knuckles rapped for it. [...]” (p. 27-28)	“Durante o jantar mostrou-se tão serelepe que a tia estranhou; e, sem fazer a mínima conta, tomou um bom pito por haver apedrejado Sid. Por fim, ao tentar furtar açúcar no nariz da titia, levou um golpe nos dedos. [...]” (p. 28)

Fonte: elaboração da autora.

Outra domesticação pode ser verificada ao se analisar a tradução da expressão idiomática do inglês “his spirits were so high”, por “mostrou-se tão serelepe”. A referida expressão da obra original significa estar eufórico e animado, bem disposto. Lobato emprega um **equivalente consagrado**, que tem o mesmo significado no português da época da tradução (1934). A mesma técnica é utilizada na tradução de “He took a good scolding” por

“tomou um bom pito”. Aqui, a lexia “pito” aparece com um significado diferente daquele apresentado no quadro 14. De acordo com o dicionário Houaiss eletrônico (2005), “pito” significa “reprimenda, repreensão, bronca”. Dessa forma, o tradutor manteve a semanticidade da locução, domesticando o verbo.

QUADRO 27

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
<p>“Hold on, now, what ‘er you belting <i>me</i> for? – Sid broke it!”  Aunt Polly paused, perplexed, and Tom looked for healing pity. But when she got her tongue again, she only said:  ‘Umf! Well, you didn’t get a lick amiss, I reckon. You been into some other audacious mischief when I wasn’t around, like enough.’” (p. 28)</p>	<p>“- Epa, titia! Por que me bate? Foi Sid quem quebrou o açucareiro.  Tia Polly parou, perplexa, e Tom esperou um pedido de desculpa, mas o que a velha disse foi:  - Pois não seria perdida a sova, porque alguma outra andou você fazendo por aqui.” (p. 28)</p>

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 27, Tom expressa indignação por estar apanhando por algo que ele não cometeu. No original em inglês, esse sentimento fica mais evidente pela ênfase no pronome “me”, em “what ‘er you belting *me* for?”. Além disso, a punição parece ser mais árdua no texto da língua-fonte, através do uso do verbo “to belt”, que carrega em uma de suas acepções o ato de bater com forte intensidade, de acordo com o dicionário Merriam-Webster digital. Já na tradução, não se sabe de que forma sua tia está batendo nele, mas Lobato optou por não representar a tamanha indignação do menino na tradução, pois também não há ênfase no pronome “me” em “Por que me bate?”. Além disso, nesse quadro, percebe-se uma **elisão**, pois não há tradução para “when I wasn’t around, like enough.”

Mas como Tom Sawyer sempre “aprontava” muito, Tia Polly não se desculpou e ainda disse: “you didn’t get a lick amiss”, ou seja, ele não apanhou erroneamente, pois certamente ele haveria aprontado alguma que ela não tinha visto e merecia pagar por isso. Lobato domesticou essa fala da personagem em “não seria perdida a sova”. Tem-se o uso de um **equivalente consagrado** na tradução. “Sova”, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2005), significa “surra”. E é nesse momento que o leitor talvez compreenda a intensidade do bater dito na frase anterior a essa no diálogo.

QUADRO 28

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
<p>“Look at him, Jim! He’s going up there. Say – look! he’s a going to shake hands with him – he <i>is</i> shaking hands with him! By jings, don’t you wish you was Jeff?”</p>	<p>“- Olhe a importância de Jeff! Lá vai ter com êle! Está apertando a mão d’ele, olhe, olhe! Por Deus – você não queria ser Jeff?  O Sr. Walters também caiu na semostração, com</p>

Mr. Walters fell to ‘showing off’, with all sorts of official bustlings and activities giving orders, delivering judgments, discharging directions here, there, everywhere that he could find a target. [...]” (p. 37)	tôda sorte de ‘fitas’ oficiais – dando ordens, emitindo pareceres, lançando instruções para aqui, ali e acolá, onde houvesse um alvo. [...]” (p. 39)
--	--

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 28, tem-se uma pequena variação na escrita da expressão em inglês “By jings”, que tem o mesmo significado de “By jingo”, como abordado no quadro 13. Entretanto, aqui, ela recebe uma **adaptação**, “Por Deus”. “Showing off” é traduzido por “semostração”, é feita uma **transposição** do verbo da língua-fonte para um substantivo na língua-meta. Tal substantivo caracteriza uma domesticação, pois, de acordo com o dicionário Houaiss eletrônico, significa “ato de se mostrar, de se exhibir; ostentação (de grandeza, inteligência, conhecimento, luxo, etc.); vaidade”. Ressalta-se que tal lexia é dicionarizada com uso na cidade de São Paulo – Brasil, região em que vivia o tradutor Lobato e receptora primeira da obra traduzida.

Ainda nesse quadro, percebe-se o uso de um **equivalente consagrado** na tradução da expressão idiomática “here, there, everywhere” por outra “aqui, ali e acolá”. Nos dois primeiros advérbios que constituem esse idiomatismo, tem-se uma tradução literal, entretanto, o último advérbio, que em inglês significa “em qualquer lugar”, foi substituído por um advérbio na língua portuguesa que indica “além, ao longe” (MICHAELIS, 1998). Os três advérbios considerados em conjunto têm a função de expressar a mesma noção. Portanto, é possível dizer que haja um caso de domesticação.

QUADRO 29

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“There was a rustling of dresses, and the standing congregation sat down. The boy whose history this book relates did not enjoy the prayer, he only endured it – if he even did that much. He was restive all through it; he kept tally of the details of the prayer, unconsciously – for he was not listening, but he knew the ground of old, and the clergyman’s regular route over it – and when a little trifle of new matter was interlarded, his ear detected it and his whole nature resented it; he considered additions unfair, and scoundrelly.” (p. 43)	“Houve um frufu de vestidos e todos se sentaram. Tom não se enlevou com aquela oração; apenas a aguentou – se chegou a tanto. Durante toda a lengalenga esteve de pé atrás, atento a qualquer enxêrto que o pastor fizesse em coisa já tantas vezes ouvida; à menor mudancinha o corpo inteiro de Tom reagia: eram falsificações.” (p. 45)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 29, a primeira técnica observada é a **elisão**. Lobato omite vários elementos linguísticos que poderiam estar presentes na tradução, mas opta por não colocá-los por não afetar a semântica da narração. Nota-se a domesticação na tradução a partir do uso de

dois termos tipicamente brasileiros na tradução de “rustling of dresses” e “he was restive all through it” por “frufu de vestidos” e “lengalenga”, respectivamente. O tradutor fez uso de **equivalentes consagrados** presentes na linguagem coloquial do português do Brasil. A lexia “frufu”, de acordo com o dicionário etimológico *online*, tem sua origem da palavra francesa “froufrou”, a qual é usada para designar um “rumor suave”, o que justifica a escolha de Lobato por esse termo, representando o barulho feito pelos vestidos das moças da congregação ao se sentarem. Já a expressão “lengalenga” é uma lexia expressiva para situações em que algo demora a acontecer ou está cheio de empecilhos.

QUADRO 30

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] Presently he bethought him of a treasure he had and got it out. It was a large black beetle with formidable jaws – a ‘pich-bug,’ he called it. It was in a percussion-cap box. [...]” (p. 44)	“[...] Tom lembrou-se de um tesouro que tinha no bolso – um escaravelho de fortes mandíbulas. Estava numa caixa de espoletas. [...]” (p. 46)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 30, observa-se dois casos de **tradução literal** dos termos “beetle” e “percussion-cap box” por “escaravelho” e “caixa de espoletas”. Neste último, pode-se dizer que também ocorre uma **adaptação**, por se tratar de um objeto que era usado em ambas as culturas, de origem e de recepção, como brinquedo das crianças. Além disso, verifica-se um caso de **elisão** na descrição do escaravelho, que na obra original é também descrito como “a large black beetle” (um escaravelho grande e preto - informações que não constam na tradução). Não se pode dizer, aqui, se a tradução é domesticadora ou estrangeirizadora.

QUADRO 31

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] His heart was heavy, and he said with a disdain which he did not feel, that it wasn’t anything to spit like Tom Sawyer; but another boy said ‘Sour Grapes!’ and he wandered away a dismantled hero.” (p. 50)	“[...] O despeito o levou a fazer pouco caso das cuspidas de Tom. Um que conhecia a fábula da ‘Rapôsa e as Uvas’ gritou logo: ‘Estão verdes!’, e o dedo cortado lá seguiu o seu caminho como um herói esquecido.” (p. 53)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 31, ocorre um caso de **amplificação** com relação à “Sour Grapes!”. Tal expressão é traduzida literalmente (“Estão verdes!”), entretanto, tanto no texto original, como no traduzido, é necessário que o leitor tenha um conhecimento prévio sobre o porquê do uso de “Estão Verdes!”. Lobato insere uma explicação, ao mencionar a “fábula da ‘Rapôsa e as

Uvas””. Verifica-se um caso de domesticação na tradução, mas, mesmo assim, um leitor que não conheça tal fábula não irá entender o porquê.

QUADRO 32

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] ‘Say – what is dead cats good for, Huck?’ ‘Good for? Cure warts with it’ ‘No! Is that so? I know something that’s better.’ ‘I bet you don’t. What is it?’ ‘Why, spunk-water’ ‘Spunk-water! I wouldn’t give a dern for spunk-water.’ [...]” (p. 51)	“[...] – E gato morto, para que serve? - Para que serve? Homessa! Para curar verruga. - Não?! ... De verdade? ... Eu sei de coisa melhor. - Duvido. Que é? - Água de pau podre. - Oh, eu não dou um vintém furado por água de pau podre. [...]” (p. 55-56)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 32, observa-se um caso de **ampliação linguística** ao ter-se a interjeição “Homessa!” acrescida no texto em português. Esse acréscimo ajuda a expressar a incredulidade de Huck quanto ao fato de Tom não saber para que serve um gato morto. O dicionário eletrônico Houaiss (2005) registra que é uma interjeição pouco usada, do que se pode supor que seu uso fosse restrito histórica e geograficamente ao contexto do tradutor, assim, considerada uma forma de domesticação.

Outro exemplo de domesticação é o uso do **equivalente consagrado** “não dou um vintém furado” para traduzir “I wouldn’t give a dern”. Vintém era uma moeda de cobre com o valor de 20 réis, mesmo que o padrão monetário na época da tradução fosse “mil-réis”, a expressão ainda era usada.

QUADRO 33

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“ [...] You got to go all by yourself, to the middle of the woods, where you know there’s a spunk-water stump, and just as it’s midnight you back up against the stump and jam your hand in and say: <i>Barley-corn, Barley-corn, injun-meal shorts, Spunk-water, spunk-water, swaller these warts.</i> and then walk away quick, eleven steps, with your eyes shut, and then turn around three times and walk home without speaking to anybody. Because if you speak the charm’s busted.” (p. 51-52)	“– [...] É preciso ir para o meio da floresta onde haja um pau podre com água dentro e à meia-noite ficar de costas para o pau, mergulhar a mão na água e dizer: <i>Crocodilos, jacarés e tartarugas,</i> <i>Devorai-me aqui depressa estas verrugas;</i> e então caminhar onze passos com os olhos fechados, e dar três voltas e ir para casa sem falar com pessoa nenhuma. Se falar, quebra o encanto.” (p. 56)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 33, observa-se um caso de **elisão** quando o tradutor omite “you know”, constante no trecho original. “Crocodilos, jacarés e tartarugas” são animais que povoam o universo ficcional conhecido pelas crianças. Talvez, por essa razão, Lobato tenha preferido utilizar essas lexias ao invés de literalmente traduzir “cevada, refeições de índio e água podre”

– “*Barley-corn, Barley-corn, injun-meal shorts, Spunk-water*”. O tradutor faz uma tentativa de **adaptação** dos elementos culturais presentes no feitiço proferido por Huck.

QUADRO 34

<i>The adventures of Tom Sawyer</i> – Mark Twain	<i>Aventuras de Tom Sawyer</i> – tradução de Monteiro Lobato
“Thomas Sawyer, this is the most astounding confession I have ever listened to. No mere ferule will answer for this offence. Take off your jacket.” (p. 55)	“- Tomás Sawyer, esta é a mais espantosa confissão que jamais ouvi em minha vida. A palmatória não basta. Dispa o casaco.” (p. 60)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 34, há um interessante caso de **adaptação**. Em ambas as culturas o castigo a alunos transgressores era dado em forma de agressão física. No texto original, Twain usa o termo “ferule” – “No mere ferule will answer for this offence”. De acordo com o dicionário Merriam-Webster digital, “ferule” é “um instrumento, como um cano ou vara, ou um pedaço de madeira, usado para punir crianças”. No contexto em que Lobato se situa, o objeto usado para esse tipo de punição era a “palmatória” – “A palmatória não basta”. Conforme o dicionário Houaiss eletrônico (2005), a palmatória é um “artefato geralmente de madeira formado por um círculo e uma haste. Semelhante a uma colher de pau, porém redonda, com vários furos feitos no círculo”. Nos dias de hoje, seu uso é proibido, tanto no Brasil como na maioria dos países ocidentais; entretanto, no passado era muito utilizada por pais e professores para castigar os filhos/alunos, batendo na palma da mão da criança castigada. O uso dessa lexia na tradução a caracteriza como domesticadora.

QUADRO 35

<i>The adventures of Tom Sawyer</i> – Mark Twain	<i>Aventuras de Tom Sawyer</i> – tradução de Monteiro Lobato
“The titter that rippled around the room appeared to abash the boy, but in reality that result was caused rather more by his worshipful awe of his unknown idol and the dread pleasure that lay in his high good fortune.” (p. 55)	“O côro de risotas que se ergueu da sala parecia explicar o envergonhamento do menino, mas a verdadeira causa do seu rubor era a felicidade que lhe caía do céu.” (p. 60)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 35, tem-se novamente um caso de **elisão** quando “rather more by his worshipful are of his unknown idol” é omitido. “Good fortune”, que poderia ser literalmente traduzido como “sorte”, é transposto como “felicidade”. A intensificação manifestada através de “high” é mantida por “que lhe caía do céu”, o que assinala também o inesperado da situação. Ou seja, tem-se uma domesticação pelo fato de “high good fortune” ser traduzido

por uma expressão idiomática dicionarizada e típica do português brasileiro, caracterizando o uso de um **equivalente consagrado**.

QUADRO 36

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] Then furtively the percussion-cap box came out. He released the tick and put him on the long flat desk. [...] While one boy was worrying the tick with absorbing interest, the other would look on with interest as strong, the two heads bowed together over the slate, and the two souls dead to all things else.” (p. 58-59)	“[...] Furtivamente tirou a caixa de espoletas, abriu-a; sacou de dentro o carrapato, que botou sôbre a carteira. [...] Enquanto um dos meninos atropelava o carrapato, o outro assistia à cena com o maior interesse, debruçados ambos sôbre a lousa e inteiramente alheios a tudo mais.” (p. 64-65)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 36, tem-se outro caso em que duas lexias utilizadas por Monteiro Lobato na tradução a tornam domesticadora, “carteira” e “lousa”. “Slate” significa “quadro-negro”, e o termo que o tradutor usa é específico por estar consagrado no uso de falantes da região de São Paulo e seus arredores. Um falante da região sul do Brasil, por exemplo, apenas diria “quadro”, ou até mesmo “quadro-negro”. O mesmo acontece com a lexia “carteira”. A primeira acepção para esse vocábulo no dicionário eletrônico Houaiss (2005) é “onde se guarda seus objetos”, especificamente, dinheiro e cartões de crédito. Entretanto, tal lexia, na região de São Paulo, é utilizada para se referir a “classe, mesa de estudos” (na escola) – que corresponderia à tradução literal do termo usado por Twain, “desk”. Tem-se, portanto, dois casos de usos de **equivalentes consagrados** na tradução.

QUADRO 37

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Tom, you let him alone. ‘I only just want to stir him up a little, Joe.’”(p. 59)	“- Deixe-o em paz, Tom. Assim não vale. - Só quis ajudar um bocadinho.” (p. 65)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 37, observa-se um caso em que Lobato optou por não fazer uma tradução literal do advérbio “a little”, e, ao invés, fez uso de um **equivalente consagrado**, “um bocadinho”. A semanticidade é a mesma; entretanto, o termo era recorrente no uso do português brasileiro no contexto histórico em que o tradutor se insere, tornando-a uma domesticação. Tem-se também um caso de **ampliação linguística**, com a adição da expressão “Assim não vale”.

QUADRO 38

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“I been to the circus three or four times – lots of times. Church ain’t shucks to a circus. There’s things going on at a circus all the time. I’m going to be a clown in a circus when I grow up. ‘Yes, that’s so. And they get slathers of money – most a dollar a day, Ben Rogers says. [...]’” (p. 60)	“- Pois eu já fui um colosso de vêzes, três ou quatro! Igreja é pulga perto de circo. No circo está sempre acontecendo coisas. Sabe que vou ser palhaço, quando crescer? [...] - Pois é... e êles ganham um dinheirão, mais de um dólar por dia, me contou Ben Rogers. [...]” (p. 67)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 38, observam-se casos de domesticação e estrangeirização. Lobato mantém no texto da língua-meta a moeda dos Estados Unidos, “dólar”, o que caracteriza uma estrangeirização. A domesticação está manifestada no emprego de “um colosso de vezes”, um regionalismo, como tradução para “lots of times”, assim, tem-se o emprego de um **equivalente consagrado**.

QUADRO 39

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] They said they would rather be outlaws a year in Sherwood Forest than President of the United States forever.” (p. 68)	“[...] Tom e Joe preferiam ser bandoleiros por um ano na floresta de Sherwood a serem presidentes dos Estados Unidos pela vida inteira.” (p. 77)

Fonte: elaboração da autora.

No quadro 39, que apresenta um trecho em que os meninos estão brincando de “Robin Hood”, o tradutor opta por utilizar a lexia “bandoleiro” na tradução de “outlaws”. Segundo o dicionário Merriam-Webster digital, a lexia “outlaw” apresenta duas acepções; a primeira diz respeito a uma pessoa que está “excluída do benefício ou proteção da lei” ou ainda “fugitiva da lei”. Porém, o significado utilizado por Twain é o dado pela segunda acepção: “algo feito ilegalmente”; o que justifica o uso de “bandoleiros”. Este termo é definido pelo dicionário eletrônico Houaiss como “indivíduo que pratica assaltos, roubos”, um bandido. Tem-se, então, um **equivalente consagrado** na tradução de Monteiro Lobato.

QUADRO 40

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“‘Look! See there!’ whispered Tom. ‘What is it?’ ‘It’s devil-fire. O, Tom, this is awful.’” (p. 71)	“- Olhe! Olhe lá! – sussurrou Tom – Que é aquilo? - Boitatá! Horrível, Tom.” (p. 80)

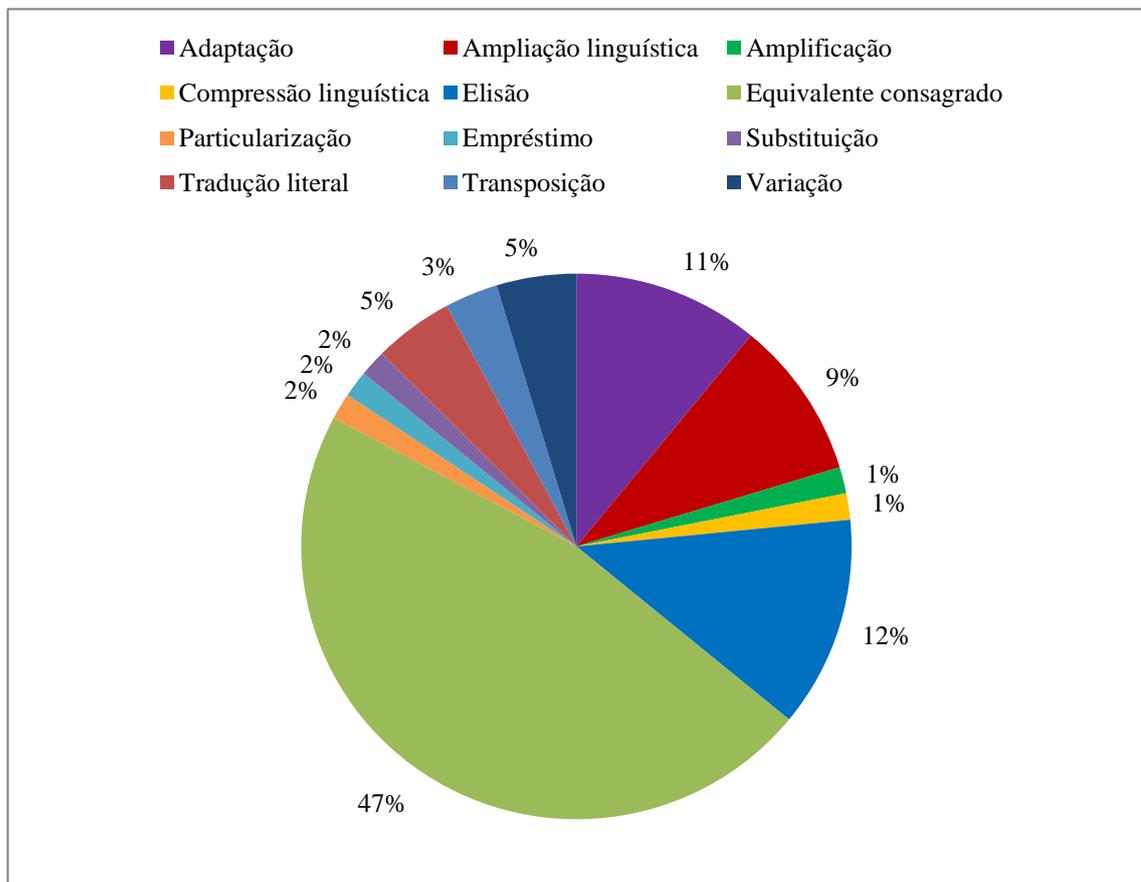
Fonte: elaboração da autora.

No quadro 40, tem-se o uso de **adaptação**. O termo “Boitatá” está dicionarizado e presente na cultura da língua-meta em correspondência a “devil-fire”, no texto da língua-fonte. O dicionário Merriam-Webster digital sugere que “devil-fire” seja uma labareda de

fogo na forma do demônio, o que representa a crença dos meninos nessa entidade maligna, mas que não configura um elemento mitológico ou presente no folclore da região representada na obra original. “Boitatá”, de acordo com o dicionário eletrônico Houaiss (2005), é uma “cobra lendária, de olhos de fogo, que protege as florestas de incêndio”, também conhecida como “cobra-de-fogo”, de origem indígena e presente no folclore brasileiro (no nordeste, também é chamado de “fogo corredor). Algumas pessoas acreditam que se alguém estiver incendiando uma floresta e o “Boitatá” aparecer, essa pessoa sofrerá graves consequências. Porém a pergunta é: a tal cobra solta fogo pelo nariz, e, então, não colocaria fogo na mata ao fazer isso? Diz a lenda que o fogo dessa criatura é mágico, por isso, não queimaria a floresta. A datação dessa lexia é de 1560, quando foi usada em um dos textos do Padre jesuíta José de Anchieta.

O gráfico 1 sintetiza as técnicas tradutórias mais utilizadas por Monteiro Lobato, na tradução dos trechos analisados.

GRÁFICO 1



Fonte: elaboração da autora.

Percebe-se, a partir da frequência apresentada no gráfico, que Lobato fez uso de 12 das 18 estratégias propostas por Hurtado Albir (2001). Não houve casos de “decalque”, “compensação”, “criação discursiva”, “descrição”, “generalização” nem “modulação”.

Dentre as técnicas mais utilizadas, é interessante observar que quase metade delas refere-se ao uso de “equivalentes consagrados”. A tradução de *Aventuras de Tom Sawyer*, de uma forma geral, pode ser considerada domesticadora, e pode-se dizer que equivalência pressupõe domesticação, uma vez que o termo equivalente está dicionarizado ou consagrado no uso da língua-meta.

A segunda técnica com maior frequência é a “elisão”, a qual pode ser justificada pela preferência de Lobato em reduzir trechos muito longos, o que não acarreta em perda semântica no texto. Entretanto, ele acrescenta muitos trechos quando julga necessário, por talvez facilitarem a compreensão do leitor brasileiro; o que justifica a “ampliação linguística” ter uma ocorrência significativa.

A “adaptação” também teve uso frequente. Em vários trechos, o tradutor traspassa elementos da cultura da língua-fonte para um outro elemento cultural equivalente ou semelhante na língua-meta. Nesses casos, aplicaria-se a “regionalização” como estratégia de tradução. Muito mais do que uma domesticação, há uma “regionalização”, ou seja, ao invés de Lobato manter as especificidades culturais da região representada na obra original, ele “regionaliza” as especificidades para que elas fiquem em concordância com as da cultura da região de recepção. Um exemplo que poderia ser classificado como tal é o que foi abordado no quadro 16, em que o tradutor utiliza uma planta típica da região da língua-meta (acácias) na tradução de “locust trees”, planta típica da região da língua-fonte.

Portanto, assim como “equivalência” ou usos de um “equivalente consagrado” pressupõem domesticação, “adaptação” pressupõe regionalização, em que regionalidades apresentadas em uma obra estão sendo adaptadas para formarem outras regionalidades na obra traduzida.

#### **4.2 Mark Twain: regional ou regionalista?**

Mark Twain foi e ainda é considerado um dos expoentes do regionalismo norte-americano por muitos autores e críticos de literatura. Entretanto, ao se levar em conta o conceito de regionalismo apresentado por Stüben (2013), já referido no subcapítulo 2.2, pode-

se dizer que Twain não seja considerado um autor regionalista. Apesar de a região representada na obra ter sido o local onde o autor passou sua infância e, possivelmente, tenha um sentimento de nostalgia nas entrelinhas, Twain não a exalta no decorrer da obra, ele apenas a usa como pano de fundo.

Contudo, não se pode deixar de destacar as especificidades culturais manifestadas pelo autor no decorrer da obra, suas regionalidades. O capítulo quatro pode ser considerado um dos mais característicos de representação de uma das regionalidades do romance, a religião. Vale lembrar que a religião em si não é uma regionalidade, mas a forma como ela é praticada ou assumida a torna uma. Twain relata de forma um tanto detalhada a maneira como as pessoas daquela região praticam a fé, através da escola Dominical. Monteiro Lobato estrangeiriza essa regionalidade, mantendo-a tal qual consta no original, como se pode notar no seguinte trecho, o qual introduz o capítulo em questão:

QUADRO 41

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
<p>“The sun rose upon a tranquil world, and beamed down upon the peaceful village like a benediction. Breakfast over, Aunt Polly had family worship; it began with a prayer built from the ground up of solid courses of Scriptural quotations, welded together with a thin mortar of originality; and from the summit of this she delivered a grim chapter of the Mosaic Law, as from Sinai.</p> <p>Then Tom girded up his loins, so to speak, and went to work to ‘get his verses’. Sid had learned his lesson days before. Tom bent all his energies to the memorizing of five verses, and he chose part of the Sermon on the Mount, because he could find no verses that were shorter. [...]” (p. 31)</p>	<p>“O sol ergueu-se num mundo tranqüilo e brilhou como bênção sobre a aldeia. Após o café da manhã Tia Polly reuniu a família para o serviço religioso dos domingos, o qual consistiu numa oração cheia de citações bíblicas ligadas entre si sem grande originalidade, e do alto do qual Tia Polly, como se estivesse no tópo do Sinai, leu um lúgubre capítulo da lei de Moisés.</p> <p>Depois Tom apertou a cinta e entregou-se ao trabalho de decorar versículos. Sid já havia estudado a sua lição dias antes. Tom aplicou todo o esforço em decorar cinco versos, que escolheu no Sermão da Montanha por serem os mais curtos. [...]” (p. 32)</p>

Fonte: elaboração da autora.

No Quadro 41, pode-se notar que Tia Polly seguia à risca os “rituais” necessários para atender às expectativas da escola Dominical, inclusive no que diz respeito a ensinar seus sobrinhos, como Lobato chama de “serviço religioso dos domingos” (p. 32), e não era a única que o fazia. Dessa forma, a religião, nesse contexto, pode ser caracterizada como uma regionalidade por tratar de atos específicos que as pessoas daquela região e daquele tempo realizavam com regularidade e severidade.

Nesse mesmo capítulo, encontra-se também a descrição de como as pessoas, em especial Tom Sawyer, vestiam-se para frequentar a escola Dominical. As roupas para esse dia especial eram diferentes, como é visto no Quadro 42:

QUADRO 42

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Then Mary got out a suit of his clothing that had been used only on Sundays during two years – they were simply called his ‘other clothes’ – and so by that we know the size of his wardrobe. The girl ‘put him to rights’ after he had dressed himself; she buttoned his neat roundabout up to his chin, turned his vast shirt collar down over his shoulders, brushed him off and crowned him with his speckled straw hat.” (p. 33)	“Depois Mary pegou de um terno que já há dois anos ele só usava aos domingos. Chamava-se ‘a outra roupa’, e por essa expressão já podemos avaliar o tamanho do guarda-roupa de Tom. Depois de vestido, veio Tom submeter-se à revisão de Mary, que lhe abotoou o paletó até em cima, dobrou sobre os ombros o colarinho da camisa, pôs-lhe na cabeça o chapéu de palha carijó e correu-lhe a escôva.” (p. 34)

Fonte: elaboração da autora.

Tal detalhamento do vestuário também pode ser caracterizado como uma das regionalidades que fazem parte da obra. Lobato mantém a regionalidade do texto original no texto traduzido, entretanto nota-se um caso de domesticação na descrição do chapéu: o chapéu de palha de bolinhas descrito por Twain se transforma em um “chapéu de palha carijó”, pois Lobato faz relação com a galinha (caipira) carijó do Brasil. Nota-se que as pessoas que viviam naquele lugar eram extremamente católicas, pois até mesmo as roupas usadas para as práticas religiosas manifestavam a importância de suas crenças. Além disso, o valor da religião pode ser confirmado no trecho em que Tom Sawyer diz saber recitar dois mil versículos da Bíblia e o juiz o elogia, dizendo que ele será um grande homem devido à escola Dominical que costumava frequentar. A Bíblia é tida como um objeto precioso, como se pode notar na fala do juiz para com Tom:

QUADRO 43

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] you’ll be a great man and a good man yourself, some day, Thomas, and then you’ll look back and say, It’s all owing to the precious Sunday-school privileges of my boyhood – it’s all owing to my dear teachers that taught me to learn – it’s all owing to the good Superintendent, who encouraged me, and watched over me, and gave me a beautiful Bible – a splendid elegant Bible, to keep and have it all for my own, always – it’s all owing to right bringing up! [...]” (p. 39)	“- [...] Você vai ser um grande homem e um homem bom, Tomás, e então olhará para o passado e dirá: ‘Tudo isto eu devo à preciosa escola dominical da minha meninice; tudo o devo aos meus caros professôres e ao bom diretor que tanto me estimulou, que me guiou e me deu uma bela Bíblia; uma esplêndida e preciosa Bíblia para mim só. Tudo o que sou eu o devo a ter sido bem educado.’ [...]” (p. 41)

Fonte: elaboração da autora.

Além dessa supervalorização da Bíblia e da escola Dominical em si, no trecho anterior fica claro que, tanto na obra original como em sua tradução, ter uma boa educação está diretamente ligado aos valores religiosos.

Outra regionalidade relacionada ao vestuário e ao comportamento esperado dos meninos daquela região, que se mantém tal qual a da obra original, pode ser vista ao analisar-se a descrição do amigo de Tom, Huckleberry Finn. Huck representava o que não podia ser seguido, o pecado. Ele era filho do maior bêbado do local e, portanto, temido e odiado por todas as mães, por ser “vagabundo, vulgar e mau – e porque todos os outros meninos queriam ser como êle.”<sup>38</sup> (TWIN, 1972, p. 53).

QUADRO 44

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
<p>“[...] Huckleberry was always dressed in the cast-off clothes of full-grown men, and they were in perennial bloom and fluttering with rags. His hat was a vast ruin with a wide crescent lopped out of its brim; his coat, when he wore one, hung nearly to his heels and had the rearward buttons far down the back; but one suspender supported his trousers; the seat of the trousers bagged low and contained nothing; the fringed legs dragged in the dirt when not rolled up. Huckleberry came and went, at his own free will. He slept on door-steps in fine weather and in empty hogsheads in wet; he did not have to go to school or to church, or call any being master or obey anybody; he could go fishing or swimming when he chose, and stay as long as it suited him; nobody forbade him to fight; he could sit up as late as he pleased; he was always the first boy that went barefoot in the spring and the last to resume leather in the fall; he never had to wash, nor put on clean clothes; he could swear wonderfully. [...]” (p. 50)</p>	<p>“[...] Huck andava sempre vestido de restos dos adultos, todo rasgões e remendos. O seu chapéu era uma ruína, ao qual faltava metade da aba; o paletó, quando o tinha, descia até os tornozelos; a calça era sustentada por um suspensório de uma tira só, e tinha as pernas tão compridas que quando não dobradas se arrastavam pela lama. Huckleberry circulava pelo mundo à vontade; era totalmente livre. Dormia nas soleiras das portas no tempo bom e em galpões vazios nas noites de chuva; não tinha que ir à escola, nem à igreja, nem de obedecer a ninguém; podia pescar ou nadar quando e quanto quisesse. Ninguém o proibia de brigar, nem de ficar fora de casa até não querer mais; era sempre o primeiro a sacar os sapatos na primavera e o último a calçar-se no fim do outono. Não tinha nunca que tomar banho e podia dizer todos os nomes. Possuía uma enorme coleção de pragas. [...]” (p. 53-54)</p>

Fonte: elaboração da autora.

No Quadro 44, tem-se uma descrição um tanto detalhada do que não era esperado dos meninos que moravam naquele local. A liberdade que Huck tinha era cobiçada por muitos, se não todos, os meninos que lá viviam.

Além das especificidades culturais mencionadas até o momento, não se pode deixar de notar como as crenças têm um valor importante na vida das pessoas de São Petersburgo. Um dos trechos mais significativos da obra, e que é seu clímax, exemplifica mais uma das regionalidades presentes na narrativa. Tom Sawyer tem uma verruga e está discutindo com seu amigo Huck Finn qual é a melhor forma de se livrar dela: através de um ritual que envolve um gato morto.

<sup>38</sup> Na versão original: “[...] idle, and lawless, and vulgar and bad – and because all their children admired him so, [...]” (TWIN, 1994, p. 50).

QUADRO 45

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“[...] But say – how do you cure ‘em with dead cats? Why you take your cat and go and get in the graveyard ‘long about midnight when somebody that was wicked has been buried; and when it’s midnight a devil will come, or maybe two or three, but you can’t see ‘em, you can only hear something like the wind, or maybe hear ‘em talk; and when they’re talking that feller away, you heave your cat after ‘em nd say ‘Devil follow corpse, cat follow devil, warts follow cat, I’m done with ye!’ That’ll fetch <i>any</i> wart.” (p. 52-53)	“- [...] Mas, diga: como se cura verruga com gato? - Muito simples. Pega-se um gato morto e vai-se a um cemitério onde hajam enterrado um mau; e quando bate meia-noite, um diabo vem, às vezes dois e três, mas a gente não vê nada, só sente um vento ou ouve o falatório; e quando começam a desenterrar o mau para o levar, a gente arruma com o gato em cima deles, dizendo: ‘Diabo siga o defunto, gato siga o diabo, verruga siga o gato; não quero saber de você’. Não fica uma!” (p. 57)

Fonte: elaboração da autora.

Essa regionalidade permanece na tradução tal como está no texto original. A crença de que um gato preto pode ser utilizado para rituais e que, para algumas culturas, pode trazer azar, parece ser uma crença em comum entre ambas as culturas de recepção da obra, original e traduzida. Por essa razão, Lobato pôde fazer uma tradução literal desse trecho.

Na continuação da narrativa, observa-se uma nova crença. Tom continua conversando com Huck sobre feitiços e bruxaria. Huck acusa a personagem “Tia Hopkins” de ter enfeitado seu pai, porque ela supostamente seria uma bruxa. Mas o que ela teria feito para ser vista como tal? Huck conta a Tom que seu pai sabia que estava enfeitado, pois ele sabe reconhecer muito bem quando alguém está “embruxando” (TWIN, 1972, p. 58).

QUADRO 46

<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
“Lord, pap can tell, easy. Pap says when they keep looking at you right stiddy, they’re a witching you. Specially if they mumble. Becuz when they mumble they’re saying de Lord’s Prayer backards.” (p. 53)	“- Papai sabe conhecer muito bem. Diz que quando o encaram muito fixamente é que o estão embruxando, sobretudo se começam a resmungar. O resmungo é o padre-nosso dito ao contrário.” (p. 58)

Fonte: elaboração da autora.

No Quadro 46, tem-se outro caso em que a regionalidade foi mantida na tradução. Entretanto, no texto original consta uma nota explicativa de por que rezar o Pai-Nosso ao contrário ser considerado um ato de bruxaria. Diz-se que tal crença pode ter surgido da ideia de que a missa normal (direcionada ao céu/paraíso), rezada pelos primeiros discípulos do cristianismo, era rezada ao contrário no inferno. A partir disso, alguns folcloristas alegaram ter visto as bruxas que viviam nas montanhas Ozark<sup>39</sup>, no século XX, recitarem o Pai-Nosso ao contrário como parte fundamental de seus rituais de magia negra (TWIN, 1994, p. 229).

<sup>39</sup> As montanhas Ozark fazem parte de uma cordilheira localizada nos estados do Missouri, Arkansas, Oklahoma e Kansas, entre os rios Arkansas e Missouri, nos Estados Unidos.

Todavia, essa explicação não é dada ao leitor brasileiro, o que não afeta na compreensão do ritual.

Comprova-se, portanto, que o uso de regionalidades pode ser considerado uma estratégia de tradução. Não se sabe se Lobato, nessa obra, teve a intenção de transpor as especificidades culturais para sua tradução, entretanto, elas vêm a contribuir, e muito, para o enriquecimento de uma tradução. Muitos dos casos de domesticação observados poderiam ser denominados “regionalizações”, e isso se deve à intencionalidade ou não de o tradutor, Lobato, ter tentado aproximar ao máximo algumas expressões e hábitos da cultura da região apresentada na obra original com os da cultura de recepção da obra no Brasil, mais especificamente da região de São Paulo – SP.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar a tradução dos dez primeiros capítulos da obra *The Adventures of Tom Sawyer* (1876), de Mark Twain, feita por Monteiro Lobato em 1934, a partir dos conceitos de cultura, regionalidade e tradução, os quais estão intrinsecamente ligados. Um dos objetivos específicos foi o de verificar de que forma as regionalidades presentes no texto-fonte foram transpostas para o texto da língua-meta. Para tanto, fez-se uma análise qualitativa e quantitativa acerca das técnicas tradutórias propostas por Hurtado Albir (2001). Dessa forma, foi possível identificar se Lobato fez uma domesticação ou uma estrangeirização (VENUTI, 1995) na tradução.

A delimitação de *corpus* foi feita a partir da necessidade de se ter trechos representativos das especificidades culturais presentes na obra. Como abordado no capítulo 3, o romance conta com 35 capítulos, os quais podem ser divididos em três partes quase que exatamente iguais. A primeira parte, que se estende até o capítulo 10, foi considerada a mais representativa das regionalidades, e, por isso, foi a escolhida.

A análise do *corpus* permitiu verificar que a tradução de *Aventuras de Tom Sawyer* não é somente domesticadora, mas “regionalizadora” (conforme conceito proposto no subcapítulo 2.2). Isso se deve ao fato de Lobato ter utilizado um grande número (47% dos casos) de “equivalentes consagrados” na tradução - termos que sejam reconhecidos como equivalentes ao original, dicionarizados ou consagrados no uso. A “adaptação” também teve uma frequência significativa na tradução; Lobato substituiu as regionalidades presentes no texto-fonte por outras que sejam reconhecidas na cultura do texto da língua-meta. “Equivalência” pressupõe domesticação, assim como “adaptação” pressupõe “regionalização”.

Todo o aporte teórico sobre cultura apresentado no capítulo 2 serviu para sustentar a teoria de que a língua incorpora a cultura e esta é manifestada através da língua, pois como postula Cuche, “cada cultura é dotada de um ‘estilo’ particular que se exprime através da língua” (2002, p. 45); o que pôde ser verificado durante a análise dos trechos selecionados nessa pesquisa.

Apesar de Mark Twain ser considerado um dos expoentes do regionalismo norte-americano por muitos autores e críticos de literatura, comprova-se, a partir do conceito de *regionalismo* proposto por Arendt (2012) e pela definição de *literatura regionalista* de Stüben

(2013), que Twain é regionalista, mas em *The Adventures of Tom Sawyer* (1876) ele não pode ser considerado regionalista, visto que a região serve apenas como pano de fundo, não é exaltada.

É interessante observar que Lobato traduz a obra apenas três anos após ter voltado dos Estados Unidos. Talvez essa sua ida à América do Norte tenha sido fundamental para que ele decidisse traduzir Mark Twain, já que o autor era considerado um dos precursores da literatura estadunidense. Entretanto, é apenas uma hipótese.

Percebe-se, ainda, que a tradução é influenciada por fatores externos, como, por exemplo, o contexto histórico. Muitas lexias e expressões utilizadas por Lobato remetem à época em que ele se situava e não são mais utilizadas nos dias de hoje, principalmente no que diz respeito às formas de tratamento empregadas nos diálogos entre a personagem Tom e sua Tia Polly, ou entre Tom e o escravo Jim. Entretanto, Lobato não representa a oralidade nos diálogos das personagens, ao contrário de Twain. Por essa razão, é que pode-se dizer que um mesmo tradutor, se traduzir uma mesma obra em dois períodos diferentes de sua vida, terá como resultado dois textos diferentes, mas com um núcleo invariável.

Ao analisar a obra original e sua versão traduzida, nota-se a presença de certos valores ideológicos, mesmo que não diretamente explícitos. Em ambos os textos é verificada uma sátira às instituições e certa revolta dos personagens perante a sociedade em que vivem. Talvez seja por esse motivo que os leitores se identificam tanto com a obra, o que contribui para a formação de uma consciência crítica.

Acredita-se, assim, que o presente trabalho atingiu os objetivos propostos, na medida em que analisa de que forma ambos os textos representam as particularidades culturais da região na qual se situam, relacionando cultura, língua, tradução e regionalidade. Entretanto, ainda deixa lacunas, visto que apenas uma parte da obra foi analisada.

Este estudo comprova que a regionalidade pode não somente ser considerada uma estratégia/técnica de tradução, mas também servir como uma categoria de análise de uma tradução, ou seja, uma tradução pode ser analisada com foco em suas regionalidades; visto que uma tradução pode ser muito mais do que uma domesticação, ela pode ser uma “regionalização”.

Pretende-se, dessa forma, que este estudo contribua para os estudos de tradução a níveis regionais e nacionais, principalmente àqueles que desejam aprofundá-los à luz da regionalidade. Ressalta-se que esta pesquisa não finda nessa análise. Novos métodos e abordagens podem vir a enriquecer as conclusões e reflexões aqui feitas.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR e SILVA, V. M. de. *A estrutura do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.
- ARENDRT, João Claudio. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *RUA* [online]. Unicamp, n. 18, v. 2, 2012.
- AUBERT, Francis Henrik. *As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do traduzir*. 2 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Mascarenhas de Rezende Camargos, Vladimir Sachetta. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.
- BELTRAM, Claudine Possoli. *O léxico como representação cultural em traduções de As vinhas da Ira*. 2012. 81 f. Dissertação – Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul. Disponível em: <[http://biblioteca.ucs.br/Claudine\\_Possoli\\_Beltram.pdf](http://biblioteca.ucs.br/Claudine_Possoli_Beltram.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001.
- BRITTO, Paulo Henriques. *Tradução e ilusão*. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 26, p. 21-27, 2012.
- BRONISLAWSKI, Patricia, CORDEIRO, Mariana Sbaraini. *Dois olhares sobre Tom Sawyer: análise de traduções brasileiras*. Interfaces, v. 1, p. 106-113, 2010.
- BROWN, Roger; FORD, Marguerite. Address in American English. *Journal of abnormal and social psychology*, v. 62, n. 2, p. 375-385, 1961.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Solange Peixe Pinheiro de. *A tradução do socioleto literário: um estudo de Wuthering Heights*. 2006. 212 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09112007-142700/pt-br.php>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

CHACOTO, Lucília. *A produção fraseoparemiográfica*. In: ALVAREZ, Maria Luiza Ortiz (org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes, 2012.

CHEVREL, Yves. *Les traductions: un patrimoine littéraire?* Revue d'Histoire Littéraire de la France. n. 3. Paris, p. 355-360. May-Juin, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CORDEIRO, Mariana Sbaraini. *Mark Twain na "vitrine" de Lobato*. Dissertação (Mestrado em Letras): Universidade Estadual de Londrina. 2004. 118 p.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

DAL CORNO, Giselle O. M; SOPPELSA, Fernanda B.. *Formas de tratamento em traduções de Adventures of Tom Sawyer: relações sociais e afetivas*. Linguagem, Estudos e Pesquisas (UFG), 2015.

DELBECQUE, Nicole. *A linguística cognitiva: epigênese e desenvolvimento*. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

DURANTI, Alessandro. *Linguistic Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 1997.

ECO, Umberto. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

Etymonline. Disponível em: <<http://www.etymonline.com/>>. Acesso em: 27 maio 2015.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Totalmente revista e ampliada. RJ: Nova Fronteira, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAESBERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares* (Letras e Humanidades), n. 3, jan/jul 2010, Caxias do Sul, p. 2-24.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. *A tradução do inglês sulista norte-americano em três filmes dos irmãos Coen: uma análise descritiva*. 2011. 115 f. Dissertação – Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <[http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Vanessa\\_Lopes\\_Lourenco\\_Hanes\\_-\\_Dissertacao.pdf](http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Vanessa_Lopes_Lourenco_Hanes_-_Dissertacao.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2013.

HANNA, Kátia Regina Vighy. *Tradução do dialeto literário de Burma Jones, da obra A confederacy of dunces*, de John Kennedy Toole. 2006. 113 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São

Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08082007-155011/pt-br.php>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y Traductología: introducción a la Traductología*. Madrid: Cátedra, 2001.

KILIAN, Cristiane Krause. *A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

KRAMSCH, Claire. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 2001.

LANE-MERCIER, Gillian. *Translating the untranslatable: the translator's aesthetic, ideological and political responsibility*. In: *Target: International Journal of Translation Studies*, Amsterdam, v. 9, n. 1, p. 43-68, 1997.

LEARY, Lewis. *Mark Twain*. Livraria Martins Editora. São Paulo, 1964.

LEIVAS WAQUIL, Marina. *Unidades fraseológicas especializadas e técnicas tradutórias*. Debate Terminológico. No. 9, Nov. 2013; p. 56-81

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Structural Anthropology*. The Penguin Press, 1968.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas: contos e impressões*. São Paulo: Revista do Brasil, 1919. 213 p.

\_\_\_\_\_. *URUPÊS*. São Paulo: Brasiliense Ltda., 1946.

\_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense Ltda., 1946.

LOPES, Reinaldo José. *A árvore das histórias: uma proposta de tradução para Tree and Leaf, de J.R.R. Tolkien*. 2006. 230 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-10082007-154453/pt-br.php>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MENDES, Denise Rezende. *Monteiro Lobato, o tradutor*. Universidade Federal de Juiz de Fora (Monografia). 2002. 59 p.

MERRIAM-WEBSTER Dictionary. [online]. Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MICHAELIS: moderno dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

NORTHEASTERN Area. Disponível em: <[http://www.na.fs.fed.us/spfo/pubs/silvics\\_manual/volume\\_2/gleditsia/triacanthos.htm](http://www.na.fs.fed.us/spfo/pubs/silvics_manual/volume_2/gleditsia/triacanthos.htm)>. Acesso em: 24 jun. 2015.

OLIVEN, Ruben. *A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil Nação*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

OLMI, Alba. *Metodologia Crítica da Tradução Literária: duas versões italianas de Dom Casmurro*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001. 327 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

POZENATO, José C. *Processos Culturais*. Reflexões sobre a dinâmica Cultural. Caxias do Sul: Educs, 2005.

RAMOS, Vera Lúcia. *A sivilização - civilização de Huckleberry Finn: uma proposta de tradução*. 2008. 257 f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-27082009-165932/pt-br.php>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SAPIR, Edward. Cultural Anthropology and Psychiatry. In: D.G. Mandelbaum. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1949.

SILVEIRA, Denise Tolfo & CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: *Métodos de Pesquisa*. SILVEIRA, Denise Tolfo, GERHARDT, Tatiana Engel (org.). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e Literatura na região. In: ARENDT, João Claudio; NEUMANN, Gerson Roberto. (org.). *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.

TWAIN, Mark. *Adventures of Tom Sawyer*. London: Penguin, 1994. [1876]. Penguin Popular Classics series.

\_\_\_\_\_. *The Adventures of Tom Sawyer*. New York: Harper & Brothers, 1920.

\_\_\_\_\_. *Aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Monteiro Lobato. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972 [1934].

\_\_\_\_\_. *Autobiografia de Mark Twain*. Tradução de Neil. R. Da Silva. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1961.

VANSPANCKEREN, Kathryn. *Outline of American Literature*. Christopher Little, 1994.

VENUTI, Lawrence. A tradução e a formação de identidades culturais. In: SIGNORINI, Inês (org). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 173-200.

VIEIRA, Adriana Silene. O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira [et. al.]. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 136p.

VINAY, Jean-Paul, DARBELNET, Jean. A methodology for translation. In: VENUTI, Lawrence. *The translation studies reader*. Taylor & Francis e-Library, 2004.

WELKER, Herbert Andreas. Colocações e expressões idiomáticas em dicionários gerais. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz, UNTERNBAUMEN, Enrique Huelva. *Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. (Orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

WHITE, Vera Lúcia. *A influência do filme de Walt Disney nas traduções e adaptações brasileiras de Peter Pan entre 1953 e 2011*. Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado: São Paulo, 2010).

XATARA, Claudia Maria. *O campo minado das expressões idiomáticas*. São Paulo: Alfa, 1998, p. 147-159.

ZILBERMAN, Regina. *Como e porque ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

## **APÊNDICE A**

	<i>The adventures of Tom Sawyer – Mark Twain</i>	<i>Aventuras de Tom Sawyer – tradução de Monteiro Lobato</i>
01	“[...] Forty times I’ve said if you didn’t let that jam alone I’d skin you. Hand me that switch.” (p. 12)	“[...] Já disse vinte vêzes: se não me deixa em paz a geléia, eu arranco êsse couro. Dê cá a vara...” (p. 10)
02	“Can’t learn an old dog new tricks, as the saying is.” (p. 12)	“Cão velho não aprende truque novo, como dizem, [...]” (p. 10)
03	“He’s full of the Old Scratch, but laws-a-me!” (p.12)	“Ele tem o demo no corpo, mas que fazer?” (p. 10)
04	“He got back home barely in season to help Jim, the small colored boy, saw next-day’s wood and split the kindlings before supper – [...]” (p. 13)	“Voltou tarde, quase sem tempo de ajudar Jim, o negrinho, a serrar lenha para o dia seguinte e rachar alguma para aquela noite” (p. 11)
05	“- Tom, it was middling warm in school, warn’t it? - Yes’m.” (p. 13)	“- Tom – perguntou ela -, não fêz muito calor hoje na escola? - S...im, titia.” (p. 11)
06	“A bit of scare shot through Tom – a touch of uncomfortable suspicion.” (p. 13)	“O menino sentiu a pulga atrás da orelha e olhou bem para a tia; [...]” (p. 11)
07	“Siddy, I’ll lick you for that” (p. 14)	“- Esta não fica assim! Você me paga.” (p. 12)
08	“I can lick you” (p. 15)	“- Posso dar em você.” (p. 13)
09	“Tisn’t any of your business, maybe.” “Well I’low I’ll <i>make</i> it my business.” “Well why don’t you?” “If you say much I will.” “Much-much- <i>much</i> . There now.” (p. 15-16)	“- Não é da sua conta! - Pois se eu quiser fica sendo. - Experimente! - Continue assim, que vai ver. - Oh, oh, oh!...” (p. 14)
10	“Smarty! You think you’re <i>some</i> , now, don’t you? Oh what a hat!” “You can lump that hat if you don’t like it. I dare you to knock it off – and anybody that’ll take a dare will suck eggs.” (p. 16)	“- Prosa! Pensa que é algum? Olhe êsse chapéu! - Pois tire-o da minha cabeça, se não gosta; você ou quem fizer isso, há de ver.” (p. 14)
11	“You’re a fighting liar and dasn’t take it up.” “Aw – take a walk!” “Say – if you give me much more of sass I’ll take and bounce a rock off’n your head.” (p. 16)	“- Mentiroso é você! - Mentiroso, sim, e dos que não escoram. - Dê um passo para ver. - Se continua, pego uma pedra e racho essa cabeça.” (p. 14)
12	“So they stood, each with a foot placed at an angle as a brace, and both shoving with might and main, and glowering at each other with hate. But neither could get an advantage. After struggling till both were hot and flushed, each relaxed his strain with watchful caution, and Tom said: [...]” (p. 16)	“Estavam os dois plantados frente a frente e a se comerem de ódio. Mas nenhum cedia. Depois de algum tempo daquele duelo, ambos afrouxaram a tensão, mas sempre em guarda.” (p. 15)
13	“Well, you <i>said</i> you’d do it – why don’t you do it? By jingo! For two cents I <i>will</i> do it.” (p. 17)	“O menino pisou no risco. - Pronto! Quero ver o que acontece. - Por dois centavos eu mostro – revidou

		Tom.” (p. 15)
14	“Holler ‘nuff! said he. The boy only struggled to free himself. He was crying – mainly from rage.” (p. 17)	“- Entrega o pito – dizia Tom; e o menino forcejava por livrar-se de suas unhas. Estava chorando de ódio.” (p. 15)
15	“The new boy went off brushing the dust from his clothes, sobbing, snuffling, and occasionally looking back and shaking his head and threatening what he would do to Tom the ‘next time he caught him out’. To which Tom responded with jeers, and started off in his high feather, and as soon as his back was turned the new boy snatched up a stone, threw it and hit him between the shoulders and then turned tail and ran like an antelope. Tom chased the traitor home, and thus found out where he lived. He then held a position at the gate for some time, daring the enemy to come outside, but the enemy only made faces at him through the window and declined. At last the enemy’s mother appeared, and called Tom a bad, vicious, vulgar child, and ordered him away. So he went away; but he said he ‘lowed’ to ‘lay’ for that boy.” (p. 17-18)	“O vencido lá se foi, a espanejar-se entre soluços, amiúde voltando-se para o ameaçar de surra na primeira ocasião em que o apanhasse de jeito. Tom respondia com mofas, e ia andando com ar de triunfo; mas ao chegar a certa distância o outro lançou-lhe uma pedra, que o alcançou pelas costas e fugiu no galope. Tom o perseguiu até vê-lo entrar em casa – e ficou sabendo onde residia. Tomou posição ali por perto e desafiou o inimigo a sair em campo raso. O inimigo, porém, contentou-se com mostrar-lhe a língua e fazer-lhe caretas por trás dos vidros da janela. Por fim apareceu a mãe do menino, que xingou Tom de moleque e mandou-o safar-se dali. Tom obedeceu – mas antes gritou que o menino havia de pagar.” (p. 15-16)
16	“The locust trees were in bloom and the fragrance of the blossoms filled the air. Cardiff Hill, beyond the village and above it, was green with vegetation, and it lay just far enough away to seem a Delectable Land, dreamy, reposeful, and inviting.” (p. 19)	“O perfume das acácias boiava no ar. O morro de Cardiff, a cavaleiro da aldeia, todo verde, ficava a certa distância – o necessário para fazê-lo parecer uma terra do sonho, repousante e convidativa.” (p. 18)
17	“Say, Jim, I’ll fetch the water if you’ll whitewash some.” Jim shook his head and said: “Can’t, Mars Tom. Ole misses, she tole me I got to go an’ git dis water an’ not stop foolin’ roun’ wid anybody. She say she spec’ Mars Tom gwine to ax me to whitewash, an’ so she tole me go ‘long an’ ‘tend to my own business – she ‘lowed <i>she’d</i> ‘tend to de whitewashin’.” (p. 19-20)	“- Escute, Jim: vou carregar água enquanto você caia um pouco. Jim sacudiu a cabeça. - Não posso, Sinhôzinho. Sinhá me mandou carregar água e não quer que banze pelo caminho. Também me disse que com certeza Sinhôzinho me ia pedir para dar uma ajuda; mas que eu cuidasse do meu serviço que êle cuidava da caiação.” (p. 19)
18	“Oh, never you mind what she said, Jim. That’s the way she always talks. Gimme the bucket – I won’t be gone only a minute. <i>She</i> won’t ever know.” (p. 20)	“- Não faça caso do que titia diz, Jim. Repete sempre a mesma coisa. Dê cá o balde. Demoro só um minuto...ela nem percebe.” (p. 19)
19	“Jim began to waver. ‘White alley, Jim! And it’s a bully taw.’ ‘My! Dat’s a mighty gay marvel, I <i>tell</i> you! But Mars Tom I’s powerful ‘fraid ole	“O negro começou a vacilar. ‘- Uma bolinha branca, Jim. Das de mármore.’ ‘- Por Deus! Isso é uma maravilha...Mas

	missis-“” (p. 20)	olhe, Sinhôzinho, que estou com medo da velha...” (p. 19)
20	“No – no – I reckon it wouldn’t hardly do, Ben. You see, Aunt Polly’s awful particular about this fence – right here on the street, you know – but if it was the back fence I wouldn’t mind and <i>she</i> wouldn’t.” (p. 22)	“- Não...não pode...não fica direito, Ben. Tia Polly é muito exigente com esta cêrca... bem aqui na rua, você sabe. Se fôsse a dos fundos, eu deixava...ela não faria caso.” (p. 22)
21	“Oh, shucks, I’ll be just as careful. Now lemme try. Say – I’ll give you the core of my apple.” (p. 23)	“- Oh, não tenha medo de nada! Tomarei todo o cuidado. E te dou o miolo da minha maçã.” (p. 22)
22	“[...] He had beside the things before mentioned, twelve marbles, part of a jews-harp, a piece of blue bottle-grass to look through, a spool cannon, a key that wouldn’t unlock anything, a fragment of chalk, a glass stopper of a decanter, a tin soldier, a couple of tadpoles, six fire-crackers, a kitten with only one eye, a brass door-knob, a dog-collar – but no dog – the handle of a knife, four pieces of orange-peel, and a dilapidated old window-sash.” (p. 23)	“[...] Além do já mencionado, entrara na posse de doze tentos, um pedaço de berimbau, um pedaço de vidro de côr pra ver através, uma chave sem fechadura, um tôco de giz, um soldadinho de chumbo, um par de sapinhos, seis traques da China, um gatinho de um ôlho só, um trinco de porta, uma coleira de cachorro sem cachorro, um cabo de faca, cinco rodela de casca de laranja, uma enferrujada mola de janela corrediça.” (p. 22-23)
23	“Well, I never! There’s no getting round it, you <i>can</i> work when you’re a mind to, Tom.’ And then she diluted the compliment by adding, ‘But it’s powerful seldom you’re a mind to, I’m bound to say. Well, go ‘long and play; but mind you get back sometime in a week, or I’ll tan you.’” (p. 25)	“- Que coisa! Como êste menino trabalha bem e depressa, quando quer! Pena que raramente queira. Pois está bem, vá brincar. Mas volte, hein! Não me leve a semana inteira fora, que eu te arranco êsse couro.” (p. 24)
24	“As he was passing by the house where Jeff Thatcher lived, he saw a new girl in the garden – a lovely little blue-eyed creature with yellow hair plaited into two long tails, white summer frock and embroidered pantalettes. [...]” (p. 26)	“Ao passar pela residência de Jeff Thatcher viu no jardim uma menina desconhecida – linda, de olhos azuis, duas tranças louras, vestido branco e <i>pantalettes</i> bordadas. [...]” (p. 25-26)
25	“He worshiped this new angel with furtive eye, till he saw that she had discovered him; then he pretended he did not know she was present, and began to ‘show off’ in all sorts of absurd boyish ways, in order to win her admiration. [...]” (p. 27)	“Tom estêve ali, escondido, espiando o nôvo anjo, mas foi pilhado, e então fingiu que não a estava vendo e pôs-se a fazer tôda sorte de demonstrações. [...]” (p. 26)
26	“All through supper his spirits were so high that his aunt wondered ‘what had got into the child’. He took a good scolding about clodding Sid, and did not seem to mind it in the least. He tried to steal sugar under his aunt’s very nose, and got his knuckles rapped for it. [...]” (p. 27-28)	“Durante o jantar mostrou-se tão serelepe que a tia estranhou; e, sem fazer a mínima conta, tomou um bom pito por haver apedrejado Sid. Por fim, ao tentar furtar açúcar no nariz da titia, levou um golpe nos dedos. [...]” (p. 28)

27	<p>“Hold on, now, what ‘er you belting <i>me</i> for? – Sid broke it!” Aunt Polly paused, perplexed, and Tom looked for healing pity. But when she got her tongue again, she only said: ‘Umf! Well, you didn’t get a lick amiss, I reckon. You been into some other audacious mischief when I wasn’t around, like enough.’” (p. 28)</p>	<p>“- Epa, titia! Por que me bate? Foi Sid quem quebrou o açucareiro. Tia Polly parou, perplexa, e Tom esperou um pedido de desculpa, mas o que a velha disse foi: - Pois não seria perdida a sova, porque alguma outra andou você fazendo por aqui.” (p. 28)</p>
28	<p>“Look at him, Jim! He’s going up there. Say – look! he’s a going to shake hands with him – he <i>is</i> shaking hands with him! By jings, don’t you wish you was Jeff? Mr. Walters fell to ‘showing off’, with all sorts of official bustlings and activities giving orders, delivering judgments, discharging directions here, there, everywhere that he could find a target. [...]” (p. 37)</p>	<p>“- Olhe a importância de Jeff! Lá vai ter com êle! Está apertando a mão dêle, olhe, olhe! Por Deus – você não queria ser Jeff? O Sr. Walters também caiu na semostração, com tôda sorte de ‘fitas’ oficiais – dando ordens, emitindo pareceres, lançando instruções para aqui, ali e acolá, onde houvesse um alvo. [...]” (p. 39)</p>
29	<p>“There was a rustling of dresses, and the standing congregation sat down. The boy whose history this book relates did not enjoy the prayer, he only endured it – if he even did that much. He was restive all through it; he kept tally of the details of the prayer, unconsciously – for he was not listening, but he knew the ground of old, and the clergyman’s regular route over it – and when a little trifle of new matter was interlarded, his ear detected it and his whole nature resented it; he considered additions unfair, and scoundrelly.” (p. 43)</p>	<p>“Houve um frufu de vestidos e todos se sentaram. Tom não se enlevou com aquela oração; apenas a aguentou – se chegou a tanto. Durante toda a lengalenga esteve de pé atrás, atento a qualquer enxêrto que o pastor fizesse em coisa já tantas vezes ouvida; à menor mudancinha o corpo inteiro de Tom reagia: eram falsificações.” (p. 45)</p>
30	<p>“[...] Presently he bethought him of a treasure he had and got it out. It was a large black beetle with formidable jaws – a ‘pich-bug,’ he called it. It was in a percussion-cap box. [...]” (p. 44)</p>	<p>“[...] Tom lembrou-se de um tesouro que tinha no bôlso – um escaravelho de fortes mandíbulas. Estava numa caixa de espolêtas. [...]” (p. 46)</p>
31	<p>“[...] His heart was heavy, and he said with a disdain which he did not feel, that it wasn’t anything to spit like Tom Sawyer; but another boy said ‘Sour Grapes!’ and he wandered away a dismantled hero.” (p. 50)</p>	<p>“[...] O despeito o levou a fazer pouco caso das cuspidas de Tom. Um que conhecia a fábula da ‘Rapôsa e as Uvas’ gritou logo: ‘Estão verdes!’, e o dedo cortado lá seguiu o seu caminho como um herói esquecido.” (p. 53)</p>
32	<p>“[...] ‘Say – what is dead cats good for, Huck?’ ‘Good for? Cure warts with it’ ‘No! Is that so? I know something that’s better.’ ‘I bet you don’t. What is it?’ ‘Why, spunk-water’</p>	<p>“[...] – E gato morto, para que serve? - Para que serve? Homessa! Para curar verruga. - Não?! ... De verdade? ... Eu sei de coisa melhor. - Duvido. Que é? - Água de pau podre.</p>

	‘Spunk-water! I wouldn’t give a dern for spunk-water.’ [...]” (p. 51)	- Oh, eu não dou um vintém furado por água de pau podre. [...]” (p. 55-56)
33	“ [...] You got to go all by yourself, to the middle of the woods, where you know there’s a spunk-water stump, and just as it’s midnight you back up against the stump and jam your hand in and say: <i>Barley-corn, Barley-corn, injun-meal shorts, Spunk-water, spunk-water, swaller these warts.</i> and then walk away quick, eleven steps, with your eyes shut, and then turn around three times and walk home without speaking to anybody. Because if you speak the charm’s busted.” (p. 51-52)	“– [...] É preciso ir para o meio da floresta onde haja um pau podre com água dentro e à meia-noite ficar de costas para o pau, mergulhar a mão na água e dizer: <i>Crocodilos, jacarés e tartarugas, Devorai-me aqui depressa estas verrugas;</i> e então caminhar onze passos com os olhos fechados, e dar três voltas e ir para casa sem falar com pessoa nenhuma. Se falar, quebra o encanto.” (p. 56)
34	“Thomas Sawyer, this is the most astounding confession I have ever listened to. No mere ferule will answer for this offence. Take off your jacket.” (p. 55)	“- Tomás Sawyer, esta é a mais espantosa confissão que jamais ouvi em minha vida. A palmatória não basta. Dispa o casaco.” (p. 60)
35	“The titter that rippled around the room appeared to abash the boy, but in reality that result was caused rather more by his worshipful awe of his unknown idol and the dread pleasure that lay in his high good fortune.” (p. 55)	“O côro de risotas que se ergueu da sala parecia explicar o envergonhamento do menino, mas a verdadeira causa do seu rubor era a felicidade que lhe caía do céu.” (p. 60)
36	“[...] Then furtively the percussion-cap box came out. He released the tick and put him on the long flat desk. [...] While one boy was worrying the tick with absorbing interest, the other would look on with interest as strong, the two heads bowed together over the slate, and the two souls dead to all things else.” (p. 58-59)	“[...] Furtivamente tirou a caixa de espoletas, abriu-a; sacou de dentro o carrapato, que botou sôbre a carteira. [...] Enquanto um dos meninos atropelava o carrapato, o outro assistia à cena com o maior interesse, debruçados ambos sôbre a lousa e inteiramente alheios a tudo mais.” (p. 64-65)
37	“‘Tom, you let him alone.’ ‘I only just want to stir him up a little, Joe.’”(p. 59)	“- Deixe-o em paz, Tom. Assim não vale. - Só quis ajudar um bocadinho.” (p. 65)
38	“‘I been to the circus three or four times – lots of times. Church ain’t shucks to a circus. There’s things going on at a circus all the time. I’m going to be a clown in a circus when I grow up.’ ‘Yes, that’s so. And they get slathers of money – most a dollar a day, Ben Rogers says. [...]’”(p. 60)	“- Pois eu já fui um colosso de vêzes, três ou quatro! Igreja é pulga perto de circo. No circo está sempre acontecendo coisas. Sabe que vou ser palhaço, quando crescer? [...] - Pois é... e êles ganham um dinheirão, mais de um dólar por dia, me contou Bem Rogers. [...]” (p. 67)

39	“[...] They said they would rather be outlaws a year in Sherwood Forest than President of the United States forever.” (p. 68)	“[...] Tom e Joe preferiam ser bandoleiros por um ano na floresta de Sherwood a serem presidentes dos Estados Unidos pela vida inteira.” (p. 77)
40	“‘Look! See there!’ whispered Tom. ‘What is it?’ ‘It’s devil-fire. O, Tom, this is awful.’” (p. 71)	“- Olhe! Olhe lá! – sussurrou Tom – Que é aquilo? - Boitatá! Horrível, Tom.” (p. 80)